

COLEÇÃO APLAUSOTEATROBRASIL

O TESTAMENTO DO CANGACEIRO
AS AVENTURAS DE RIPIÓ LACRAIA
FARSAS COM CANGACEIRO, TRUCO E PADRE
GALILEU DA GALILEIA

O TEATRO DE CORDELE
CHICO DE ASSIS

Imprensa Oficial

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

**O Testamento do Cangaceiro
As Aventuras de Ripió Lacreia
Farsa com Cangaceiro, Truco e Padre
Galileu da Galileia**

Chico de Assis

| imprensaoficial

São Paulo, 2009



Governador José Serra

imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as consequências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

O Mais Menino de Nossos Irmãos Mais Velhos

Havia muitos notáveis no 1º Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, que o governador Miguel Arraes recepcionou em Recife. Era setembro de 1963. O nome que se destacava era o de um educador, Paulo Freire. A experiência de alfabetização na pequena cidade de Angicos, baseada no que logo se espalhou como *método Paulo Freire*, contagiava aquele momento singular de participação da sociedade na definição dos destinos do País. Apostavam-se as fichas em um futuro em que Educação e Cultura, juntas, fariam brotar gerações de cidadãos conscientes, participativos e com sólida formação escolar e humanística. Para muitos jovens, ainda adolescentes, se Paulo Freire era o nome na Educação, na Cultura uma das referências chamava-se Chico de Assis. Simples assim. Chico de Assis. Nome tão comum, tão brasileiro, tão despido de solenidade. Francisco de Assis Pereira, eu soube depois, era o seu nome completo. Ele estava associado ao CPC – Centro Popular de Cultura nascido na União Nacional dos Estudantes e à *Canção do subdesenvolvido*, que servia de hino da nossa rebeldia juvenil. A letra e o refrão repetitivo e fácil do Chico ganharam a parceria de Carlinhos Lira, que não se

contentava com o amor e a flor da Bossa Nova cantados nos apartamentos de Copacabana e Ipanema. A *Canção do subdesenvolvido* era uma crítica bem humorada à ação do imperialismo – não se falava em globalização ainda – em países de economia primitiva, transformando-os em meros fornecedores de matéria-prima e mão de obra barata. Bertolt Brecht, em seus melhores momentos panfletários, seria parceiro de Chico de Assis e Kurt Weill assinaria com Carlinhos Lira a partitura descomplicada a serviço do discurso ideológico.

12

Na véspera da Primavera de 1963, o Brasil a que fomos apresentados era o país dos sonhos de todos que lutavam contra a miséria e a ignorância. As utopias, todas, se encontravam em Recife. Católicos, evangélicos, comunistas, cabia de tudo naquele caldeirão cultural. A poesia das ruas convivendo com os versos de Ferreira Gullar, Thiago de Mello e Moacyr Félix, cordel e mamulengo se encontrando com Lope de Vega e os atores do Teatro de Arena de São Paulo em *O Melhor Juiz, o Rei* no palco histórico do Teatro Princesa Isabel.

Foi nesse cenário que me aproximei de Chico de Assis. Eu e tantos estudantes secundaristas, adolescentes, que logo se identificaram com o seu discurso inflamado, irreverente, desabrido.

Chico ainda era muito jovem, mas nós mal tínhamos saído dos cueiros, daí a admiração por aquele paulistano que eu imaginava um nordestino, vejam só. Não só porque os personagens do seu teatro são uma síntese do homem brasileiro, mas porque ele mesmo é síntese do brasileiro típico, no corpo e no espírito. Com uma qualidade adicional intocada quase 50 anos depois – manteve-se menino, sempre, não importa o que o tempo lhe acrescentou, não em rugas, que ele não as tem, mas em vivências, as boas e as não tão boas.

Eu ainda não tinha idade para vê-lo estreiar em *Chapetuba Futebol Clube*, de Oduvaldo Vianna Filho, com o elenco do Teatro de Arena em Marília, minha cidade em 1959. Em seguida, ele trocou São Paulo pelo Rio de Janeiro, onde ficou até um ano depois do golpe militar de 1964. Por isso, por um tempo a sua importância se resumia na *Canção do subdesenvolvido* que alimentava as nossas utopias subversivas. Não demorou muito para eu descobrir as múltiplas artes do Chico. Ator, autor, diretor, músico, poeta, jornalista, produtor e, acima ou por causa disso tudo, um eterno estudante exercendo seus ofícios no teatro, na imprensa, no cinema, na televisão, no rádio. Quando o reencontrei em São Paulo, no fim dos anos 1960, criou-se

entre nós uma relação fraterna que me leva a considerá-lo, hoje mais que em qualquer outro momento, um irmão mais velho, inquieto, provocador e mais moleque que todos nós. Que o leitor me desculpe se não faço um texto objetivo, jornalístico e crítico sobre Chico de Assis e as suas peças de teatro. Não consigo falar dele senão por esse viés da amizade que se fortaleceu no trabalho, na convivência e na cumplicidade de tantos amigos comuns. Ripió Lacraia e todos os seus personagens de alma tão brasileira falam melhor do Chico como dramaturgo, um dramaturgo que jamais fez do teatro um exercício de auto-referência, um olhar para o próprio umbigo. Eu me contento em repisar o óbvio. Apesar dos seus muitos talentos ele é, definitivamente, um homem de teatro. Porque é no teatro que bate mais forte o seu coração generoso.

Como dramaturgo, e por conta da inquietação que não o deixava concentrar-se em um único trabalho, a sua indisciplina eu vi ser domada pelo diretor Ademar Guerra, que lhe propôs o desafio de escrever *Missa Leiga* em 1971. A ditadura militar fazia estragos com prisões, torturas e repressão desenfreada. A liturgia da missa católica oferecia a estrutura dramática perfeita para a denúncia da violência. Para completar, o espetáculo aconteceria dentro de uma igreja, a

da Consolação, no centro de São Paulo. Chico de Assis comprou o projeto de Ademar Guerra, que teria música original de Cláudio Petraglia e produção de Ruth Escobar. Mas o tempo era curto. Desta vez, Chico se aplicou e em dois dias concluiu a peça, para surpresa de Ademar. Surpresa sim, porque não foram poucas as vezes em que o diretor, para obrigá-lo a concentrar-se na escrita de um texto, principalmente para televisão, trancou Chico no escritório de seu apartamento na Rua Padre João Manuel. E ficava na porta, feito cão de guarda, atendendo telefone, brincando com Silvia, a filha pequena de Chico e Camila, levando água, café e lanche para o dramaturgo que, a cada página concluída, entregava o texto às observações do diretor. *Missa Leiga* estreitou a nossa amizade, pois ali estreei como ator profissional. Vinte anos depois, em depoimento para a biografia de Ademar, Chico ao falar do amigo falava de si mesmo: *Ainda sinto sua presença incômoda nos meus pensamentos, dizendo: Escreva e não fale. Ademar foi o maior fiscal de autores vagabundos do Brasil. Sílvio de Abreu se emendou, eu ainda não.*

15

Na ausência de Ademar, coube ao Chico ser não um fiscal de autores e sim um semeador. Ao não deixar se perder o pioneiro Seminário de

Dramaturgia do Teatro de Arena, do qual participou em 1958, ele mantém a sua fé no teatro como agente de mobilização de ideias. Mais do que ensinar dramaturgia ou as suas regras, ele tem sido um pensador do Teatro, contaminando de paixão os que estão à sua volta. É possível que, nas últimas décadas, tenha estimulado até o surgimento de novos dramaturgos. Mas não parece ser este o objetivo que o move e sim fazer do teatro um instrumento eficiente para investigar e discutir a condição humana. Por isso, ecoa ainda o testemunho do ator Francarlos Reis que, dias antes de morrer subitamente em abril de 2009, participou de uma homenagem ao Chico no teatrinho da Rua Teodoro Baima. Depois de ouvir vários depoimentos comovidos de alunos de todas as idades, Francarlos resumiu: *Não fui seu aluno, Chico, mas eu quero agradecer o seu amor pelo teatro. Todos nós agradecemos.*

Oswaldo Mendes

Outono de 2009

Introdução

Por volta de 1957, caíram em minhas mãos 800 livros de literatura de cordel. Eu nunca tinha lido nenhum deles, mas foi uma revelação. Encontrei naquelas obras ingênuas muito mais do que uma diversão literária. Investiguei as estruturas e achei que boa parte da estética popular brasileira estava ali naqueles livros de poucas páginas e grande conteúdo. Eu já havia escrito umas três peças teatrais quando intentei uma trilogia de cordel baseada naqueles livros.

Na verdade, eu buscava a estrutura poética de um herói brasileiro. Assim foi que nasceu Cearim, protagonista de *O Testamento do Cangaceiro*. Escrevi a peça sempre pensando no Lima Duarte, porque ele, para mim, foi o descobridor da estética do herói rural brasileiro. Quando o Boal resolveu montar, no Arena, fui correndo buscá-lo para fazer o papel.

A segunda peça da trilogia foi a busca de uma estrutura de épico-popular. Meu herói, desta vez, era todos e não era ninguém. Como se as honras para um herói popular não encontrassem senão todos os homens e mulheres do povo brasileiro. O herói coletivo era o principal agente da peça *As Aventuras de Ripió Lacraia*.

Zé Renato Pécora dirigiu no Teatro Nacional de Comédia e Agildo Ribeiro foi o Ripió.

Fechando a trilogia, um herói fabuloso e cheio de causos, isso porque eu o inseri à estrutura dos causos populares. Xandú Quaresma emergiu numa época de intranquilidade na vida nacional. Eram os anos de chumbo da ditadura de 64. Fiz dele um preso, pois os presos políticos eram as pessoas mais importantes do país. A peça ganhou uma estrutura de farsa acrescentada ao cordel e ao épico popular. O título explica mais um pouco: *Farsa com Cangaceiro, Truco e Padre*. Meu herói, desta vez, foi vivido por um garoto que se iniciava no teatro, mas que já mostrava o talento que tinha. Antonio Fagundes viveu Xandú, com seus causos e mentiras. Afonso Gentil dirigiu a peça no Teatro de Arena.

18

Além do trabalho experimental, uma peça surgiu da trilogia. Agora meu herói era Galileu Galilei. Usei a essência do cordel de empregar grandes personagens em suas histórias. Mas meu Galileu não poderia ser senão da Galileia, com toda a sua prosopopeia. Meu herói, agora, era representado pelo ator Carlos Meceni, Emílio Fontana dirigiu a peça no Teatro da Praça. *Galileu da Galileia*, além de todas as estruturas que eu havia já experimentado na

trilogia, tinha a dimensão da rima popular. Era uma peça em verso. Verso caótico.

A edição dessas peças é um presente que ganho da Imprensa Oficial. Mas devo agradecer muito a duas pessoas amigas, ao Rubens Ewald Filho e à Eliana Iglesias, pelo que está acontecendo agora.

Chico de Assis

O Testamento do Cangaceiro

Não é uma peça antirreligiosa.

É uma peça contra a fome e a exploração.

*E será, portanto, contra todas as instituições
que pregam a passividade
do homem e das classes
diante do problema da exploração
do homem pelo próprio homem.*

Chico de Assis

O Testamento do Cangaceiro

(Os Perigos da Bondade e da Maldade)

Original de Chico de Assis

Personagens:

Contador

Cearim

Madrinha

O Cego

Cangaceiro

O Cabo

O Sargento

A Prostituta

Ercília

O Sacristão

O Vigário

O irmão do Cangaceiro

O Bodegueiro

O Cachorro

Os camponeses

e mais ninguém, apenas um Narrador

Obs.: O papel do irmão do Cangaceiro poderá ser interpretado pelo mesmo ator que fizer o Cangaceiro. O papel do Bodegueiro poderá ser interpretado pelo Narrador. Os camponeses poderão ser atores dobrando papéis.

**Montagem pelo Teatro de Arena de São Paulo,
em 1961**

Direção: Augusto Boal

Cenário e Figurinos: Flávio Império

Música: Carlos Lyra

Intérpretes:

Cearim – Lima Duarte

Madrinha – Vera Gertel

O Cego – Arnaldo Weiss

Cangaceiro – Milton Gonçalves

O irmão do Cangaceiro – Milton Gonçalves?

O Cabo – ?

O Sargento – ?

A Prostituta – Riva Nimitz

Ercília – ?

O Sacristão – Solano Ribeiro

O Vigário – ?

O Bodegueiro – Nelson Xavier

Narrador – Nelson Xavier

O Cachorro – Henrique Cesar

Primeira Parte: Os perigos da bondade

CENA 1 PRÓLOGO

No escuro, entra a gravação ou “vivo” da canção
Era Uma Vez.

CORO – (*Canta*) Era uma vez...

Era uma vez...

Era uma vez uma história

Era uma vez uma história

e dentro da história

tinha outra história

Era uma vez

Dentro da história

da história

da história da história

Tinha uma porção de história

Era uma vez

Era uma vez

Era uma vez

NARRADOR – Era uma vez uma história

e dentro da história tinha outra história

e dentro da história da história

tinha mais uma porção de história.

Quem contou? Quem contou foi certo velho,
certo dia em certa estrada,
na qual fazia seu caminho,
em tempo muito passado.

Lembrança boa guardei, tique por tique,
os acontecimentos da narração.
História muito interminável,
entremeada nos dramas das peripécias.

Povoada de um despotismo de personagens,
tanto mais muito como na sagrada escritura.
História que de tão grande,
pra contar de inteira havia de passar mais de ano
sem nem para pra comer ou dormir.

NARRADOR – Não guardo de meu uso. Conto.
Faço mesmo gosto de contar e recontar.
Só por diversão de ver as caras mudarem de jeito
quando a história muda de jeito.

28

Escolho as partes curtas,
que dão bom lugar de começo, meio
e um bom ponto certo de paragem...
Fim? Não... que só com morte ou cataclismo.

Então eu conto:
Era uma vez um lugar muito triste
perdido nos longes do sertão.
Nos meses de verão a chuva deixava de cair.

Os rios secavam e a terra rachava.
Mas apesar disso havia gente
que vivia ali trabalhando a terra
e muitas vezes sucumbia ao correr da estiagem
de fome, de sede, de espera.

Durante uma dessas secas, um moço lavrador de nome Cearim...

CENA 2 CEMITÉRIO

Cearim entra e se ajoelha diante do túmulo dos pais.

NARRADOR – ... perdeu seus velhos pais que não aguentaram tantos meses de sofrimento e privações.

O pobre moço se encontrou só no imenso deserto. Tinha resolvido deixar aquele lugar! para sempre, não queria mais estar ligado àquela terra que só havia lhe dado desgostos e sofrimento.

Porém a paisagem era por todos os lados tão desoladora
que não soube o qual caminho tomar
quando então...

Cearim está sem saber o que fazer.

CEARIM – Ah meu Senhor, como é que a gente pode ficar assim tão só e triste. Mas tudo é certo na vontade de Deus. Bem dizer meu pai e minha mãe estão na felicidade eterna... Mas assim mesmo é tão triste. Por que é que tem que ser assim? Trabalho e mais trabalho e no fim tristeza e mais tristeza. A gente pegou de ser trabalhador e bom e cai nesse ficar triste. Nunca fiz mal, nunca. Nem

pra gente, nem pra bicho, nem de pensamento escondido, nem de raiva, nem de nada nenhum... De bem que tenho na vida danada a promessa do céu. Ah meu bom senhor, por que assim tão triste eu tenho que ficar.

Aparece a visão da Madrinha envolta em luz azul. Cearim, com medo, esconde o rosto entre as mãos.

MADRINHA – Por que te escondes, meu filho? Não tenhas medo nem susto, estou aqui pra te ajudar.

Cearim levanta a cabeça devagar até encarar a visão.

30

CEARIM – Quem é a senhora?

MADRINHA – Sou tua madrinha. Quando nasceste, tua mãe me fez voto e promessa.

CEARIM – Bênção, madrinha...

MADRINHA – Deus te abençoe. O que queres?

CEARIM – Uma porção de coisas, posso pedir?

MADRINHA – Pode meu filho...

CEARIM – Que meus pais a quem acabei de dar enterramento voltem à vida.

MADRINHA – Meu filho, a vida é Deus quem dá mas os viventes é que se encarregam dela e cada qual gasta a sua como quer. Depois, todo o vivente é mortal... Isso eu não posso fazer.

CEARIM – Então queria que parasse a seca e caísse uma chuvarada bendita e que então tudo virasse verde de novo e assim ficasse para sempre.

MADRINHA – Também não está no meu poder, as nuvens não obedecem aos santos. Só mesmo esperando... Quem sabe se um dia chove.

CEARIM – É... Quem sabe... Pelo menos queria então que a madrinha mandasse um castigo para o Coronel dono dessas terras, que o danado tão logo parou de chover se escapou pra cidade deixando a gente meio com fome, meio com sede, meio morrendo. Bem que a madrinha podia mandar uma praga bem forte naquele filho de uma égua, que desse nele um quebrante desses de cair braço e perna, olho...

MADRINHA – Ohhhh! Que é isso, meu filho? Isso não é pensamento de cristão, não é coisa de filho de Deus, essa raiva e essa revolta. Pense que se ele fez mal, terá um dia seu castigo.

CEARIM – Bem que a madrinha podia dar uma apressadinha no castigo dele...

MADRINHA – Limpa teu coração desses pensamentos de pecado. Sê bom e puro, e sempre as coisas do mundo te farão feliz... O mundo é sofrimento, mesmo assim é a lei. É preciso viver de acordo com os ensinamento da religião para poder salvar pelo menos a alma.

32

CEARIM – Amém madrinha... Mas é que na preocupação de salvar a alma o corpo acaba se danando de uma vez. Ainda aqui estão meu pai e minha mãe que morreram a bem dizer de eito, madrinha. E lá está o Coronel, gordo que nem um capão na vida regalada e nem por isso deixa de ir na missa pensando na salvação. Eh madrinha, entre salvar a alma danando no eito e salvar a alma balançando numa rede, a madrinha tem que convir que salvar a alma balançando numa rede é muito mais arregalado e isso sem deixar de ser um cristão.

MADRINHA – Meu afilhado Cearim, os pedidos que me fizeste não posso conceder... Só o que posso fazer é te dar muita alegria e confiança, isso se continuares com a bondade no coração. Segue tua vida com a alma pura e sem pecado e sempre te ajudarei como posso e se alguma vez te encontrares em dificuldades, clama por mim que virei ter contigo... Vais deixar tua terra?

CEARIM – Pois se nada mais resta a fazer por aqui, só se ficasse chorando tristeza até sucumbir.

Quero tentar minha sorte e fortuna em algum outro lugar por aí, na cidade talvez. A madrinha podia me ensinar o caminho?

MADRINHA – Ih meu filho, eu não sei... Mas se não me engano, seguindo o leito seco do rio irás ter em uma cidade próxima.

CEARIM – Pois então a madrinha me desculpe, eu peço a bênção e me retiro, pois tenho pouca água e menos ainda comida e pelo jeito, assim sem saber ao certo, a caminhada pode ser longa.

MADRINHA – Te parecerá curta se estiveres alegre. Vai, meu filho, com a minha bênção e a minha proteção. Sê bom e puro, confia nos homens de bem e nos humildes, ajuda sempre a quem puderes e serás ajudado. Faz o bem e receberás em dobro... Até um dia, adeus... Cearim, precisando de alguma coisa e só chamar.

33

A visão desaparece. Cearim abana a mão, dizendo adeus, e logo, carregando a cruz do túmulo, começa a caminhar cantando.

CEARIM – *(Canta)* Pé na estrada caminhando
Felicidade vou buscar
Vou seguindo meu caminho
Um dia vou encontrar.

Lugar bonito, bonito
de gente boa e feliz
lugar bonito, bonito
do jeito que eu sempre quis.

Pé na estrada caminhando
Alegria no coração
Vou com Deus Virgem Maria
Tenho muita proteção.

CENA 3 CEARIM VIRA TESTAMENTEIRO DO CANGACEIRO

34

NARRADOR – E lá se foi nosso Cearim,
batendo marcha no leito do rio seco, feliz da vida.
Cearim que já era bom, bom, bom, muito bom;
ainda tinha no coração um pouco, muito pouco,
de maldade,
mas depois das sábias e felizes palavras da sua
santa madrinha,
seguiu cantando em busca da felicidade
que, em sendo bom, havia de alcançar.

CANGACEIRO – (*Em off*) Aiiiiiiii! Me acuda,
eu morro.

Entra o Cangaceiro, todo armado, cambaleando.

CANGACEIRO – Pelo amor de Deus que eu morro!

CEARIM – Já tem ajuda, o que é que lhe corre?
Está mal?

CANGACEIRO – Estou é mal ferido. (*Enfia a mão no peito e mostra o sangue*)

CEARIM – Nossa Senhora!... O que sucedeu?

CANGACEIRO – Fui tocaiado por um inimigo, há muitas horas que venho errando nestes ermos, carregando o balaço até que não aguentei mais.

CEARIM – Ainda dói muito?

CANGACEIRO – Nem mais... Estou mesmo na hora, um pé na terra e outro no inferno, até sinto o calor. Ouve moço, é um último pedido de um moribundo, é preciso que me dê ajuda.

CEARIM – O que tiver nas minhas posses...

CANGACEIRO – Vivi uma vida danada de canga-ceiro matador, estou finando na morte, é hora de arrependimento... Abra meu farnel, tire tudo o que tem dentro.

Cearim vai tirando do farnel uns sacos de dinheiro, um crucifixo e, finalmente, um retrato.

CANGACEIRO – Cortando o leito do rio seco existe uma estrada, passando por ela se chega à cidade... Por favor, procure a moça do retrato, é uma pobre que eu infelicitei e deixei penar no abandono. Dê a ela um desses sacos de

dinheiro... Depois vá à igreja e com o dinheiro desse saco mande rezar uma missa pela minha alma. Procure por aquelas bandas meu irmão... É um cangaceiro perigoso mas mostrando esta carta, será bem recebido... Entregue a carta e diga que quem me matou foi o Juca Felicidade... à traição... Pegue minhas armas e meu chapéu e mande benzer... O outro saco de dinheiro é para você em paga do seu auxílio e em cumprimento da minha vontade... Ai, me dê o crucifixo.

O Cangaceiro, depois de beijar o crucifixo, bate as botas.

36

CEARIM – Bateu as botas.

Cearim apanha as coisas do Cangaceiro e começa a caminhada.

CEARIM – (*Cantando*)

Pé na estrada caminhando

Felicidade buscar

Promessa de cangaceiro

Vou na cidade pagar.

Pé na estrada caminhando

Alegria no coração

Vou com Deus Virgem Maria

Tenho muita proteção.

CENA 4 CEARIM É ROUBADO PELO CEGO VIDENTE

NARRADOR – E Cearim carregou com os trastes do cangaceiro pelo caminho da cidade.

Os conselhos da Madrinha tinham sido de grande valia.

Mal praticara o bem e já a paga no momento seguido se fez ver...

Entra o Cego com o bordão, tateando no ar.

CEARIM – Quem é o de lá?

CEGO – Um pobre cego que se perdeu nos caminhos.

CEARIM – Pois como então um cego sem visão se põe de andarilho nestes caminhos perdidos?

CEGO – Vinha pela estrada, tenho o costume de longas caminhadas, mas há três dias não sei por obra do que me perdi e já não sei onde me encontro.

CEARIM – Pois foi uma sorte ter dado comigo. Por estes lados não se vê nem homem nem planta, nem bicho. Para onde caminha?

CEGO – Pra cidade aí perto... Ah estou sentindo um cheiro bom de carne com farinha mais pão de macaxeira e mais dois pedaços de rapadura.

CEARIM – Nossa, que me admiro que um cego até contar possa pelo cheiro...

CEGO – Quem conta não sou eu que sou um pobre cego, mas uma fome maldita.

CEARIM – Pois tome seu cego, coma e beba à vontade, o quanto quiser. Tem pouco, mas dá para acomodar uma fome.

O Cego avança na comida.

CEARIM – Vamos lá seu cego, não fique com modos de comer pouco para sobrar, ainda tenho mais um pedaço de carne e acho que amanhã sem tardança estou topando com a cidade...

38

CEGO – Se vai à cidade, também podia fazer a caridade de me levar junto, assim não passo o perigo de me perder novamente.

CEARIM – Pois se é até melhor ter companhia na viagem. O caminho parece menos penoso. Mas só vou sair com o sol, é perigoso o caminho na noite.

CEGO – Pra mim é o mesmo que não tenho outra coisa senão a noite, mas trago canseira de dias, podemos passar a noite aqui mesmo e depois amanhã a gente segue caminho.

Então, os dois se aprontam para dormir.

CEGO – (*Canta*) E que Deus nas alturas
vele por nós
que estamos no chão
e somos cristãos.

CEARIM – E a Virgem Maria.

O Cego dorme. Cearim tira o retrato da moça
do farnel e olha.

NARRADOR – E o bom Cearim mais o cego
seu protegido
se aprumaram para puxar o sono
pela noite calma e de grande lua.
E no dorme quase dormindo
Cearim olhou o retrato da moça
e embarcou num sonho bonito em
companhia dela.

Cearim dorme com um sorriso.

NARRADOR – Tudo estava certo e calmo... Quan-
do o cego...

O Cego se levanta, olha para os lados e vai rou-
bando tudo. Depois, foge de manso.

NARRADOR – E Cearim seguiu dormindo
até que os primeiros raios de sol
bateram em seu rosto mandando acordar.

Cearim acorda, espreguiça e olha em torno. Dá pela falta do Cego e das coisas.

CEARIM – Oi seu Cego... Ceguinho, onde está? Cego! Fugiu, danado!

CENA 5 A MADRINHA, DE NOVO

Cearim se atira ao solo, desesperado. Ajoelha-se e chama:

CEARIM – Madrinha! Madrinha venha logo que é de muita precisão!

A Madrinha aparece.

40

CEARIM – Ah, Madrinha ainda bem que a senhora veio no mesmo instante que fui roubado por miserável cego e o mais pior é que o tanto roubado nem meu era e mais ainda que era para pagar promessa de um que já morreu.

MADRINHA – Pois se ponha atrás do ladrão Cearim! Corra, corra, quem sabe se ainda alcança.

Cearim sai correndo e logo volta.

CEARIM – Mas se eu nem sei que rumo tomou o tal! Será que a Madrinha não podia dar uma voadinha por aí e vê se acha o cego pra mim. Do alto é certo que se vê melhor.

MADRINHA – Isso é assunto terreno no qual eu não posso interceder. Você é quem tem que procurar.

CEARIM – Ah, Madrinha, mas se foi seguindo os seus conselhos de ser bom que eu me meti nessa e acabei roubado pelo cego...

MADRINHA – Tenha fé, Cearim!

E dito isso, a visão desaparece. Cearim, fulo de raiva, cospe na mão, o cuspe pula na batida, e ele segue na direção da sorte.

CENA 6 CEARIM ALCANÇA O CEGO

41

Logo topa com o cego dormindo.

CEARIM – Cego de olho comprido e perna curta, nem esperava que viesse em seu encalço.

Cearim ameaça com o coice da arma o rosto do cego, que recua.

CEARIM – E nem cego é, o danado... Devia... *(Tira o chapéu para o céu)* Deus me perdoe... era te meter chumbo no bucho... E nem cego é, o danado... Cego de às vezes, isso sim, em outras um vidente muito assanhado pra meter a mão nas propriedades alheias.

CEGO – Pelo amor de Deus, pensa que eu podia ter te matado enquanto dormia.

CEARIM – Era só o que faltava. Depois de comer minha comida, beber minha água e me roubar tudo o que tinha, ainda me matar.

CEGO – Tenha piedade de mim... Olhe que Deus ajuda a quem perdoa...

CEARIM – É, isso é uma coisa que está certa... Mas vai carregar as armas e o farnel até chegar na cidade.

O Cego vai passando a mão na espingarda.

42

CEARIM – Menos essa espingarda, que eu levo comigo, pra criar respeito e obediência. Pé no caminha e não se faz de diferente que eu te arrebento o osso do mucumbu. Vai tocando...

CEARIM – *(Canta)* Pé na estrada caminhando
Felicidade buscar
Promessa de cangaceiro
Vou na cidade pagar.
Dedo firme no gatilho
Que é para ninguém me roubar
Se Deus não cuida de seu filho
Ele tem que se cuidar
Pé na estrada caminhando
Alegria no coração

Vou com Deus Virgem Maria
Tenho muita proteção
Mas ainda vou de quebra
Com a espingarda na mão.

E Cearim e o Cego vão caminhando.

CENA 7 CEARIM E CEGO NA DELEGACIA

NARRADOR – E caminharam toda a noite.
Cearim sempre de olho vivo no cego.
No dia seguinte avistaram a cidade.
Afinal Cearim havia chegado.

CEARIM – Vem lá em baixo um miliciano da polícia, deve ser por causa das armas.

43

CEGO – E pois é, segura aí um pouco... (*Larga as armas na mão de Cearim*) Me acuda, me roubaram todo o meu dinheiro e querem me matar! Socorro... Ajutório! O que aconteceu com um cego um pobre cego vinha pela estrada com um dinheirinho que é toda a minha fortuna quando foi assaltado por um que se disse cangaceiro...

CABO – Esteja calmo seu cego! A lei já tomou conta do litígio.

CEARIM – É mentira, dona lei... Ele não é cego nada e nem eu também num sou cangaceiro... Prenda o falso cego e me solte.

CABO – Uma verdade com dois donos é um caso muito especial e delicado, acho mais seguro levar os dois na presença da autoridade legal e competente, que lá tudo se resolve... Nem uma palavra, nem o cego e nem o outro e vamos tocando essa dúvida atropçada pro julgamento do sargento.

E vai levando os dois para o xadrez.

CEGO – Um pobre cego preso, eu vou me queixar ao bispo.

CEARIM – Ah falso cego do inferno.

44

CABO – Vamos entrando e com muito respeito, que esse é o templo da lei e da justiça... Só fala se perguntado e é proibido cuspir no chão.

SARGENTO – Vai prendendo. Quem são esses?

CEGO – Eu sou um pobre dum cego que foi roubado.

CEARIM – Ele é que é ladrão, seu sargento. E não é cego coisa nenhuma, vê de mais e ainda passa da conta.

SARGENTO – Em primeiro lugar, silêncio. Cabo, dê conta do ocorrido.

CABO – Aproximadamente cinco minutos depois da hora do café, eu estava me encaminhando para a Delegacia quando deparei com este indivíduo que gritava grito de socorro. Me encaminhei até o local e pude constatar que este indivíduo armado o ameaçava. Porém perguntando, esse disse ser aquele o ladrão e não ele, como este outro havia declarado; sendo assim, detive os dois e os conduzi até aqui para que o sargento proceda à investigação na forma da lei como reza o artigo 265 do código.

CEARIM – Mas ele é um ladrão danado, seu sargento...

SARGENTO – Prenda esse, enquanto eu dou decidimento assim não atrapalha o processo da investigação.

45

CEARIM – Pois então me prendem e deixam solto o ladrão...

CABO – Cala o bico que o sargento está afinando o pensador pra dar decisão decidida.

CEARIM – Por que então o cego não vem ficar na jaula também?

CEGO – Eu precisava seguir caminho. Sou cego e não posso ficar longe de casa que dou cuidado a minha mulher.

CABO – Fique mudo seu cego.

O Sargento, que caminha pela sala pensando, tem uma ideia. Aproxima a brasa do cigarro nos olhos do cego, que aguenta firme.

SARGENTO – Seu cabo! Solte o cego, o outro fica detido!

CEARIM – Mas não pode ser, ele não é cego coisa nenhuma!

CABO – Está solto, seu Cego.

O Sargento tem mais uma ideia.

46

SARGENTO – Aqui está seu dinheiro... Dois sacos.

CEGO – Obrigado e Deus lhe pague, seu Sargento. E agora, com a sua licença, eu preciso ir pra casa...

SARGENTO – Então, está tudo certo e conferido?

CEGO – Tudo certo sim seu Sargento.

SARGENTO – Cabo! Prenda o cego e solte o outro... Então, não sabe o quanto dinheiro tem, seu Cego?

CABO – Sai da jaula... Entra o Cego.

CEARIM – Puxa, que Deus me ajudou, quase fico preso sem ter a culpa.

CEGO – Ah, seu Sargento, mas que injustiça, bem sei que são três sacos de dinheiro, porém tinha pensado em esquecer um aqui para o senhor, por agradecimento, por ter prendido o cangaieiro... E só não falei, seu Sargento, pra não dar impressão de estar pagando o trabalho da lei...

SARGENTO – Cabo! Solte o cego e prenda o outro.

CEARIM – Lá vou eu de novo, o danado do cego engana todo mundo.

CEGO – Por favor, o resto das minhas coisas.

47

O Cabo pega pra entregar e vê a fotografia da moça.

CABO – Esse retrato de moça, no seu farnel, é seu?

CEGO – É... É sim, é minha mulher...

CABO – Pois como é o nome dela?

CEGO – Pois o nome é Maria.

CABO – E quando casou com ela?

CEGO – Pois há mais de dez anos...

CABO – E mora com ela?

CEGO – Moro, moro sim e tenho que ir logo senão ela sai à minha procura.

CABO – Tem filhos?

CEGO – Dois... dois só.

CABO – Pra cego é boa conta... A única coisa que me dá dúvida é que essa do retrato eu conheço muito bem, me caia um raio se não é a Ercília, uma mulher dama ruivosa que faz a vida lá no Castelo...

48 O Cego pega o farnel e tenta correr, mas o Cabo o detém.

CEARIM – Segura, segura... num disse que era mentira dele?

SARGENTO – Cabo! Prenda o cego e solte o outro.

CEARIM – Muito agradecido, seu Cabo, que sua esperteza me livrou de ficar preso até nem sei quando e ainda mais de deixar o danado escapar.

CABO – Por que traz este retrato?

CEARIM – É que preciso encontrar a moça pra pagar uma promessa.

CABO – Promessa hein?

CEARIM – É sim, por quê?

CABO – É que faz tempo que eu não subo o Castelo pra pagar promessa.

CEARIM – Onde é que posso encontrar a moça?

CABO – Chegue na porta que lhe mostro.

Cearim sai.

CENA 8 CEARIM CONHECE ERCÍLIA NO CASTELO

NARRADOR – Salvo pelo Cabo,
Cearim subiu o morro em busca da moça do retrato.
la feliz por começar a pagar a promessa do
cangaceiro
e principalmente por ir ao encontro da moça
do retrato...
Aquela com quem tinha sonhado muitas noites.

CEARIM – (*Canta*) Pé na estrada caminhando
Felicidade buscar
Promessa de cangaceiro
Vou começar a pagar
Coração está batendo
Vou a moça encontrar
Logo, logo já estou vendo
Ela vai me deslumbrar

Pé na estrada caminhando
Alegria no coração
Vou subindo morro acima
Vou buscar minha paixão.

Cearim na Casa. Vem mulher.

MULHER – Olá simpático.

CEARIM – A senhora me desculpe, é aqui que vive uma moça chamada Ercília?

MULHER – Ercília bem que vive aqui, mas há muito tempo que não é moça, que disso aqui não tem não.

50

CEARIM – Pois é... Eu precisava falar com ela.

MULHER – Dependendo da conversa, pode falar comigo mesmo... Garanto que é até melhor.

CEARIM – Tem que ser com a própria mesmo, é questão particular.

MULHER – Que será que ela tem que falta?... Pode entrar naquela porta.

Cearim entra. Vem Ercília, com copos e garrafa.

ERCÍLIA – Olá, entra...

CEARIM – Olá...

ERCÍLIA – Nunca viu?

CEARIM – Nunca não senhora.

ERCÍLIA – O que é que quer?

CEARIM – Vim trazer um mandado de um que morreu... Este retrato e mais este dinheiro.

Vai tirando do farnel.

ERCÍLIA – Pois então sente e muito obrigado... Quem me manda isso?

CEARIM – Ah... Isso foi alguém que lhe fez mal: da primeira vez.

51

ERCÍLIA – Ah, foi aquele peste que morreu... Em boa hora se lembrou do mal feito.

CEARIM – Mas ele se arrependeu e me encarregou da promessa.

ERCÍLIA – Não quer tomar alguma coisa? Bichinho...

CEARIM – Ah bichinha, se tivesse um pouco de água eu aceitava.

ERCÍLIA – Água! Tenho coisa melhor. *(Pega a garrafa e enche o copo)*

CEARIM – Disso aí eu não tenho costume.

ERCÍLIA – Costume se faz... Me ajuda a festejar o dinheiro que ganhei...

CEARIM – Eu tenho medo que me faça mal.

ERCÍLIA – Você é muito simpático, como é o seu nome?

CEARIM – Cearim... Eu não sou daqui, sou do campo, vim tentar a sorte na cidade... Andarilhei muito pra chegar aqui...

52 ERCÍLIA – Toma um pouco pra alegrar... Tirar poeira.

CEARIM – Eu não quero.

ERCÍLIA – Nem que eu peça?

CEARIM – Pois se pede eu vou até no inferno.
(*Cearim bebe e faz careta*)

ERCÍLIA – É bom?

CEARIM – (*Rouco da pinga*) Muito bom... Sabe... eu no caminho com esse retrato olhava muito... A senhora é uma moça muito bonita.

ERCÍLIA – Obrigada... Toma mais um...

CEARIM – (BEBE) Pois... no caminho que quando eu encontrasse a senhora, a senhora eu... (BEBE)

ERCÍLIA – *(chega perto e encosta o corpo nele)*
O quê?

CEARIM – Eu...

ERCÍLIA – Pode falar, parece que está com medo de mim.

CEARIM – Quer que eu diga?

ERCÍLIA – Pois fala...

CEARIM – A senhora quer mesmo que eu diga?

53

ERCÍLIA – Pois fala de uma vez homem...

CEARIM – Olha que eu digo!

ERCÍLIA – Então?

CEARIM – Pois na verdade eu estou mesmo é com meio medo da senhora.

ERCÍLIA – E o que mais...

CEARIM – Mais nada não senhora...

ERCÍLIA – Nada mesmo?

CEARIM – Ih mas eu sou muito envergonhado.

ERCÍLIA – Vergonha é roubar e não poder carregar.

CEARIM – Pois é que esse retrato que eu carreguei na viagem me deu umas voltas diferentes no pensamento. Coisa que eu nunca tinha pensado antes.

ERCÍLIA – Pois pense, ninguém lhe proíbe.

CEARIM – Mas só de pensar me dá um vermelhão quente na cara.

ERCÍLIA – Deixa eu ver se está quente mesmo.
(*Abraça Cearim e encosta o rosto no dele*)

54

CEARIM – Danou-se de vez...

As luzes se apagam. No escuro, uns cochichos.

CEARIM – (*No escuro*) Tirá a roupa pra quê?...
Eu não vou nadar...

Passa o tempo e a luz se acende. Cearim, deitado, dorme. Um galo canta ao longe. É manhã.

CEARIM – Ercília... Ercilinha...

Cearim levanta-se, olha em volta, percebe que foi roubado mais uma vez. Ajoelha-se em cima da cama:

CEARIM – Madrinha... Só ouça, não aparece aqui não, que o lugar não é de respeito. Mas é possível bondade pureza e auxílio se ninguém é besta e está sempre todo mundo na espera que o cristão feche o olho pra num zás se valer contra ele... É possível? Me desculpe Madrinha, mas eu vou mudar de jeito nessa vida, se bem que não tenho dinheiro nem nada, que roubaram tudo... Não tem importância, até peço que de agora em diante não me ajude, faça o favor de fechar os olhos para certas safadezas, com perdão da palavra, que eu vou praticar. Eu quis fazer tudo do jeito certo Madrinha, mas é demais o acontecido. Desculpe muito mas eu vou agir por aí de um jeito bem diferente, que bondade e pureza só traz dano e prejuízo... A carta do cangaceiro! Lá tem coisa!

CENA 9 CEARIM RECUPERA A CARTA NA DELEGACIA

Cearim vai à cadeia.

CEARIM – Além de cego, virou surdo, danado?... Cadê a carta que eu preciso pagar a promessa do cangaceiro? Num fala... Eu espero sair da cadeia e te arrear de pancada.

CEGO – Pode ir embora que eu não estou bom pra conversa.

CEARIM – Num tá bom... Até parece que é um santo... Me dá a carta, senão...

CEGO – Só dou se der um jeito de me soltar.

CEARIM – Pois eu dou... Mas primeiro me dê a carta.

CEGO – Primeiro me solte.

CEARIM – Olha aqui seu cego, se um de nós dois não tem palavra, é o senhor. Me dê a carta que eu vou lá pedir pro sargento soltar...

CEGO – Palavra de honra?

56 CEARIM – Palavra de honra.

CEGO – Jura por Deus?

CEARIM – E pela Virgem Maria.

O cego remexe o bolso e tira a carta. Cearim pega.

CEGO – Agora vá falar com o sargento, conforme o trato e a jura.

CEARIM – Pode deixar seu cego... Vou lá, digo pro sargento que o senhor é um cego muito direito. Na verdade, o cego mais ceguinho que já vi. Pode deixar que eu falo com o sargento...

CEGO – Não faz mais que a obrigação, já que te dei a carta...

CEARIM – Pois é certo... Não faço mais que a obrigação... Até logo seu cego, passe bem... Lembranças pra família... Pra dona cega e os ceguinhos todos.

Cearim vai até o sargento.

CEARIM – Queria falar com os senhor, seu sargento...

SARGENTO – O que é? Já terminou a conversa com o preso?

57

CEARIM – Já terminei... ele ainda tinha uma coisa minha guardada. Queria pedir uma coisa pro senhor, seu sargento.

SARGENTO – O que é, pode falar...

CEARIM – Queria pedir que ficasse de olho no bruto, que está caçando jeito de escapar. Acho bom reforçar a guarda que o cego não é de brincadeira. Me disse que ia mandar chamar alguns amigos bravos que ele tem por aí... cinquenta... tudo cego de profissão... E que a cegaiada vem aqui botá fogo na cadeia e pendura o cadáver... pelado... do seu sargento por riba de um poste,

que é pra cegaiada cuspi. Disse que vai se vingar de mim e do senhor, seu sargento.

SARGENTO – Ah, é assim? Pode deixar que eu vou dar um tratamento psicológico nele.

CEARIM – Trata mesmo sargento, bem espicológico.

O sargento sai com o cego pelo colarinho.

CEARIM – Madrinha! quem não puder com o pote não segure na rodilha.

CENA 10 OURO NA SACRISTIA

58

NARRADOR – Cearim, que não sabia ler, resolveu procurar uma pessoa de confiança para ler a tal carta, e depois de muito pensar, achou que confiança mesmo só no vigário da paróquia... e lá foi ele.

Cearim chega na porta da Sacristia. Vem o Sacristão.

SACRISTÃO – Que deseja?

CEARIM – Falar com Seu Vigário, é um caso de muita precisão.

SACRISTÃO – De que se trata?

CEARIM – Olha, é com o vigário mesmo que eu quero falar e não com o sacristão.

SACRISTÃO – Pra falar com o vigário, primeiro precisa falar com o sacristão.

CEARIM – E pra falar com o bispo, eu preciso primeiro falar com o vigário, e pra falar com o papa, eu tenho que falar com essa padraçada toda.

SACRISTÃO – Olha a heresia aqui na sacristia.

CEARIM – Vai chamar Seu Vigário antes que eu me enfeze e entre na raça aí dentro dessa meléca.

SACRISTÃO – Oh meléca! O templo do senhor.

59

CEARIM – (*Imita*) O templo não... o templo do senhor, não. A sacristia que é a casa do sacristão.

SACRISTÃO – Agora que eu não chamo mesmo.

CEARIM – (*Berra*) Seu Vigário. Oh de casa... Seu Vigário!!! Tem visita!!

SACRISTÃO – Está maluco o desgraçado.

Vem o Vigário

VIGÁRIO – O que foi? Que barulhada é essa na porta da Igreja? Seu Sacristão ordem... ordem...

SACRISTÃO – É esse herege, Vigário, fazendo arruaça na porta da Igreja.

CEARIM – Na porta da igreja, não! Na porta da sacristia, que pela Igreja eu tenho muito respeito, Seu Vigário, e esse sacristão de... Bênção, padre... Pois é, ele não queria deixar.

VIGÁRIO – O que é de tão importante assim que o faz desrespeitar a igreja com essa barulhada toda?

CEARIM – Só posso falar depois que esse sacristão for pra... Bênção, padre... tratar da sacristia e deixar a conversa entre eu e o Seu Vigário.

60 VIGÁRIO – Vá lá pra dentro.

SACRISTÃO – Por isso não respeitam mais a religião.

Sacristão sai resmungando. Cearim puxa a carta.

CEARIM – É uma carta muito importante que me mandaram e, como eu não sei ler, e já não confio mais em ninguém... A não ser no Seu Vigário, que é ministro de Deus na Terra e não mente e não engana porque se fizesse uma coisa dessas era um pecado desses de não ter mais tamanho de ir parar no fogo do inferno sem nem expiar no purgatório. É esta aqui pro senhor ler pra mim saber o que ela diz.

Vigário começa a ler, rosnando em latim. Enruga a testa, sorri, fecha a carta e a enfia no bolso.

VIGÁRIO – Não é nada de muito importante... Seu irmão manda dizer que está tudo bem e que logo manda notícias. Só isso. Até logo e que Deus o abençoe... Ah, toma aí um santinho.

O Vigário deixa Cearim na porta da Igreja, com o santinho na mão.

CEARIM – Está tudo muito bem... Ele ia morrendo... Vai mandar notícia, só se mandar do fogo do inferno... Espere aí que eu vou tirar isso a limpo.

Cearim se esconde na Sacristia. Logo surgem o Vigário e o Sacristão.

VIGÁRIO – Mas que coincidência. Aí está sem dúvida a mão de Deus! E logo agora que nós estamos precisando de uma reforma na Igreja! Ouça só... (Lê) Meu irmão... saudações cangaceiras. Deixei este escrito para o caso de acontecer alguma coisa rápida comigo em casos destes te farei jeito de te fazer saber que a botija com as moedas de ouro estão enterradas na sacristia da Igreja do Santíssimo. Dê uma parte ao vigário e manda rezar por mim. Seu irmão Diocleciano. P.S.: Ninguém sabe desta carta, pois quem a escreveu foi um piedoso sacristão, que por segurança e

pra manter segredo, me encarreguei de apressar seu caminho na Terra, mandando o tal para o Céu, que é bem mais certo lugar para uma alma tão piedosa. Do seu irmão Diocleciano Taturana.

SACRISTÃO – É um milagre... Mas não será um truque daquele indivíduo que trouxe a carta.

VIGÁRIO – Não está mais na terra o sacristão que escreveu esta carta.

SACRISTÃO – Está aí o primeiro mártir da classe.

VIGÁRIO – É... enfim, está no terreno da Igreja, pertence à Igreja.

62

SACRISTÃO – À sacristia.

VIGÁRIO – À Igreja... Vamos tratar de desenterrar... Vê aí as ferramentas.

O Sacristão pega a um canto uma enxada e uma picareta.

SACRISTÃO – A gente vai ter que cavar tudo, não se sabe onde está?

VIGÁRIO – O importante é que esteja aqui... Na casa de Deus.

Os dois começam a cavar.

NARRADOR – E o padre e o sacristão, feito tatus fazendo casa, romperam a noite adentro no bate que bate, cava que cava e Cearim escondido no olha que olha, espera que espera. A certa altura, os dois tatus estavam morrendo de sono e caindo de cansados... E da botija... nada.

SACRISTÃO – Quem diria que andei pisando em ouro esse tempo todo.

VIGÁRIO – Quem diria...

SACRISTÃO – Louvado seja!

VIGÁRIO – Pra sempre seja louvado.

63

SACRISTÃO – Louvado seja!!!

VIGÁRIO – Pra sempre seja louvado!!

SACRISTÃO – Louvado seja!!!!

VIGÁRIO – Pra semp... Oh rapaz, reza menos e cavoca mais.

SACRISTÃO – Só falta aquele pedaço, ali tem que estar...

VIGÁRIO – Tem que estar...

SACRISTÃO – A gente podia deixar pra amanhã.

VIGÁRIO – Não deixes para amanhã o que podes cavocar hoje. Mas você tem razão, eu estou que não aguento a ferramenta. Vamos dormir e depois a gente trabalha, não tem perigo de ninguém descobrir.

Os dois se sentam e dormem. Cearim sai do esconderijo e pega a botija.

SACRISTÃO – (*Sonhando*) O ouro.

VIGÁRIO – A botija...

SACRISTÃO – Louvado seja...

64 CEARIM – Pra sempre seja louvado.

Cearim vai até o Narrador, que lhe dá um baú e um paletó enquanto fala.

NARRADOR – Cearim nem dormiu aquela noite só pensando no logro que havia passado no sacristão e no vigário. No dia seguinte, foi à cidade, comprou umas roupas novas, um baú pra guardar o dinheiro e foi à Igreja, só pra ver.

Cearim na porta.

CEARIM – Oh de casa!

SACRISTÃO – O que você quer?

CEARIM – Vai chamar o vigário que eu quero falar com ele.

SACRISTÃO – Seu Vigário.

VIGÁRIO – (*Acordando*) Descobriu a botija?

SACRISTÃO – Está aí o moço da carta.

VIGÁRIO – Ah é você meu filho... O que quer?

CEARIM – Fazendo reforma, Seu Vigário?

VIGÁRIO – Pois é, uma coisinha à toa...

CEARIM – Uma reforma agrária, não é?

65

VIGÁRIO – Pois é. O que é que você quer?

CEARIM – Vim buscar a carta do meu irmão que eu esqueci ontem...

VIGÁRIO – A carta! A carta eu joguei fora.

CEARIM – Foi fazer uma coisa dessas com a carta Seu Vigário?

VIGÁRIO – Olha, pra falar a verdade, não fui eu, foi o sacristão.

CEARIM – É ele tem mesmo cara de xibungo... Bem, Seu Vigário então não tem importância...

Eu não faço questão de ficar sem ela pois já sei o que ela manda dizer. (*Bate no baú*) Até à vista...

VIGÁRIO – Vai com Deus... Olha, toma um santi...
Ah, já te dei um santinho.

Cearim sai rindo.

CENA 11 CEARIM VAI COMPRAR TERRAS

66 CEARIM – (*Canta*) Pé na estrada caminhando
Vou minhas terras comprar
O dinheiro está sobrando
Sobra mesmo até pra dar
Seu vigário está cavando
Seu vigário e o sacristão
Vão revirar a igreja
Sem nunca achar tostão.
Pé na estrada caminhando
Melhorei a situação
Meu dinheiro bem guardado
É que é a minha proteção.

Aparece a Madrinha.

MADRINHA – Cearim, meu filho.

CEARIM – Ah, é a senhora. Bênção madrinha.
Como vai a coisa lá em cima? Como vai o Anjo Rafael, o Gabriel e os anjinhos todos? Bem?

Então muito bem, já vou me despedindo, estou com uma pressa danada.

MADRINHA – Como vai a vida?

CEARIM – Boazinha, Madrinha.

MADRINHA – Então, meu filho, pagou a promessa do cangaceiro?

CEARIM – Isso eu paguei. Me escorcharam, me judiaram, andei preso, me enganaram, mas pagar promessa isso eu paguei.

MADRINHA – Você foi muito bom, meu filho.

CEARIM – Fui mesmo, isso é que se chama bondade da boa.

67

MADRINHA – Então estás com a vida terrena a gosto.

CEARIM – Tá especial, Madrinha!

MADRINHA – Quer dizer, então, que não precisas mais de mim?

CEARIM – Bem dizer, preciso mais não. Mas quero que a senhora apareça em casa pra tomar um cafezinho e comer uns beijus, pois vou comprar umas terras com um dinheirinho que eu achei por aí.

MADRINHA – Está bom meu filho, então até um dia.

Antes que a Madrinha desapareça, Cearim chama.

CEARIM – Madrinha! Oh Madrinha! Precisando de alguma coisa... (*Bate na caixa do dinheiro*) é só chamar!

MADRINHA – Adeus, meu filho! Seja bom!

CEARIM – (*Batendo na caixa*) Seja sim.

NARRADOR – E lá vai o nosso Cearim alegre e desimpedido, comprar suas terrinhas. Sim senhor, o moço Cearim, com a cabeça em cima do pescoço, os pés na terra, sem mais nuvens de bondade nem maldades, vai se tornar um homem rico e poderoso. Mas numa curva do caminho...

Aparecem, pelas costas de Cearim, o Cego e o irmão do Cangaceiro do testamento. Cearim se vira e se aterroriza diante dos dois terríveis facínoras, que estão armados até às gengivas.

CEGO – Olha que bem nos encontramos. Pois está aí com muito interesse em ter uma conversinha com sua senhoria. Esse aí é o irmão do Cangacei-

ro que tu matou, roubou e ainda foi desenterrar a botija de ouro que estava enterrada na Igreja do Santíssimo. Se entenda com ele.

CEARIM – Agora é que eu estou mesmo entre a cruz e a caldeirinha.

Vem a voz da Madrinha.

MADRINHA – *(Em off)* Cearim, meu filho, quer ajuda?

CEARIM – Quero nada não, madrinha! Sozinho me arrumo melhor.

O cangaceiro e o cego se preparam para matá-lo.

69

NARRADOR – E assim, termina a primeira parte desta história.

Nosso Cearim está encurralado pelo cínico cego e o terrível irmão do cangaceiro do testamento. Dispensada a ajuda da madrinha, quem poderá salvá-lo?

Isso é o que veremos dentro de alguns minutos, na segunda parte desta história, parte que se intitula “Os perigos da maldade”.

Fim da 1ª Parte

Segunda Parte: Os perigos da maldade

CENA 12 ENCURRALADO

NARRADOR – No último capítulo, vimos que Cearim, após ter ludibriado o padre e o sacristão, foi encurralado em uma curva do caminho pelo cego e pelo temível irmão do cangaceiro do testamento. A história agora continua inesperadamente...

70 CEARIM – Olhe aqui seu cangaceiro... É mentira do cego, eu ainda até que ajudei seu irmão a subir pro céu, cumprindo uma promessa que ele fez na horinha da morte.

CEGO – Tá vendo como é a esperteza dele?

IRMÃO – Dá pra cá esse baú.

CEARIM – Ai meu Deus, meu dinheirinho.

CEGO – Deixa que eu seguro.

IRMÃO – Segura aí que depois a gente divide.

CEGO – O que a gente vai fazer com o infeliz aí? Acho melhor ir tacando logo uns tiros bem dados que é pra ele desencarnar e não dar mais trabalho.

CEARIM – Ah cego do inferno, quer ver minha caveira seca...

IRMÃO – Acho que você tem sua razão, seu cego. Vamos trabalhar rápido. Olha aí, oh infeliz, pode ir rezando pra se desincumbir dos pecados...

CEARIM – Ai, agora eu estou frito... Espera aí! Que medalhinha é aquela no pescoço do cangaço. *(Olha de perto)* Ah, já sei, vou fazer uma reza mais alta...

IRMÃO – Vai fogo...

CEARIM – E fico até contente de morrer neste dia santo. Dia do meu santo padroeiro.

71

IRMÃO – Lá vai...

CEARIM – Meu São Jorge abençoado, lá vou eu pro céu!

IRMÃO – *(Baixando a arma)* Pois quem é seu santo padroeiro?

CEARIM – São Jorge, sim senhor.

IRMÃO – E hoje é dia dele...

CEARIM – Pois é assim certo, eu até estou morrendo de alegria por ser neste dia. Dia do meu santo padroeiro.

IRMÃO – Sorte tem ele de hoje ser dia de São Jorge, que é também meu padroeiro. Dia no qual por respeito e para salvar a alma não tiro a vida de nenhum vivente.

CEGO – E essa agora que é de virar com tudo.

CEARIM – Me mate logo seu cangaceiro, que eu quero morrer no dia do meu Santo padrinho.

IRMÃO – Mato não, que é meu padrinho também.

CEARIM – Mata, vá...

IRMÃO – Mato de jeito nenhum...

72 CEGO – Ora veja que despropósito de coincidência. Assim não pode ser...

IRMÃO – Estou dando no pensamento que a gente até que podia deixar ele ir embora.

CEARIM – Eu queria ser matado, mas já que é o dia do nosso padroeiro...

CEGO – Mas não está certo não.

CEARIM – Olha aqui, seu cego descarado, ninguém lhe chamou na conversa. Não se meta na amizade de dois afilhados de São Jorge. Cutuca ele seu cangaceiro: até que vendo de lado esse cego tem uma cara de dragão, num tem?

CEGO – Por São Jorge eu também tenho muito respeito, mas é que se a gente solta ele vai di-retinho na delegacia dar parte do acontecido. Já conheço as manhas desse danado. O melhor é guardar ele até à meia-noite que então o dia do seu santo padroeiro é passado, e não vai ter mais por que não dar cabo com a vidinha dele.

CEARIM – Ah cego da molésta.

IRMÃO – Tá aí, muito bem pensado. Amarra o bicho e vamos esperar passar o tempo.

Vão amarrando.

CEGO – Enquanto a gente espera, não ia de muito mal um joguinho de baralho, dinheiro é o que não falta...

73

IRMÃO – Aceito e faço fé que um joguinho é sempre bom. Amarra bem forte pra não dar cuidado...

CEGO – E deixamos ele aqui bem no sol, pro cabra ir se acostumando com a quentura do inferno, que é pra onde vamos mandar o tal.

IRMÃO – Vamos ao joguinho numa boa sombra que tem ali na baixada.

CEGO – E tenho um baralhinho que está estralando de tão novo...

O cego e o cangaceiro se afastam.

CENA 13 CACHORRO *VERSUS* MADRINHA

CEARIM – Ai, que desta vez não escapo...

MADRINHA – (*Aparecendo*) Cearim, meu filho, quer alguma coisa?

CEARIM – Olha aqui madrinha, já disse que não quero. A senhora pode me soltar?

MADRINHA – Soltar?!

74 CEARIM – Então é bom a senhora ir dar uma vultinha por aí, que do jeito que vai indo a coisa eu vou acabar é mesmo apelando pro capeta de uma vez.

Uma explosão: a madrinha dá um grito. Logo surge de um lado o capeta, o cachorro

CACHORRO – Auuuuuu Auuuuur... Me chamou?

CEARIM – O que foi... Eu chamei nada não... estava só brincando.

CACHORRO – Não gosto dessas brincadeiras. AurrAuAurrrrgrgrgr

CEARIM – Ai meu Deus do céu, é o próprio cão em pessoa. Onde é que eu fui me meter.

CACHORRO – Chamou ou não chamou? Aurrrr-gugugurrr.

CEARIM – Olha aqui, quer saber de uma coisa? Pra quem meteu um pé na graça de vaca, meter os dois é quase o mesmo... Olha aqui, seu cachorro, chamei sim, estava precisando de uma ajudinha pra escapar de uma enrascada em que me vi entrado.

CACHORRO – Vá dizendo, meu filho.

CEARIM – Estou preso por dois malfeitores que querem me matar.

CACHORRO – E o que quer que eu faça?

75

CEARIM – Que dê um jeito de me soltar.

CACHORRO – Olha aqui... Soltar, soltar, eu não posso não...

CEARIM – Então, mande alguém pra me soltar...

CACHORRO – Isso eu posso tentar mas duvido, que pra me escutar precisa ter umas orelhas certas.

CEARIM – Queria então que mandasse umas labaredas queimar o bandulho dos danados que estão ali jogando baralho. Manda, seu cachorro, manda.

CACHORRO – Aqui pra nós, pra dizer bem a verdade, esse negócio de fogo, raio, labareda, garfo, faca, etc... Não é muito mais que história que os padres inventaram pra botar medo nos crentes...

CEARIM – O que é que o senhor pode fazer então?

CACHORRO – Posso te dar proteção enquanto você for mau. Se você praticar o mal, estarei sempre ao seu lado, para o que der e vier. Seja mau, Cearim, muito mau, e as coisas do mundo estarão sempre do jeito certo, pratique o mal e todos te darão respeito. Vá, meu filho, faça o mal.

76
CEARIM – Ir pra onde, amarrado deste jeito?! Até logo, então, seu cachorro.

CACHORRO – Até, meu filho. Precisando de mim é só chamar...

CEARIM – Chamo sim... eu chamo...

CACHORRO – *(Fazendo um corno com os dedos)*
Sempre alerta!

CEARIM – Sempre alerta...

Cão desaparece

CEARIM – Essa é boa. Chamar pra que, se não dá jeito em nada?

MADRINHA – (*Aparecendo*) Cearim, meu filho, quem estava ainda pouco conversando com você?

CEARIM – Ah era um... era um amiguinho meu, madrinha.

MADRINHA – Esse cheiro de enxofre queimado não me engana. Foi o cachorro quem esteve aqui não foi? Sempre fazendo concorrência, o danado. Você não fez negócio nenhum com ele, não é meu filho?

CEARIM – Fazer, eu não fiz não. Olha aqui, madrinha, a senhora pode me soltar, pode?

MADRINHA – Que jeito eu poderia dar?

77

CEARIM – Olha, então a senhora me desculpe, mas eu prefiro ficar só, para poder pensar melhor e dar um jeito de escapar desta.

MADRINHA – Seja bom Cearim, e tudo estará bem.

CACHORRO – (*Em off*) Seja mau e tudo correrá bem.

A madrinha some num grito.

CEARIM – Sejo sim, seja tudo que vocês querem... Os danados jogando com meu dinheirinho, e depois vão me matar, o que que faço... Olha lá uma velha de preto, vou gritar pra ela vir me

soltar... Velha, oh velha, socorro, oh de lá, socorro, oh de lá...

Vêm o cangaceiro e o cego.

CEGO – Depressa, bota ele dentro deste saco, que vem gente...

Cego e Cangaceiro amordaçam Cearim e o botam dentro do saco. Vem o vigário e os dois cantam e dançam o xaxado.

OS DOIS – Socorro oh de lá

Socorro oh de lá

Assim gritava o pobre infeliz

Pedindo ajuda e salvação

O senhor veio em sua proteção

78

VIGÁRIO – Que é isso, meus filhos?

CEGO – Estamos cantando umas musiquinhas pra alegrar Deus, Seu Vigário.

IRMÃO – É que hoje é dia do meu santo padroeiro, e então pedi ao meu bom amigo...

CEGO – Bom amigo cego...

IRMÃO – Pois é, ao meu bom amigo cego, pra que cantasse umas rezas bonitas pra festejar a data do dia acontecido.

CEGO – Quem é rico, conta os seus
E quem é pobre canta pra Deus.

VIGÁRIO – Cantem, meus filhos, cantem.

Os dois cantam e dançam. O vigário dança um pouco e depois vai embora.

CEGO – Já foi?

CEARIM – É bom deixar o bichinho ensacado mesmo.

Volta o vigário. Eles cantam de novo.

VIGÁRIO – Olha aqui, meus filhos, vocês não viram por acaso meu sacristão? Ele estava junto comigo e, de repente, saiu correndo atrás de uma borboleta e não o encontrei mais...

79

CEGO – Eu não vi que sou um pobre cego, Seu Vigário.

IRMÃO – Não vimos não, Seu Vigário.

VIGÁRIO – Então continuem e que Deus vos abençoe.

Os dois seguem cantando e o vigário desaparece. Quando vão voltar ao saco, o vigário volta novamente. Cantam.

VIGÁRIO – Olha aqui, meus filhos, um santinho para cada um...

CEGO – Deus esteja...

IRMÃO – Em santa glória.

Cantam de novo e esperam. O vigário não volta.

CEGO – Pronto, agora foi de uma vez... Olha aqui, é bom deixar o bichinho ensacado mesmo, que é pra não dar trabalho. Depois, é só meter umas balas no saco mesmo e o bicho já empacota de acordo... Vamos continuar o joguinho...

IRMÃO – Pra já...

80

Saem os dois. O saco pula que pula. Aparece o sacristão, correndo atrás de uma borboleta, tropeça no saco e cai.

SACRISTÃO – *(Com a borboleta na mão)* Seu Vigário, olha que beleza de borboleta! *(Cai e levanta-se)* Ué o que será que tem dentro deste saco? Parece que não tem dono e tudo o que não tem dono pertence à Igreja, e na ausência do vigário, à sacristia.

Abre o saco, descobre Cearim, tira-lhe a mordança.

SACRISTÃO – Nossa! O que é que você está fazendo aí?

CEARIM – Pois se eu... Olha eu... Foi aqui um...

CÃO – (*Em off*) Seja mau, meu filho. Auuuuurr-
gggrurururuauaua.

CEARIM – (*Mudando a chave*) Pois é, seu sacristão, o senhor veio me atrapalhar tudo de uma vez. Não tinha outra coisa que fazer que andar por aí abrindo os sacos alheios, que não são de sua conta? Agora então, que já estragou tudo, me desamarre.

Sacristão vai desamarrando.

CEARIM – Por que então tinha que se meter na minha vida, logo agora que eu ia arrumar ela de uma vez.

81

SACRISTÃO – Eu não estou entendendo nada de nada...

CEARIM – Pois eu conto... eu conto. Não é que eu estava andando por esta estrada aqui quando, de repente, topei com uma luz muito forte, muito bonita, muito brilhante. Parei meio com medo. Era sabe o quê? Um anjo...

SACRISTÃO – Um anjo, louvado seja!

CEARIM – Pra sempre seja louvado. Pra dizer bem a verdade, eram dois anjos. Um preto e um branco.

SACRISTÃO – Dois anjos. Louvado seja.

CEARIM – Pra sempre seja louvado. Então, os anjos vieram voando e pararam bem em cima da minha cabeça. Daí o anjo preto, um anjão assim, com umas asas aqui nas costas, veio descendo mais baixo e falou: *Meu filho, estamos passando pelo mundo para dar prêmio aos homens de bom coração. Você foi o escolhido.*

SACRISTÃO – Louvado seja!

82 CEARIM – Para sempre seja louvado. Então, o anjinho branco veio, era uma belezinha, seu sacristão, com as asinhas de purpurina... Voava que nem uma curruíra, trui, trui, parou tremelicando as asinhas e falou delicadinho. Era um querubim. *Olha, meu filhinho, entre neste saco sagrado e depois viremos buscá-lo para passear no céu. E lá no jardim maravilhoso, onde os frutos são todos de ouro, poderá colher quantos quiser e assim, quando voltares à terra terás vida farta e regalada.*

SACRISTÃO – De ouro?

CEARIM – De ouro.

SACRISTÃO – Louvado seja.

CEARIM – Para sempre seja louvado. Daí, o anjinho subiu e o anjão preto veio de novo, vapt, vapt, vapt e disse: *Olha, meu filho, depois de entrar no saco sagrado do meu companheiro, não poderás falar com nenhum mortal e se, por um acaso, algum o encontrar; então, como prêmio à bondade de samaritano de quem o encontrou, você deve ceder seu lugar a este (APONTA O SACRISTÃO) samaritano. Coloque-o dentro do saco, que uma outra vez o premiaremos novamente.*

SACRISTÃO – Louvado seja!

CEARIM – Para sempre seja louvado. Pois não é, Seu Sacristão, que você deu de me encontrar e me tirou a vez de visitar o jardim do paraíso.

83

SACRISTÃO – Não foi por mal, eu queria apenas salvá-lo desta situação.

CEARIM – E eu que queria colher os frutos de ouro pra ficar rico.

SACRISTÃO – Por isso o Senhor fez com que eu o encontrasse. Essa ambição desmedida.

CEARIM – Olha, Seu Sacristão... Vamos fazer um trato... Você me fecha dentro do saco novamente e eu me vou. Na volta trago umas frutinhas de ouro para você também... Umas abóboras.

SACRISTÃO – De jeito nenhum. Seria um pecado terrível. Os anjos não podem ser enganados. Em se tratando da vontade de Deus, não discuto, vou logo cumprindo... Me ponha dentro do saco.

CEARIM – Ah seu sacristão, como eu gostaria de ir... Logo, logo à meia-noite os anjos vêm buscar e você vai ver aquela anjaiada toda.

SACRISTÃO – Vamos, amarre bem forte e me esconda pra ninguém me encontrar. Escuta, os anjos disseram que os frutos eram de ouro?

CEARIM – E com pedras preciosas.

84

SACRISTÃO – Louvado seja.

CEARIM – Para sempre seja louvado. Toma, meu filho, leva a tua borboletinha.

Bota a borboleta no saco e fecha.

CEARIM – A minha pele pela dele, que eu não sou mais besta.

CACHORRO – (*Em off*) Parabéns, meu filho.

CEARIM – Tá contente né, seu cachorro. Vai ficar mais depois que eu terminar uns planos que eu tenho aqui no meu bestunto. Agora toca a esconder e esperar a meia-noite. Boa viagem, bom sacristão.

SACRISTÃO – *(Com mordança)* Louvado seja.

CEARIM – *(Canta)* Viver é muito perigoso
Viver não é mole não
Tinha a ajuda de Deus
Tenho a ajuda do cão
De ensacado que eu estava
Ensaquei o sacristão
Viver é muito perigoso
Viver não é mole não.

Cearim vai saindo de cena.

NARRADOR – E Cearim esperou escondido que as horas passassem.
Dentro do saco milagroso,
o sacristão esperava a hora gloriosa
de visitar os jardins do paraíso.
E quando já era meia-noite...

85

Vem o cangaceiro e o cego.

IRMÃO – Chegou a hora da hora mais triste para o nosso amigo.

CEGO – No fundo era um bom sujeito.

IRMÃO – É, pensando bem, era sim...

CEGO – É, mas vai metendo uns chumbinhos no buchinho dele.

IRMÃO – Tem certeza que já passou a meia-noite?

CEGO – Pois se olha a altura da lua.

IRMÃO – Pois se então, vamos lá.

CEGO – Vamos logo, que o joguinho estava bom.

IRMÃO – (*Vai atirar*) Espera aí. Não fica bem a gente mandar o tal sem encomenda. Umas rezas iam de muito bem. Inda mais que sou um cabra cristão e afilhado de São Jorge.

CEGO – Pensando bem, está com a razão. Vamos dar uma rezadinha.

86

IRMÃO – Começa.

CEGO – Pode começar.

IRMÃO – Começa daí que eu repuxo daqui.

CEGO – Começa daí que eu trepuxo daqui.

IRMÃO – Pra dizer a verdade, não tenho nenhuma reza de memória que me alembra.

CEGO – Pois não é que eu também não? Não tem importância, o que vale é a intenção.

IRMÃO – Pois já ajuda levar o bruto pra perto daquele mato... Tá mais leve o desgraçado.

Sai uma aguinha no chão.

IRMÃO – Olha aí, compadre cego. Ele está se livrando dos pecados.

CEGO – Pronto, agora toca fogo de uma vez.

IRMÃO – Vai com Deus, infeliz. *(Taca dois tiros nele)*

Ouve-se um mugido e nada.

CEGO – Pronto! Morreu!
(Canta) Que Deus se apiedeie
Da alma deste coitado
Que de ir ao céu não arreceie
Pois que vai bem ensacado
Hoje vai um
Amanhã outro vai
E um dia nós vamos também
Bendito seja os dois – amém.

87

CEGO – Agora vamos terminar o joguinho.

Os dois vão jogar em um canto. Cearim entra e vai até o saco.

CEARIM – Pobre sacristão de uma figa... Pagou a ambição com a vida. Enfim, se ele foi bom, deve estar a caminho de um bom purgatório. Se não foi, que se lasque. Agora, vamos cuidar desses dois safados, que estão muito a fresco no seu joguinho.

Cearim, escondido atrás de uma moita, chega até perto deles, que jogam.

CEGO – Tome lá que esta num se mata.

IRMÃO – Pois leve um trunfo.

CEGO – Reboque de igreja velha, sapiquá de lazarento, tome de volta.

IRMÃO – Pois levo... Eta joguinho bão, a única coisa é que está me dando uma danada guela seca.

88

CEGO – Pois não é que em mim também. A gente podia caminhar até à bodega e tomar uns bons tragos.

IRMÃO – Falado e dito. Vamos tocar pé no caminho.

Cearim, escondido, com voz de fantasma:

CEARIM – Já vãooooooooo?

Os dois estacam.

IRMÃO – Ouviu isso, compadre?

CEGO – Foi um cachorro do mato.

CEARIM – Eu vou atrás aaaiaiaiaiauaauraiiiii!!!

IRMÃO – Ai, Minha Nossa Senhora do Bom Parto... Bem me pareceu que a voz vinha dali daquele lado onde está o cadáver falecido morto por nós matado.

CEGO – Seja o que for, o melhor é ir embora.

CEARIM – Até mais logoooooooooooo.

O cego e o cangaceiro dão no pé. Cearim sai do esconderijo.

CEARIM – Agora vou atrás deles, quero pegar os dois quando estiverem bem encachaçados.

CENA 14 NA BODEGA

89

Cego e Irmão jogam.

BODEGUEIRO – Eu vou lá dentro fazer umas contas. Precisando de alguma coisa é só chamar.

IRMÃO – A gente chama. Pode ir seu bodegueiro. Olha pra dizer a verdade, até que está me dando um receio que a tal voz que nós ouvimos era a alma do infeliz vagando perto do corpo do cadáver falecido do morto.

CEGO – Que nada, era um cachorro-do-mato.

IRMÃO – Rei.

CEGO – Dama.

IRMÃO – Opa, até parece que despachar aquele infeliz está me dando sorte no jogo...

CEGO – Oh azar da peste...

IRMÃO – Ainda que não queira me lembrar, parecia que a voz dizia assim: já vão, eu vou atrás.

CEGO – Não, parecia uma voz que dizia assim... Até logo jáaaaaa.

CEARIM – (*Metido em baixo da mesa*) Tô aquiuuuuuu.

90

IRMÃO – Isso eu não ouvi.

CEGO – Nem eu.

IRMÃO – Então, por que é que falou?

CEGO – Eu não falei...

IRMÃO – Então, vai ver que fui eu mesmo e nem reparei.

CEARIM – Tô aquiuuuuuuuu.

CEGO E IRMÃO – Tá vendo. Você falou novamente.

CEARIM – O cego tambémmmmmmmuuuuuuuuuuio-
ooouiuuuuuuu.

CEGO – Num tenho quase nada, perdi tudo no
jogo.

CEARIM – Tuuuuuuuuuudddooooo?

CEGO – Tá aí, pronto.

CEARIM – Não queira enganar as almas, seu cego.
Devolva tudo e, por penitência, o seu também.

CEGO – De meu não tenho nada, que sou um
pobre cego. Nem vejo o bolso.

93

CEARIM – Tudddooooooooo!!!! (Agarra o pé do
cangaceiro)

IRMÃO – Aaaaaiiii. Pegou meu pé. Que mão fria!

CEGO – Solta o pé.

CEARIM – Vou levar este comigo se o cego não
der o dinheiro.

IRMÃO – *(Agarra o cego, coloca-o em cima da
mesa e revira os bolsos; tira tudo)* Pronto, dona
alma, tá aí o dele e mais o meu e mais o seu,
tudo bem contado...

CEARIM – Muito bem... Vou soltar vocês mas não quero que fiquem por estas paragens... Vão procurar outras paragens bem distantes...

IRMÃO – Vamos pra Tribobó...

CEARIM – Mais longe...

IRMÃO – Brocoió.

CEARIM – Vão mais longe, vão pra ponte que partiu!

IRMÃO – Pois vamos sim, senhora dona alma.

94

CEARIM – Se os encontrar novamente, levo os dois pras profundas... Correeeeeiiiiii. (*Solta os dois*)

IRMÃO – Soltou. Dá no pé, cego.

CEGO – Já fui...

Cearim rí às bandeiras despregadas.

CEARIM – Seu bodegueiro... Seu bodegueiro...

BODEGUEIRO – Pronto... Ué, cadê os dois que estavam jogando baralho aqui?

CEARIM – Foram embora pra ponte que partiu. O baralho deles é inglês, tem mais de dez reis... Mas não se aborreça, que deixaram dinheiro pra

pagar a conta... Olha seu bodegueiro, sabe quem tem umas terras pra vender por estas bandas?

BODEGUEIRO – Olha, pra dizer a verdade, a terra aqui tem só dois donos: as da fazenda do Coronel e as da fazenda do Padre.

CEARIM – Do vigário da paróquia?

BODEGUEIRO – Do vigário da paróquia.

CEARIM – E sabe se algum deles está querendo vender?

BODEGUEIRO – Que eu saiba, nenhum. Estas terras dão muito dinheiro...

95

CEARIM – Ora veja só. Seu bodegueiro, podia me vender aquele bauzinho, que eu estou precisando de um bauzinho maior pra guardar umas coisinhas minhas.

BODEGUEIRO – Se quiser, pode levar aquele ali mesmo. Já está aí há muito tempo e acho que o dono não vem mais buscar. Era de um artista de um circo que passou por aqui, ficou me devendo umas contas e largou o baú de garantia.

CEARIM – Então muito obrigado, seu bodegueiro. Até mais ver. *(Sai com o baú)*

CEARIM – (ABRE O BAÚ, REMEXE-O E TIRA UMA ROUPA DE BISPO) Olha só... uma farda de bispo... Não é que me bateu aqui agora, então o Seu Vigário tem umas terrinhas. Santas terrinhas. Espera aí que vou tirar uma consulta. Madrinha, oh Madrinha.....

MADRINHA – Cearim, meu filho, o que foi... Está bem, meu filho?

CEARIM – Muito bem, Madrinha. Olha, eu chamei a senhora por querer saber de uma coisa... Olha, Madrinha, quem é mais querido de Deus: os grandes reis ou os pobrezinhos que não têm nada?

96

MADRINHA – Ah, Cearim: *bem-aventurados os humildes, pois deles é o reino dos céus.*

CEARIM – E tem aquela outra ainda, dos camelos nos fundos das agulhas.

MADRINHA – Pois é certo, meu filho: *é mais certo um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no reino do céu.*

CEARIM – Então, quer dizer que os ministros de Deus na terra têm que dar o bom exemplo?...

MADRINHA – Claro, meu filho, assim tem que ser.

CEARIM – Então, agora eu já vou com mais confiança.

MADRINHA – Vai aonde meu filho?

CEARIM – Nada não, Madrinha... É umas coisinhas minhas. Pode ir, viu Madrinha.

MADRINHA – Precisando de mim é só chamar.

CEARIM – Chamo sim... Vaiiii, adeussss Madrinha.

Madrinha desaparece.

CEARIM – Agora, vamos chamar o outro lado... Seu Cachorro, venha aqui pra gente bater um papinho.

97

CACHORRO – (*Aparecendo*) Auuuurrrrggg. Pronto, meu filho, o que você quer?

CEARIM – Queria fazer uma perguntinha pro senhor.

CACHORRO – (*Cheira o ar*) Sniffsiniff. Cearim, meu afilhado, quem estava aqui com você?

CEARIM – Ninguém não, uma conhecida...

CACHORRO – Esse cheiro de velas não me engana. Foi aquela sirigaita, sempre se metendo em tudo.

CEARIM – Ah, Seu Cachorro, me admira o senhor com um rabo desse tamanho ligar pra certas coisinhas. Eu queria fazer uma pergunta.

CACHORRO – Pode fazer, meu filho.

CEARIM – Se o vigário da paróquia tem umas terrinhas e eu tenho aqui no meu bestunto um plano de levar as terrinhas dele, qual é o certo?

CACHORRO – Mate o vigário, coma ele com farinha, beba o sangue do desgraçado, queime a igreja, jogue bomba na quermesse. Auuuu auarrggguer.

98 CEARIM – Oh sujeitinho mau...

CACHORRO – O que foi? Auuurruggg.

CEARIM – Nada não, Seu Cachorro. Muito obrigado, já sei o que perguntei. Até à vista.

CACHORRO – Até à vista, meu filho, e seja mau.

CEARIM – Sejo, sim senhor.

CACHORRO – E não se esqueça: sempre alerta!
(*Faz sinal de corno com a mão*)

Cearim faz sinal de figa e Cachorro de corno, até que os dois concordam.

CENA 15 PORTA DA IGREJA

Cearim chega à porta da igreja. A batina ficou presa no cinto de sua calça.

CEARIM – (*Imponente*) Seu Vigárioooooooooo. Senhor Vigárioooooooooo...

VIGÁRIO – Quem é a estas horas da noite.

CEARIM – É o bispo... Mandado do Papa.

VIGÁRIO – Ah, pois não. Mas como é que Vossa Reverendíssima chega assim, sem aviso e ainda mais a pé.

99

CEARIM – Vim de leiteira mas deixei logo ali embaixo. Seu Vigário, vim aqui especialmente pra trazer um recado do Papa, o Santo Papa.

VIGÁRIO – Recado?!

CEARIM – Recado. O Santo Papa soube que o senhor vigário é dono de muitas terras... que tem fazendão. O Santo Papa não gosta disso não. Ele mandou dizer que tão logo possa, o senhor se desfaça dessas terras.

VIGÁRIO – Que eu me desfaça...

CEARIM – Mas o Santo Papa não quer que se desfaça das terras assim de repente. Quer que dê de graça ou venda por um preço bem barato. No máximo um baú de dinheiro.

VIGÁRIO – Um baú?!

CEARIM – Um baú. Hummmmm!!! Mas o Santo Papa não quer também que essas terras caiam nas mãos de um herege qualquer por aí... O Santo Papa quer que o senhor dê as terras a um moço honesto, trabalhador, piedoso, cristão, humilde, devoto, caridoso, e que traga no pescoço uma corrente com santo e crucifixo.

100 Cearim se volta e o Vigário olha atrás da batina dele.

VIGÁRIO – E o que mais o Santo Papa manda dizer?

CEARIM – Manda dizer que faça isso bem logo, porque senão... Hummm. Agora vou embora que o Santo Papa está me esperando. Até logo, seu Vigário, cumpra as ordens. Tome lá um santinho. E, Seu Vigário, sempre alerta!

O Vigário entra na igreja. Cearim corre aonde deixou o baú. Canta enquanto troca de roupa e coloca um grande crucifixo no pescoço.

CEARIM – *(Canta)*
Viver é muito perigoso
Viver não é mole não
Já tive a ajuda de Deus
Tenho a ajuda do Cão.
Seu vigário está com medo
Vai me dar o fazendão
Já fui bispo, já vi anjo
Já posei de assombração.
Viver é muito perigoso
Viver não é mole não.

CEARIM – *(Chegando, muito humilde, à porta da igreja)* Seu Vigáriooooo, Seu Vigáriooooo...

101

VIGÁRIO – Quem seria... Ah, é você, meu filhinho?

CEARIM – Sou eu, seu Vigário. *(Beija sofregamente a mão do vigário)* Bênção, santo Vigário.

VIGÁRIO – Deus te abençoe. O que quer, meu filho?

CEARIM – Nada, seu Vigário. Apenas vim ficar mais perto de Deus e nenhum lugar é mais perto que a sua Santa Casa.

VIGÁRIO – Muito bem, meu filho.

CEARIM – Vim também trazer um dinheiro pras caridades da paróquia. Eu também não tenho nada, mas quem dá aos pobres empresta a Deus.

VIGÁRIO – Muito bem, meu filho. E o que mais?

CEARIM – Queria também que o seu Vigário fizesse o favor de benzer este santo crucifixo que eu trago sempre pendurado no pescoço.
(Ostenta o crucifixo)

VIGÁRIO – Espera aí, meu filho, que já vou te encher de bênçãos. Podem levar, está acusado de tentar roubar a Igreja de Deus.

102

Surgem o Cabo e o Sargento.

CABO – Esteje preso.

SARGENTO – Então, o senhor queria passar o conto do vigário no próprio dito cujo?

CEARIM – Volta e meia acabo dando com os costados na cadeia.

SARGENTO – Dê pra cá esse baú. O que é que tem dentro?

CEARIM – Uns dinheirinhos meus.

SARGENTO – Está confiscado. Guardado e protegido pela lei.

CEARIM – E lá se vai o meu rico bauzinho.

SARGENTO – Seu Cabo, fique tomando conta da cadeia, assuma o comando, enquanto eu vou até em casa contar este dinheiro. Qualquer coisa, dê o alarma.

CABO – Pode ir descansado, seu Sargento...

Cearim fica sozinho.

CENA 16 CADEIA

CEARIM – Já estou eu de novo na enrascada... E olha que com proteção de tudo quanto é lado... Proteção. Espera aí, quem sabe se os dois juntos, o padrinho e a madrinha, não me tiram daqui de dentro. Espera aí que eu vou fazer um chamado geral. Primeiro o lado de baixo: Padrinho... Seu Cachorro, vem aqui bater um papinho.

103

CACHORRO – Aqui estou, meu filho. Aurururrggg...

CEARIM – Viu o que me aconteceu de seguir os belos dos teus conselhos? Trancado nesta jaula até nem sei quando...

CACHORRO – Seja mau, meu filho...

CEARIM – Seja sim... Olha aqui, seu Cachorro: eu andei ouvindo por aí certas coisas que muito o desmoralizam...

CACHORRO – O que foi, meu filho, fale logo que já estou botando fogo pelas narinas.

CEARIM – Pois andaram me dizendo... Mas até tenho medo de contar, só em pensar na raiva que vai lhe dar.

CACHORRO – Fale logo, aposto como foi de alguém da parte de cima.

CEARIM – Pra dizer a verdade, foi mesmo a minha madrinha da parte de cima.

CACHORRO – Aquela... O que foi que ela disse?...

104

CEARIM – Pois ela disse que o senhor tem um medo dela que se pela. Que, só de ouvir o nome dela, já treme.

CACHORRO – Mas é uma mentira deslavada. Não tenho medo nem Dele, quanto mais dela. Não acredite, meu filho, são intrigas da oposição.

CEARIM – Não acredito não... Bom, agora já pode ir embora... Até logo, seu Cachorro. Precisando, eu chamo, viu...

CACHORRO – Seja mau, meu filho. E, sempre alerta.

CEARIM – Sempre alerta... Bem, agora vamos ao lado de cima. Madrinha, venha aqui, Madrinha...

MADRINHA – Olá, meu filho... Como vai a vidinha?

CEARIM – Uma mer... porcariazinha, Madrinha. Estou presinho...

MADRINHA – Coitadinho. Seja bom.

CEARIM – Sejo, sim senhora...

MADRINHA – Por que me chamou?

CEARIM – Ah, Madrinha, é que eu andei ouvindo umas coisas por aí a respeito da senhora que até estou perdendo a fé.

105

MADRINHA – Que coisas, meu filho... Ah, se foi o tal caso do Espírito Santo, eu subo lá em cima e chamo meu marido pra tirar satisfações.

CEARIM – Desse caso aí não soube nada, não senhora.

MADRINHA – Quem foi que falou? Só pode ter sido alguém da parte de baixo.

CEARIM – Pois foi justamente o meu padrinho da parte de baixo.

MADRINHA – Eu sabia! E o que foi que ele mentiu?

CEARIM – Tenho até medo de falar, só pensando na raiva que vai lhe dar.

MADRINHA – Pois fale, que já estou vendo nuvens vermelhas na minha frente.

CEARIM – Pois o meu padrinho me disse que senhora morre de medo dele, que só de saber que ele está por perto a senhora... fiupt... está sumindo.

106 MADRINHA – É uma mentira deslavada... Eu não tenho medo daquele pateta.

CEARIM – Eu sabia que a senhora não tinha medo dele...

MADRINHA – Nem dele, nem de mil iguais a ele.

CEARIM – Eu estou quase chamando ele aqui, pra ver com quem é que está lidando.

MADRINHA – Chamar o Cão? Mas não é preciso...

CEARIM – Olha o medo...

MADRINHA – Medo? Pode chamar, aposto que ele nem aparece eu estando aqui.

CEARIM – É pra já que eu vou chamar. Seu Cachorro, venha depressa que tem gente esperando.

Surge o Cachorro. Madrinha se esconde atrás do véu e Cachorro atrás da capa.

CACHORRO – Ai.

MADRINHA – Ui.

CACHORRO – Ai.

MADRINHA – Ui...

CEARIM – Agora que está bom mesmo isto aqui. A parte de baixo mais a parte de cima.

107

Os dois estão com medo um do outro.

CACHORRO – Eu não estou com medo de ninguém.

MADRINHA – Alguém aqui está com medo?

CEARIM – Pra dizer a verdade, eu estou um bocadinho.

CACHORRO – Por que me chamou, meu filho?

CEARIM – Agora que nós estamos todos reunidos, eu queria dizer umas coisas. Seguindo o

conselho de vossas senhorias eu sempre me dei mal, agora queria ver se aqui nós três juntos, a gente não dava um jeito de me tirar daqui.

MADRINHA – Se quer sair, meu filho, seja bom.

CACHORRO – Seja mau, meu filho.

MADRINHA – Seja bom.

CACHORRO – Seja mau.

MADRINHA – Boooooommm.

CACHORRO – Maaaauuuuu.

108

CEARIM – (*Engrossa*) Que é isso aqui?! Que é isso aqui?! Que coisa impressionante! Seja mau, seja bom, seja mau, seja bom e eu aqui na jaula. Eu quero uma coisa certa.

MADRINHA – Pois eu subo lá em cima e logo mando dez anjinhos te buscar.

CACHORRO – Pois eu desço lá em baixo e mando dez capetas te salvar.

MADRINHA – Seus dez e mais vinte.

CACHORRO – Seus vinte e mais quarenta.

CEARIM – Truco! Pago pra ver!

Cachorro e Madrinha somem. Cearim fica sozinho. Logo surgem Ercília e Cabo.

ERCÍLIA – Olha, seu Cabo, o Sargento está se divertindo na minha casa, mandou trazer este baú aqui que fica mais bem guardado.

CABO – Será guardado. Como vão os negócios?

ERCÍLIA – Assim, assim...

CABO – Deve ter muita freguesia... Umas meninas tão jeitosas que a senhora arrumou, inda mais a dona, uma belezura assim como a senhora...

109

ERCÍLIA – Quem é aquele preso ali?!

CABO – Aquele é um gaiato que quis passar o conto do vigário no vigário e se deu mal.

ERCÍLIA – *(Indo até à jaula)* Você?!

CEARIM – Eu mesmo, dona sem-vergonha. Fazia tempo que não aparecia. Desde o dia que levou meu dinheiro com aquela conversa de gostar de mim. A senhora é que devia estar aqui, mais o cego, o cangaceiro e o vigário.

ERCÍLIA – Mas foi bom, não foi?

CEARIM – Nem tanto, por um preço daqueles...

ERCÍLIA – Sabe, eu fiquei arrependida... Pensei muito...

CEARIM – Sei.

ERCÍLIA – Se eu pudesse fazer alguma coisa por você...

CEARIM – Pois pode me ajudar a escapar. Olha...
(*Cochicha*)

ERCÍLIA – Está certo. À meia-noite então.

110 CEARIM – O sargento vai estar na sua casa, não vai?

À meia-noite.

NARRADOR – E Cearim esperou e quando era meia-noite, o cabo dormia, chega o sargento bêbado e Ercília embriagada.

Durante o diálogo, Ercília vai tirando a chave que está no pescoço do sargento.

SARGENTO – Meu benzinho, você está protegida pela lei. Ninguém fecha a sua casa porque a lei, que no caso sou eu, está no seu lado.

ERCÍLIA – O senhor é tão valente, tão militar, tão inteligente!!!

SARGENTO – Minha filha, eu aqui neste fim de mundo estou me perdendo. Com a cabeça que tenho, em outro lugar já seria pelo menos general.

Ercília vai até à cela. Abre a grade.

CEARIM – Que é isso?

ERCÍLIA – Um vestido de mulher, assim ele não desconfia de nada.

CEARIM – Ah, de mulher eu não vou.

111

ERCÍLIA – Vamos logo, não temos tempo a perder.

CEARIM – Vou ficar falado em todos esses arraiás por aí. Ah se a madrinha me visse agora.

Ercília vai entreter o Sargento enquanto Cearim vai saindo de fino com guarda-chuva na mão e lenço na cabeça.

SARGENTO – Quem é essa mulher?

ERCÍLIA – É uma das meninas que veio me trazer um recado...

SARGENTO – Ah, que belezinha... Venha cá, minha filha... Como ela é acanhada.

ERCÍLIA – É que ela é nova ainda.

SARGENTO – Venha cá, belezinha, dá um beijinho pra lei. Não adianta esconder a carinha, eu sei que você é bonitinha...

ERCÍLIA – Ela é muito envergonhada.

SARGENTO – Só vai embora se me der um beijinho.

ERCÍLIA – Eu dou, não quer?

112 SARGENTO – Eu quero é dela. É por capricho.

CEARIM – *(Dá com o guarda-chuva com toda a força)* Toma beijinho, seu filho de uma égua. Vá beijar a mãe!

CENA 17 MATO

NARRADOR – Com este expediente, Cearim, ajudado por Ercília, conseguiu escapar da cadeia. Foi ao mato onde tinha deixado o baú com as roupas.

Cearim vem vindo. Ouve um ruído e logo vem uma figura impressionante, com as roupas arreventadas e ramos de flores na cabeça.

SACRISTÃO – Os anjos, todos os anjos... Anjo, você é anjo?

CEARIM – Que é isso... Ah! É a alma do sacristão vagando nas trevas.

SACRISTÃO – Os anjos, todos os anjos.

CEARIM – Pera aí, não é alma não... O sacristão está vivo, as balas pegaram na cabeça só de raspão e ele ficou bobo... Veja só que sorte a sua, Seu Sacristão. Agora não posso deixar você só no mato. Vem comigo, vamos procurar comida. Afinal, levou os tiros no meu lugar.

Cearim abre o baú, tira dois hábitos de capuchinho, veste um e dá o outro ao Sacristão.

113

CEARIM – Pra quem anda fugido da polícia, nada melhor que andar de frade. Vamos logo, que meu estômago está grudando de fome.

NARRADOR – E Cearim mais o Sacristão desmemorizado seguiram a passo lento pela estrada, em busca de alguma boa alma que lhes desse o que comer. Chegaram a uma roça, onde alguns camponeses trabalhavam.

CEARIM – Bons dias, meus irmãos.

CAMPONÊS – Bom-dia, santo frade.

CEARIM – Estamos passando para encontrar uma boa alma que nos dê o que comer.

CAMPONÊS – Ih, seu frade, comida aqui não tem não. O Coronel fechou o armazém e só vai dar comida se a gente der metade da colheita e o Vigário faz a mesma coisa.

CEARIM – Pra nós não precisa ser muita coisa... uma carinha com farinha já dava pra quebrar o galho.

CAMPONÊS – Não temos nem pra nós, seu frade.

114 CEARIM – Estava pensando...

SACRISTÃO – Os anjos...

CEARIM – Cala a boca... Vede, irmãos, ele está variando de fome... Estava pensando que se nos desseis um de comer, eu ia fazer uma reza das boas pro Coronel e o Vigário abrirem o armazém.

CAMPONÊS – O que tem é só esta cuia de farinha...

CEARIM – Já serve, irmão, já serve...

Cearim come e dá um pouco ao Sacristão.

CAMPONÊS – Tá bom de gosto, seu frade?

CEARIM – Está um pouco mofada. Mas pra quem ama, fedor de bode é perfume.

CAMPONÊS – Passou a fome, seu frade?

CEARIM – Aliviou.

CAMPONÊS – E a reza que o santo frade vai fazer pra o Vigário mais o Coronel abrirem o armazém?

CEARIM – É pra já... Atenção!

CEARIM E SACRISTÃO – (*Cantam*)

Os anjos, todos os anjos

Os anjos, tão bonitinhos

Os anjos, tão gorduchinhos

Os anjos, tão peladinhos

Os anjos, tão bundudinhos

115

CEARIM – Que é isso, dizer uma coisa destas dos santos anjinhos. Olha aqui minha gente, reza só não vai adiantar não.

CAMPONÊS – O que é que adianta, então?

CEARIM – O causo é o seguinte... As terras aqui só tem dois donos. As terras do Coronel e as terras do fazendão do Padre. Pois se são só os dois que tem terra é porque o resto não tem terra nenhuma. Então, o negócio é dar um jeito na esperteza e levar as terras do Coronel e do Vigário.

CAMPONÊS – Fazer uma coisa destas com o Vigário. Deus manda castigo.

CEARIM – Olha, ô berro de meia guela: Deus está de férias. O que tem de fazer é despachar logo o Coronel e o Vigário. Sei que vigário é ministro de Deus na terra, mas também é dono de terras. Então, passa a vara nos donos da terra e o Vigário também vai no embrulho.

CAMPONÊS – Heresia... Mandado do diabo.

CEARIM – Olha aqui o insosso. O diabo renunciou...

CAMPONÊS – Acho que ele está falando certo...

116

CEARIM – Tem muitas coisas que vocês não sabem... Olha aqui gente, vem pra cá que eu quero contar uma história pra vocês, uma história que aconteceu comigo... Era uma vez um lugar muito triste, perdido nos longes do sertão. Nos meses de verão...

NARRADOR – (*Continuando*) A chuva deixava de cair, os rios secavam e a terra rachava... E Cearim começou, ponto por ponto, a recontar sua história desde o dia em que tinha partido de sua terra, cantando em busca de felicidade... Contou tudo... O aparecimento da madrinha, o testamento do cangaceiro, o cego, a noite com Ercília, o irmão do cangaceiro, o vigário, o truque do saco, o disfarce do bispo... Enfim, contou,

ponto por ponto, tudo o que havia vivido desde o dia em que começara a grande caminhada em busca da felicidade. No seu recontar, os ouvintes foram entendendo que a bondade e a maldade não resolvem, que não é porque o homem é bom ou mau que as coisas acontecem, mas apenas porque o homem é como é. Foram entendendo que a terra devia ser de quem trabalhava nela. E Cearim, no recontar da história, estava com eles. Quando Cearim acabou, um brilho novo e diferente dançava nos olhos dos lavradores e em seus corações uma vontade de vida nova começava a tomar forma. E, ao compreender a história, a raiva mais linda do mundo brilhava nos olhos dos lavradores.

CEARIM – Estou certo?

117

TODOS – Certo.

TODOS – *(Cantam: o coro da maldade)*

A gente não pode ser bom

A gente não pode ser mau

Quando a gente quer ser bom acaba mal

Quando a gente é mau é bom

Quando a gente é bom é mal

O melhor é mesmo ser

Cada vez sempre mais mau.

CEARIM – *(Canta)*

Mas a maldade não vai pra sempre existir

Pois um dia há de haver que a bondade há de vir

Mas até esse dia chegar a gente tem que ver
Também tem que pensar
pro dia chegar
também tem que lutar
Todos vão ser bons
Ninguém mais vai ser mau
Lindo dia de igualdade
Quando tudo vai mudar.

Enquanto os camponeses cantam *a boca chiusa*:

NARRADOR – Não guardo de meu uso. Conto.
faço mesmo gosto de contar e recontar.
Só por diversão de ver as caras mudarem de jeito
quando a história muda de jeito.

118 Escolho as partes curtas,
que dão bom lugar de começo, meio
e um bom ponto certo de paragem...
Fim? Não... que só com morte ou cataclismo.

NARRADOR – (*Canta*)

Era uma vez

Era uma vez

Era uma vez uma história

e dentro da história tinha outra história

e na história da história

tinha uma porção de história

Era uma vez

Era uma vez

Era uma vez

Finis

As Aventuras de Ripió Lacraia

As Aventuras de Ripió Lacraia

Leitura Dramática em 9 de agosto de 1994

Original de Chico de Assis

Direção: Silnei Siqueira

Elenco:

Umberto Magnani

Cláudio Fontana (Ripió)

Ugo Napoli

Beto Magnani

Adriana Wohlers

Alexandre Aranha

Guga Aranha

Manuel Siqueira

Marcos Ferraz

Maria Prudente

Mariana Toledo

Rodrigo Hornhardt

Sandro Nogueira Carotini

121

As Aventuras de Ripió Lacraia, segunda peça da *trilogia de cordel*, foi encenada pelo Teatro Nacional de Comédia no ano de 1963, no Rio de Janeiro, com Agildo Ribeiro no papel de Ripió.

A peça é um estudo dramatúrgico sobre o herói brasileiro e a narrativa por episódios. Ripió é o

herói popular que se transforma continuamente, de acordo com as aventuras (episódios) que vive. É um Deus *Ex Machina*, sempre presente e sempre pronto a intervir em favor do povo.

A *Trilogia do Cordel* se completa com *O Testamento do Cangaceiro* (1960) e *Farsa com Cangaceiro, Truco e Padre* (1967), ambas encenadas pelo Teatro de Arena: o herói Cearim, do *Testamento*, foi interpretado por Lima Duarte, enquanto o herói Xandú Quaresma, da *Farsa*, foi representado por Antonio Fagundes.

122 *Texto de Chico de Assis, constante do programa da Leitura Dramática realizada em São Paulo, no Auditório Alceu de Amoroso Lima – R. da Consolação, 2341.*

Encenação em 1963, pelo Teatro Nacional de Comédia:

Ripió Lacraia: Agildo Ribeiro

Músicas: Geny Marcondes

Cenários: Anísio Medeiros

Direção: José Renato Pécora

Personagens:

Contador

Rosinha

Ripió
Coronel Militão
Liminão
Rasga-Bucho
Zé-Castigo
Lisório
Velho
Zileu
Gogão
Cego#1
Cego#2
Ciclópio
Velha/Ripió
Cego/Ripió
Garimpeiro/Ripió
Cangaceiro/Ripió
Padre/Ripió

Canções:

Canção do Prólogo (Contador, com Coro)
Canção do Descanso dos Jagunços (Jagunços)
Canção de Ripiό Lacraia (Jagunço/Ripiό, solo)
Canção da Vida de Jagunço (Jagunços)
Canção da Receita do Fechamento de Corpo
(Ripiό, solo)
Canção da Morte (Ripiό, solo)
Canção de Rosinha (Rosinha, solo)
Canção do Caminho (Zileu, Gogão, Rosinha)

Canção da Meia Estória (Contador)
[Canção da Vida de Jagunço (Jagunços)]
Canção do Cego/Ripió (Ripió)
Canção dos Cegos Indo pro Eito (Coro de Cegos)
Canção do Patrão (Ciclópio e Cegos)
Canção do Retrato I (Ciclópio e Cegos)
Canção do Mestre Inácio (Ripió)
Canção do Retrato II (Rosinha e Cegos)
Canção de Silêncio (Ripió)
[Canção do Que se Leva Deste Mundo
(Jagunço/Ripió, solo)]
Canção Final (Coro de Camponeses)
Canção de Retirada (Todos)

CENA 1 CANÇÃO DO PRÓLOGO

Que começa com uma canção, na qual um contador de estórias se propõe aos ouvintes.

CONTADOR – Viajante chegou nessa porta
Tanta gente ninguém viu
Morreu infeliz passarinho
Dentro de sua gaiola oi
Meu canto não vale nada
Vou dar no pé vou-me embora

CORO – Ó de fora

CONTADOR – Ó de casa
Tem gente na porta
Na beira da estrada
Pedindo guarida
Pedindo pousada

125

CORO – Se é gente do povo
É gente honrada
É gente que é pobre
E que num tem nada

Se é gente do povo
É gente honrada
É gente que é pobre
E que não tem nada

CONTADOR – Só causos da vida
Que vi no caminho
Que guardo pra mim
É estória pra ser contada.

CENA 2 APRESENTAÇÃO DE RIPIÓ LACRAIA

CONTADOR – É de longe que eu venho. O pé
que leva.
Andanças que só eu só, jeito de vida.
Assim fui sempre, desde menino,
Moleque pequeno, guri... Gosto.
Há os que ficam, então se fincam.
Gente que diz: é bom dar parada e criar raiz.

126 CONTADOR – Sei lá, pobre nunca tem nada de seu.
Então, eu ando, sei lá.
Ando porque anda andarilho andejo.
Por ser assim, eu sou que nem Ripió Lacreia.
Quem é? Pois é o Lacreia!

CONTADOR – Não me admira que não se conheça
por esse nome.
Tem muitos nomes e sobrenomes,
Alcunhas, apelidos, pronomes,
Assim como caras, roupas, disfarces e peles.
Já vi chamar “Seu Ripió” de tantos...
Como: Zeferino, Taturana, Pedro Corneta,
Godofredo Barrios, Barrica, Benevides,
Tatu, Lau, Tito, Dois, Treis,

Decamarte, Desidério, Carnegão
E por aí vai indo assim,
Até muitos que nem sei eu
Dei no esquecimento
Já se viu quem o topasse
Como Vaqueiro, mascate, doutor,
Soldado, fantasma, farmacêutico.
E até como Bispo, padre, mulher, menino...
Assim é seu Ripió.
Muda muito: de jeito, de lugar, de nomes.

CONTADOR – Pois no respeito de não ter parada,
Sou como Ripió que sempre dizia assim:
Eu me fiz ser como semente de paineira pequena.

Logo que a paineira ganha tamanho,
Disposta a dar lenha, paina e sombra, ou flor,
Subo do chão, me estalo no alto
E me mando de novo a voar.

CONTADOR – Sou como ele, isso eu sou... se sou.
Se dá que as paineiras crescem depressa demais.
Deixando então uma vagabundagem muito erma.
De vez em quando dá um só, um só afinado,
Meio assim como ferida, machucando.
Então, paro onde encontro gente...
Paro, conto.
São uns fatos que, de passagem,
Se vê, se ouve, se guarda,
Depois se junta tudo...

Mais uma bossa, um jeitão de recontar
E são os causos, estórias, lendagens.
Por falar, me bateu um...
Então eu conto...

CONTADOR – Um houve que era uma vez nos
tempos,
Um fazendão muito extenso
Nas bandas do meio do sertão,
Logo ali, pra quem passa a serra.
O Coronel Poderoso dono das terras
Era um Militão Nãoseiqualá de Brito
Um ainda herdeiro da gente portuguesa antiga.
No fazendão dele a Lei era fome, reio e tiro.
Dava trato aos lavradores,
Como é comum dos coronéis:
Qué, qué. Num qué, istrada!

128

CONTADOR – Era um tal ruim que só gente ruim;
Que é o que há de pior no mundo.
Tanto, que tinha para sua defesa e ataque
Um bando de jagunços armados
Que fazer faziam mortes, surras, incêndios
Só ele mandasse. Quando não,
Faziam só por se traquejar,
Que era essa a profissão deles.

CONTADOR – Nesse fazendão, vivia um velho
De nome Riano ou Ribano, nem me lembro.
Pois o tal velho Ribano morava com uma menina

Que tinha apanhado a criar, por ser órfã.
Rosinha, a menina tinha por nome.
O velho mourejava no armazém do Coronel.
Deu que um dia o Coronel
Achou de achar falta
De uns trens e mantimentos.
Chegou, apertou o velho.
Então, soube que alguém estava
Desviando mercadoria do armazém...
Pois é aqui quando a narrativa ganha ação.
Este aqui é o Coronel Militão.

CENA 3 PRIMEIRO EPISÓDIO

Entra o Coronel, de rebenque na mão.

CORONEL – (*gritando*) Lisório, ô cabra safado!

Entra Lisório.

CORONEL – Onde é que estão, seu cabra do cão?
Cadê o velho e mais a menina que mandei trazer
aqui pra dar punição?

LISÓRIO – Ai, meu patrão, meu coronel, meu
protetor! Num me bate, num me bate, mas deu
desgraça terrível!

CORONEL – Dê nas falas. O que foi o acontecido?

LISÓRIO – Buscar eu fui... Mas não dei de en-
contro. Vim saber deram no pé, logo quando

souberam que o patrão mandou buscar pra dar castigo.

CORONEL – Ai, pelos cornos do capiroto, que isso vai dar tragédia! Vai daqui, cabra mole, e mande vir meus jagunços, com seu chefe Liminão.

LISÓRIO – Num pé e volto noutro. (*sai*)

CORONEL – (*para o público*) Isso comigo não se é de fazer. Todos sabem que sou justo da velha justiça. A quem me fez prejuízo não dou tréguas. Sigo, persigo e mando alcançar. É só o tempo de campear. Que aqui nestas bandas não tem perna comprida que carregue um longe do meu castigo. Aí vem meus jagunços!

130

Num tropel de cavalos entram três jagunços, carreirando e parando brusco.

CORONEL – Liminão!

LIMINÃO – Aqui pra tudo, patrão!

CORONEL – Rasga-Bucho!

RASGA-BUCHO – Onde é o fogo?

CORONEL – Zé-Castigo!

ZÉ-CASTIGO – Pronto pra castigar!

CORONEL – É um serviço de urgência...

LIMINÃO – Qual é o rumo da missão?

CORONEL – Dar caça a dois danados que me deram roubo e prejuízo. Me busque, aonde for, o velho Ribano mais a menina Rosinha.

RASGA-BUCHO – Qual é o crime da Rosinha?

CORONEL – Desmonte! Ouviu?

RASGA-BUCHO – Ouvi!

131

CORONEL – É fato.

RASGA-BUCHO – É fato? *(levanta-se devagar)*

CORONEL – De joelhos! Ouviu?

RASGA-BUCHO – Ouvi!

CORONEL – É fato.

RASGA-BUCHO – É fato?

Rasga-Bucho vai ajoelhar-se. Hesita. O Coronel faz um sinal. Os outros jagunços dão com os

cavalos, pinchando Rasga-Bucho no chão. O Coronel vai até ele e dá-lhe de rebenque.

CORONEL – Pois é: uma, duas, treis, as quatro e cinco!

RASGA-BUCHO – Pois me bateu!?

CORONEL – Bati. Assim o côro arde e não dá nunca mais vontade de espicular perguntas das coisas que mando. Aprendeu?

RASGA-BUCHO – Aprendi.

CENA 4 SEGUNDO EPISÓDIO: CLAREIRA NA MATA

132

CONTADOR – Segundo episódio,
No qual se vai ver de como
O velho e a menina se escondem
No mato para passar a noite.
Aonde irão de estar os perseguidos?
Serão encontrados pelos jagunços?
Se assim for, como será?
Será o que tiver que ser.
No mais, é bom que me mande,
Não posso dar de encontro com os jagunços.
Ruído de vozes.

CONTADOR – São eles.

Clareira na mata. Entram, com trouxas, o velho e Rosinha.

ROSINHA – Está mal, avozinho?

VELHO – Cansado só. É uma corrida que não termina nunca mais. Se, ao menos, a gente topasse uma cidade. (*senta-se no chão, ao centro*)

ROSINHA – Aqui, eles não encontram a gente!

VELHO – O danado Coronel, a estas horas, já deve ter botado Liminão e os jagunços no nosso rastro.

ROSINHA – A gente escapa. Não desanima, vô... Tudo fica bom.

133

VELHO – E dizer que nem culpa temos! Ano mais ano passei sem um grão de milho do Coronel. Ano mais ano, vi gente morrer de fome na porta do armazém... Nunca, apesar da dor que sentia, nunca tomei um nada pra matar a fome dos desgraçados...

E essa agora, quase no fim da vida.

Rosinha chora.

VELHO – Não chora, filhinha.

ROSINHA – Sabe, vô... Eu queria que tudo desse certo, que a gente desse de escapar e que, saindo daqui, a gente chegasse num lugar diferente... Onde houvesse riso e dança sempre. Onde o vô pudesse descansar a velhice em paz. Onde houvesse moços e moças alegres... Comida farta... Trabalho justo.

VELHO – Só morrendo e sendo bom. Esse lugar que você qué não se encontra na terra...

É o céu, o reino de Deus. Lá, tudo é assim.

ROSINHA – Avô, como é que Deus parece?

134

VELHO – Deus é como uma coisa grande, sem tamanho... Que não se vê, não se pega, só se ouve falar... Dizem que mora nas nuvens em cima do céu, bem longe do grito e do cheiro dos homens... De onde há de vir para julgar os vivos e os mortos.

ROSINHA – Os vivos e os mortos?

VELHO – Assim dizem...

ROSINHA – É triste a gente ter que morrer pra vivê do jeito que a gente quer.

VELHO – Morrer parece triste fim, mas é um prêmio.

ROSINHA – Sei não... Às vezes, penso que, aqui mesmo na vida, a gente pode ter uma paz...

VELHO – Assim como um tesouro!

ROSINHA – Assim como um tesouro?

VELHO – Falando assim, você me lembra seu pai, ele também viveu buscando um tesouro!

ROSINHA – Encontrou?

VELHO – Sei lá... Sei não... Não sei.

ROSINHA – Por que meu avô nunca me fala do meu pai? E nem da minha mãe?

135

VELHO – Porque sei lá... Nem sei... Um dia, eu falo. Um dia, eu falo tudo de uma vez.

ROSINHA – Que seja logo...

Ruído de cavalos em disparada.

VELHO – Os jagunços...

Os dois se escondem no mato. Logo surgem os jagunços em disparada, gritando aos capangas.

CENA 5 TERCEIRO EPISÓDIO: RIPIÓ VIRA VELHA

CONTADOR – Terceiro Episódio,
No qual se vai ver
De como os jagunços param para descansar
E agora, veremos um sensacional
Aparecimento de um novo personagem
Que virá modificar de todo nossa estória.
Beira de um córrego. Entram os três jagunços.

LIMINÃO – Parada! Descanso na procura.

RASGA-BUCHO – Arre! Paramos.

ZÉ-CASTIGO – Estou com a bunda chateada de sela.

136

LIMINÃO – Folgamos um pedaço de manhã.
Longe não hão de estar.

ZÉ-CASTIGO – Ainda mais que estão nas pernas.
O rastro logo se acha.

LIMINÃO – É bom dar tempo na procura, que dá
mais valor no trabalho.

RASGA-BUCHO – Verdade coisa vista que até
jagunço descansa.

ZÉ-CASTIGO – Pois se há um sol...

LIMINÃO – Uma sombra.

ZÉ-CASTIGO – Um banhado de água boa.

JAGUNÇOS – (*cantam* Canção do Descanso dos Jagunços)

Até jagunço tem gosto em descansar
Pois se há um sol, uma sombra, um banhado
de água boa
Até a morte para um pouco pra esperar

Que é manhã bonita, bem bonita de verão

Até as nossas armas se aconchegam na bainha
Até o fogo dorme dentro do fuzil
Até a briga se desmancha num sorriso

Que é manhã bonita, bem bonita de verão
Que é manhã bonita, bem bonita de verão
Que é manhã bonita, bem bonita de verão

137

Ouve-se uma gargalhada esganiçada.

LIMINÃO – Quem é que riu

Nova gargalhada.

ZÉ-CASTIGO – Sai do mato, sinão vai bala pra
todo lado.

Nova gargalhada.

RASGA-BUCHO – Olhe o fogo na risada.

Barulho no mato, de um lado. Os jagunços atiram juntos na direção daquele lado. Risada vem do outro lado: os jagunços atiram. De um outro lado, cai de uma árvore uma velha, parecida com uma bruxa.

VELHA/RIPIÓ – Aqui, meus jagunços!

Os jagunços se viram.

LIMINÃO – Quem és tu, velha bruxa? O que quer com os jagunços?

VELHA/RIPIÓ – Que pode querer uma velha como eu? Um bate-papo e companhia, que há muito ninguém vem nestes ermos, e é de proveito e diversão saber coisas como vão indo... pelos lados da serra ou da cidade...

LIMINÃO – Não está vendo, velha, que somos jagunços e não estamos pra conversa?!

VELHA/RIPIÓ – Quim – quim – caia – pinduricaia. Quim – quim – cão – penduração. Sapo anda com sapo, cobra anda com cobra e cão anda com cão. Três jagunços malvados, nada melhor pra companhia de uma velha danada como eu.

ZÉ-CASTIGO – Sai pra lá, obra do demônio! Te esconjuro! (*faz o “em nome do pai”*)

Estas falas, estas caras são para mim engenhos do cachorro, fuzueira do diabo!

VELHA/RIPIÓ – Pois fique sabendo que ele está com vocês. Fique notando que não é outro o protetor das guerras, matanças e tudo o mais. Padre se tem com a Trindade, jagunço com o cão amizade.

LIMINÃO – Credo em cruz, me benzo!

RASGA-BUCHO – Pra lá, velha maluca!

VELHA/RIPIÓ – Pra cá, meus jagunços! Tem aí uma pinga, um pedaço de fumo?

139

ZÉ-CASTIGO – Toma lá o fumo, mas não chegue perto, apanha no chão! (*joga o fumo*)

VELHA/RIPIÓ – Que é isso, meu neto? Está com medo da vovó? Cachaça, não tem?

RASGA-BUCHO – Tem não.

LIMINÃO – Olá, ô velha indecente! Não viu passar por estes lados um velho mais uma menina?

VELHA/RIPIÓ – Um velho enrugado e antigo, velho quase acabado?

LIMINÃO – Pois certo!

VELHA/RIPIÓ – Mais uma menina moça, muito jovem e muito linda?

LIMINÃO – Pois certo!

VELHA/RIPIÓ – O velho mais a menina, os dois juntos duma veis?

LIMINÃO – Pois certo certíssimo!

VELHA/RIPIÓ – Pois, assim assim, não! Vi um velho e uma menina, mas o velho foi no mês passado e a menina não faz uma semana ainda

140

LIMINÃO – Então, não viu nada que preste, velha porcaria, pois estamos atrás de uns assim, que ainda ontem por aqui devem ter alcançado.

VELHA/RIPIÓ – Não vi, mas posso ver. O porque estão por eles?

LIMINÃO – São foragidos criminosos. Tem culpa de roubo de certos pertences do Coronel Militão.

VELHA/RIPIÓ – Conheço muito bem o grande Coronel. Não sabia que tinha exércitos, uma jagunçagem especial. O que roubaram os tais?

LIMINÃO – Chega de porquês, velha. Não há o que comer em tua casa?

VELHA/RIPIÓ – Vê, minha casa é aqui mesmo.

De comer, só um rato morto falecido e amanehcido, que posso preparar guisado na lama, se agrada!...

LIMINÃO – Nojenta! Velha bruxa!

VELHA/RIPIÓ – Si nunca comeu num sabe o gosto que deu...

RASGA-BUCHO – Ei, velha... Sabe se este rio é de dar pé a quem num sabe nadar?

VELHA/RIPIÓ – É rasiño por demais. Aqui nunca se afogou ninguém.

RASGA-BUCHO – Pois então vou me lavar.

141

Rasga-Bucho vai atrás de uma moita, tira a roupa e a coloca em cima de um arbusto.

LIMINÃO – Sabe onde há gente morando em casa, aqui perto?

VELHA/RIPIÓ – Logo ali adiante, na curva.

LIMINÃO – Segue no banho, Rasga-Bucho, que vamos eu e Zé-Castigo dar uma espiada, logo voltamos... Fica aí, velha, toma conta do cavalo e da roupa.

Os dois saem a cavalo.

VELHA/RIPIÓ – *(indo até o arbusto)* Tá na água, meu filho?

RASGA-BUCHO – Inteiro, velha porca. Delícia de água boa.

A velha se modifica. Tira a saia, aparece a roupa de homem por baixo. Pega as roupas de Rasga-Bucho, monta a cavalo. Tira o lenço da cabeça e coloca o chapéu de jagunço de Rasga-Bucho.

VELHA/RIPIÓ – Tá bom o banho, meu filho?

RASGA-BUCHO – Muito bom, velha nojenta. Um dia precisas tomar um!...

142

VELHA/RIPIÓ – Tenha bastante proveito! Adeus, meu filho... *(sai)*

CENA 6 QUARTO EPISÓDIO: RIPIÓ VIRA JAGUNÇO

CONTADOR – O que é, o que é?
Que, agora é jagunço,
Há pouco atrás já foi mulher?
O que é, o que é?

Uma clareira. Entram o velho e Rosinha.

VELHO – Água, por aqui, deve haver!

ROSINHA – Procurando...

VELHO – É um ermo de floresta.

ROSINHA – Melhor é seguir sempre numa direção só. Assim, a gente dá de encontro em alguma paragem a salvo.

VELHO – Queria seguir firme, mas já não aguento ir lá das pernas...

ROSINHA – Descansa. Mais logo então a gente segue.

VELHO – Será que, dali se olhando, não se avista algum fumo ou fogo? Uma casa de gente, já seria de grande auxílio.

143

ROSINHA – Eu vou dar uma olhada pra ver.

Rosinha sobe na clareira e logo ouve-se um barulho no mato. O velho se assusta.

VELHO – Rosinha, minha filha! O que é que se deu?

O velho corre até à beira do mato. Atrás dele surge Ripió, de jagunço, segurando Rosinha e tapando a boca dela. O velho se volta.

JAGUNÇO/RIPIÓ – Boa tardes, vovô. E por que o susto?

VELHO – Por Deus, não faça nada à menina!

JAGUNÇO/RIPIÓ – Quem sou eu, por Santo Antnio do Curralinho, pra fazer de mal a um vivente cristão? Faça nada, não!

VELHO – Então, por Deus, solte a moça.

JAGUNÇO/RIPIÓ – *(ri)* Quem sou eu, por São Bonifredes do Pito Virado, pra soltar alguém que o Coronel Militão mandou prender?...

VELHO – Nós não fizemos nada. Não temos nada.

JAGUNÇO/RIPIÓ – Mas quem sou eu, por Santo Anastácio das Porretadas, pra dar juízo e saber fazer diferença da vossa palavra e da palavra do Coronel? Inda mais que ele é um grande coronel, dono de muitas terras, e vós sois um velho e uma menina sem nem bagagem. Ainda mais que fujões e corridos.

144

VELHO – *(jogando-se aos pés dele)* Por amor de sua mãe, solta a menina. Quem ajuda os pobre fica bem com Deus.

JAGUNÇO/RIPIÓ – Por amor de minha mãe é que não posso, pois minha mãe não conheci e quem não conhece não ama. O mesmo vale pra Deus, que eu ainda não tive o prazer... Todo caso, vou soltar por meu descanso, mas não vão dar jeito de fuga, que mando fogo e logo faço brotar nesse mato duas cruces.

Ripió solta Rosinha, que corre e se abraça ao velho.

ROSINHA – Voltar nós não voltamos, se quiser que leve a gente morto.

JAGUNÇO/RIPIÓ – Quem sou, por São Benedito dos Anzóis Carapuça, para matar dois que tenho de levar de volta?... Prefiro levar vivos... Quá... Vão pelos pés próprios, o que é muito melhor...

VELHO – Olhe, seu jagunço... Sei que é novo no serviço do Coronel, inda não conhece bem aquele homem. Ele é mau como peste! Nós num temo dinheiro, mas prometo e dou palavra que si deixar a gente seguir, logo juntamos algum com trabalho e pagamos a fuga.

145

JAGUNÇO/RIPIÓ – Por Santo Antão das Dificuldades! Quem sou eu, pra fazer serviço fiado? Trabalho de jagunço é de ser pagado na hora, ou antes. Deixar pra depois é risco demasiado, pois nunca se sabe se si fica vivo nos finais. No mais, acho que o destino de vós dois está por demais marcado e demarcado. Que diantava querê mudança?

ROSINHA – Não adianta, avô... Que leve a gente duma veis...

JAGUNÇO/RIPIÓ – Quem sou eu, por São Eleutério do Umbigo Seco, pra ter presos, neste

mundo vagarento? Olhem lá... Vós sois meus prisioneiros. Atenção, atenção nos meus ditos e nas minhas decisões. Calma e respeito, que a lei do jagunço vira fácil do lado da morte e, aí, não tem mais o que se discuta... No máximo, umas missas, umas preces, umas velas. Então, pergunto, o que escolhei vós dois?

Caminhar comigo até o Coronel ou uma santa hora de morte aqui, neste nosso instante?

ROSINHA – Eu pra lá num volto, já falei!

146 VELHO – Mate este velho, que não presta pra mais nada e deixa a menina seguir. Diga que ela deu de escapar, o Coronel quer mesmo é a menina.

JAGUNÇO/RIPIÓ – Tá... si... Pedido de moribundo é ordem, não posso deixar de atender. Está acertado. Mato o velho e levo a menina.

ROSINHA – Não, avô. Se tem que morrer um, que morram os dois. Mate a gente de uma veis.

JAGUNÇO/RIPIÓ – Olha, que por minhas andanças jagunceiras... Francamente. Não por si. É a primeira vez que vós estais me pedindo!

VELHO – *(correndo para um lado)* Atire, vamos!

Ripió faz pontaria. Rosinha se lança sobre o velho.

JAGUNÇO/RIPIÓ – Olha a bagunça na hora do trabalho. Assim, de juntamente, não dá pra ser...

VELHO – Filhinha, pelo amor de Deus. Deixe que seja assim!

O velho empurra Rosinha com força, para um lado.

Ripió, frio, atira. O velho cai. Rosinha se joga contra Ripió, batendo nele com os punhos cerrados. Ripió a domina e a afasta de si.

JAGUNÇO/RIPIÓ – Pra lá, menina. Vê direito se o velho esticou mesmo.

147

VELHO – (*mexe-se, levanta-se, a calça cai*) Pegou raspando!

JAGUNÇO/RIPIÓ – Claro! Quem sou eu, por Santo Ambrósio da Caveira de Burro Branco, pra dar tiro no suspensório e acertar dono da calça?!...

ROSINHA – Seu malvado, miserável. Se diverte com a desgraça da gente!

JAGUNÇO/RIPIÓ – A desgraça acabou... Podeis dar no pé... Já, os dois, vão!...

VELHO – O que?

ROSINHA – Podemos ir?

JAGUNÇO/RIPIÓ – Podem, não! Tem que ir. Hoje é dia do meu aniversário e resolvi, em vez de comemoração, deixar vós dois viver em sossego. Vou dar *um, dois e três*. No três, quando olhar, não quero nem ver nenhum dos dois, senão mudo de ideia... Lá vai um...

ROSINHA – Obrigada!

JAGUNÇO/RIPIÓ – Lá vão dois...

148 Os dois correm desesperados.

JAGUNÇO/RIPIÓ – Lá vão ussssssssssss...

JAGUNÇO/RIPIÓ – (*canta* Canção de Ripió Lacraia)

Deste mundo a gente leva

Só o bem vivido e rido

Deste mundo a gente leva

O que se fez divertido

Deixa pra lá

Tudo o que for sem graça

Bota pra trás

O que for triste passa

O que não presta

Não serve para ser vivido

A vida tem de ser festa
Viver é tão divertido!
Olhar o céu é riso
Cheirar o mato é riso
Correr no campo é riso
Tomar cachaça é riso
Beijar mulher é riso
Contar estória é riso
Brigar de faca é riso
Fazer trapaça é riso
Dormir na palha é riso
Viver assim é riso

CENA 7 QUINTO EPISÓDIO

CONTADOR – Quinto episódio:
No qual se verá
De como a estória
Volta sobre si mesma
Num zás.

RIPIÓ – *(continua a cantar)*
Deste mundo a gente leva
Só o bem vivido e rido
Deste mundo a gente leva
O que se fez divertido

Deixa pra lá
Tudo o que for sem graça
Bota pra trás

O que for triste passa
O que não presta
Não serve para ser vivido

No fim da canção, Ripió ouve um tiro. Estanca.
Deita-se e vai se arrastando pegar a arma junto
à pedra.

LIMINÃO – *(fora ainda)* Num pegue! *(entrando)*
Não pega as armas! Cadê a velha?!

RIPIÓ – Cadê quem, pois não?

LIMINÃO – A velha, pois sim!

150 RIPIÓ – Que velha, pois não?

LIMINÃO – A que te deu o cavalo, estas roupas
e estas armas!

RIPIÓ – Foi velha não, seu jagunço. Eu conto...
Vinha andando no meu caminho quando, até
com meio susto, deparei com estes trens. Chamei
muito em volta, a vê si o dono estava por perto.
Nada de resposta. Achei por justo de levar comi-
go pra, um dia topasse o dono, fazer devolução.

LIMINÃO – E por que vestiu?

RASGA-BUCHO – Ah, seu jagunço, eu achei por
bem ao menos aparentar... O senhor sabe, foi

pelas estórias de tiro e luta, que sempre a gente
ouve contar nas bodegas ou nas rodas sabidas.

Liminão dá um sinal de assovio. Rasga-Bucho
surge do mato, metido em uma barrica.

RASGA-BUCHO – Cadê aquela miserável velha do
capeta? *(avança para Ripió, a barrica cai)*

LIMINÃO – Tá aí a sua roupa! *(dá outro assovio)*

RASGA-BUCHO – Tire a roupa já, seu moleque.
Só pode ser o filho da velha.

Zé-Castigo vem do mato, trazendo o velho e a
menina, amarrados.

151

LIMINÃO – Cuidado com os bichinho, que senão
dão na escapada.

ROSINHA – *(vendo Ripió de costas, se atira aos
pés dele)* Ah, seu bom jagunço, mande soltar
a gente!

Ripió se volta e ela não o reconhece.

LIMINÃO – Pode pedir à vontade, que este não
atende ninguém. Não é jagunço, não.

RASGA-BUCHO – É o filho de uma velha nojenta.
Vá já tirando a roupa que sua mãe me roubou.

Ripió tira a roupa, pede para Rosinha se virar, fica de ceroula, entra na barrica no lugar de Rasga-Bucho.

RIPIÓ – Posso ir andando, no mais, pois sim?... Assim, sem roupa, é capais de me dar uma espinhela caída ou mal maior.

LIMINÃO – Pelo sim, pelo não, acho melhor prender sua senhoria. Pelo roubo das roupas, cavalo e armas de meu comparsa.

RASGA-BUCHO – Assim é de ser feito. Morte ao filho da velha.

152

RIPIÓ – Mas eu não sou filho de velha nenhuma.

LIMINÃO – Descanse que logo será julgado e condenado. Vamos, minha gente, a cavalo. Assim chegamos cedo.

Surge Zé-Castigo que estava montando guarda no mato.

ZÉ-CASTIGO – Vem gente no mato. Dois, em duas montarias.

LIMINÃO – Prenda e traga a ver quem são.

CENA 8 OS BURREIROS

Logo vem pelo mundo dois burreiros, com seus burros carregados de mercadorias, cachaça, carne, farinha, panelas, etc.

LIMINÃO – Parada! Pois então, quem são tais burreiros, que andam perdidos neste perigo de mataria?

GOGÃO – Estamos perdidos, não. É cortando caminhos que a gente caminha na mata.

LIMINÃO – E que mercadoria é que os burreiros carregam, pode-se saber?

GOGÃO – Umas poucas barricas de cachaça, carne-seca e farinha para vender no mercado.

LIMINÃO – Cachaça, carne e farinha? É de boa qualidade a sua mercadoria?

GOGÃO – Da melhor. A cachaça é da primeira alambicada. A carne-seca é das melhores partes do boi e a farinha, nem se fala.

LIMINÃO – E qual o apreçamento do lote por inteiro?

GOGÃO – Olhe que, por tudo, vai por... Deixe ver... Trinta e quatro mais setenta e quatro, mais

noves fora e dez por cento, e um pelo outro... Fica por cinco contos. Bem barato, pra economizar a viagem ao mercado. Se sirva.

LIMINÃO – Zé-Castigo, desmonta as mercadorias. Olha aqui, seu burreiro, fique sabendo de que foi roubado em cinco contos, mas em compensação, sobra a alegria de saber que está dando almoço de grandes farnéis a três jagunços do Coronel Militão, mais dois prisioneiros.

GOGÃO – Ai, as minhas mercadorias... Por favor, seu jagunço, é a minha falência.

154

RIPÍÓ – Paciência. Os jagunços tem fome e precisam de comer. Pagar comida é de muito pouca dignidade. Aceite sua sorte e vá sentando aí pra comer conosco.

GOGÃO – Eu vou é mimbora!

LIMINÃO – *(dá um tiro no chão, pra assustar)* Vai ficar é aí mesmo, e o outro burreiro.

Se solto vão chamar a polícia pra trazer tormento na calma. Vamos, meus jagunços, é um banquete em festejo à prisão dos fugitivos.

GOGÃO – Ai, ai minha mercadoria!...

LIMINÃO – *(para Ripió)* Você aí, ô filho da velha. Arrume os comes e bebes e sirva aos jagunço.

RIPIÓ – É pra já.

RASGA-BUCHO – Vamos a essa cachaça de primeira e amaciada.

LIMINÃO – Alto lá, Rasga-Bucho. Cachaça amolece e dá sono, você dorme e eles te caem na pele. Vamos tomar só um pouco, o suficiente pra dar alegria. O que der uma borracha, é boa medida. O resto levamos pra uma festa melhor, na nossa volta.

ZÉ-CASTIGO – É certo.

RASGA-BUCHO – Vamos nos pôr a gosto com tais especiarias. Salve o bom burreiro.

155

ZÉ-CASTIGO – Salve, salve todos os burreiros previdentes, que carregam farnéis pelas matas pra dar de comer aos jagunços com fome.

GOGÃO – Agradeço, mas se sobrasse algum eu gostaria de levar.

ZÉ-CASTIGO – Há de sobrar, há de sobrar. *(ri)*

RIPIÓ – (arrumando as coisas para servir) Aqui está, pra princípio, a borracha de cachaça. Assim, prepara o dente pra receber a carne de sol com farinha.

LIMINÃO – Que venha. Vamos, meus jagunços, não se esqueçam, uma borracha só.

Os jagunços avançam na cachaça. Zileu olha Rosinha amarrada e vai até ela. Olham-se.

RIPIÓ – Aqui está, carne com farinha. E bom apetite, nobres jagunços.

LIMINÃO – Esse filho da velha está saindo melhor que a encomenda, como servente!

RIPIÓ – É de honra servir tão augustos comensais...

156 RASGA-BUCHO – Morte ao filho da velha...

LIMINÃO – Não fica bem tanta comida e cachaça sem uma cantoria. Vamos lá, canção dos jagunços.

Os jagunços cantam a *Canção da Vida de Jagunço*.

RASGA-BUCHO – (*canta*)
Nós somos três jagunços
Nosso chefe é Liminão
Quem paga a jagunçagem
É o Coronel Militão!
Viva! Três vezes viva!
Viva! Três vezes viva!
Viva nosso patrão!

ZÉ-CASTIGO – *(canta)*
O jagunço quando bebe
Cuida de não dar no chão
Que jagunço muito alegre
É jagunço no caixão!

Durante a cantoria dos jagunços, Ripió coloca as cabaças de bebida dentro da barrica.

RASGA-BUCHO – *(canta)*
O jagunço quando come
Come pelo mês inteiro
Porque num dia ou outro lá
Lá se vai todo dinheiro!
Viva! Três vezes viva!
Viva todos companheiros!

157

LIMINÃO – *(canta)*
O jagunço quando ama
É com dez de cada vez
Com todas cai na cama
E nem assim fica freguês!
Viva! Três vezes viva!
A mulher que Deus nos fez!

LIMINÃO – Agora, meus jagunços, pra aproveitar a hora divertida, vamos ao julgamento do filho da velha.

RASGA-BUCHO – Morte ao filho da velha!

ZÉ-CASTIGO – Espera, Rasga, não se deve matar antes de um bom julgamento, que é coisa que deve se engraçado... Eu bem sei, já fui julgado e condenado.

RIPÍÓ – Seus nobres jagunços, não é melhor deixar isso para os finais da festa?

RASGA-BUCHO – Morte ao filho da velha!

LIMINÃO – Eu sou o juiz. Rasga-Bucho acusa e Zé-Castigo defende.

158 RIPÍÓ – Olha, nobre chefe da jagunçagem, não seria melhor alvitre que eu mesmo me defendesse? Não que não seja confiante no empenho do amigo, mas é que sei melhor do acontecido, e podia dar maior claridade.

RASGA-BUCHO – Morte ao filho da velha!

LIMINÃO – Negado o pedido. Réu é réu. Começamos. Estamos aqui, nesta mata, reunidos para dar julgamento e fim certo no réu que está na nossa frente. Isso em nome do Padre e do Espírito Santo, da Virgem Santíssima e nosso próprio, que somos jagunços de profissão.

RASGA-BUCHO – Morte ao filho da velha!

RIPIÓ – Esse infeliz não dá outras palavras, parece engasgado. Não seria melhor dar-lhe cachaça e ver se desengasga?

LIMINÃO – Não troque, por confusão, engasgue com vontade de ver morto. Em todo caso é um bom acompanhante para este julgamento. Vamos, Rasga-Bucho, pode começar a acusação.

RASGA-BUCHO – Pois foi que, enquanto estava n'água, a velha mãe desse filho de uma velha – uma bruxa muito indecente, muito repelente, muito encarquilhada, muito embolorada, muito esterçada – me deu na escapada com meu cavalo e meus trens de guerra, assim como roupa e tudo o mais. Me indignei, no mato andando dentro de uma barrica. E quem visse, nem diria que era Rasga-Bucho, o jagunço, mas que um graçola qualquer. Portanto, é um alto crime contra a jagunçagem nos gerais e no meu causo em especiais. Peço com toda piedade: morte ao filho da velha!

159

LIMINÃO – Muito que bem ou muito que mal, acabou-se de ouvir o atacado...

Zé-Castigo, pode defender.

RIPIÓ – Capricha, seu Zé-Castigo, que eu estou posando de inocente.

ZÉ-CASTIGO – Pois se eu defendo o jagunço Rasga-Bucho, meu amigo, de tais indignidades e peço a condenação do réu, nos termos dos possíveis nesta mata virge.

RIPIÓ – Seu juiz, pode falar? Então, ele defende o outro?

LIMINÃO – Cada qual defende quem acha certo e, sem mais aquele, condeno o réu fulano à morte por tiro de tudo quanto é lado, aqui mesmo e agora mesmo.

RIPIÓ – Mas eu não me sobro nem pra falar em defesa?

160

LIMINÃO – Pode falar suas últimas palavras e rezar suas últimas rezas.

RIPIÓ – Ora veja!

LIMINÃO – Faladas suas últimas palavras que, ainda não fazendo sentido, vem do coração, passemos à execução.

Os jagunços se preparam.

RIPIÓ – Ainda falei não. Vou falar, diante dos que vão me matar, apenas umas palavrinhas. Meu avô, que Deus o tenha, quando pra este mundo, em 1889...

RASGA-BUCHO – Pera lá! Que pra chegá do avô no neto, a gente já criou raiz!

RIPIÓ – Meu pai, quando nasceu...

ZÉ-CASTIGO – Olha que do pai ao filho, a gente cansa por demais...

RIPIÓ – Quando eu nasci, o que não faz muito tempo, me deram o nome de Jurubeba.

Isso foi em homenagem ao maior jagunço que já existiu!

LIMINÃO – Verdade, eu conheci.

RIPIÓ – Pois meu pai me deu esse nome por ter pertencido ao bando de Jurubeba, a serviço do Coronel Leopoldo Sá de Correia Cavalcanti... Como todos sabem, Jurubeba tinha o corpo fechado e, portanto, nunca foi ferido nem atingido em toda a sua vida. E meu pai também, pois se foi meu avô, que era dado à magia, quem fechou o corpo dos dois!...

ZÉ-CASTIGO – Está falando demasiado...

LIMINÃO – Deixa ele falar, tenho interesses por esses tal fechamento de corpo. Uma veis me fecharam e, dias depois, levei dois tiros na barriga. Quando sarei, fechei os olhos e fechei o fechador.

RIPIÓ – Pois se eu garanto que esse fechamento foi quem garantiu a vida de Jurubeba e meu pai. Se de gosto dos jagunços, antes de morrer, eu gostava de oferecer a receita.

LIMINÃO – Pois diga...

Ripió canta a *Canção da Receita do Fechamento de Corpo*.

RIPIÓ – (*canta*)

O jagunço que quiser

Ver o corpo bem fechado

Será se ele fizer

Tudo aqui o que vai mandado

É um é dois é três

Tudo aqui o que vai mandado

É quatro é cinco é seis

Tudo aqui o que vai mandado

RIPIÓ – (*canta*)

Meia-noite na sexta-feira

Tem de ir na encruzilhada

Levando na algibeira

Uma faca bem afiada

Ao chegar na encruzilhada

Veja se ninguém passa

Então dê uma golaça

Na garrafa de cachaça

É um é dois é três

Na garrafa de cachaça
É quatro é cinco é seis
Na garrafa de cachaça

RIPIÓ – *(canta)*

Depois grite bem sonante
Venha cá seu Lucifér
E verá no mesmo instante
A faca virar colher
Pegue então nessa colher
Dê um bafo que ela embaça
Diga um nome de mulher
(cada um diz um nome de mulher)
Beba um litro de cachaça
É um é dois é três
Beba um litro de cachaça
É quatro é cinco é seis
Beba um litro de cachaça

RIPIÓ – *(canta)*

Reze então uma reza brava
Esta aqui que vou dizer
Que o Demo pé de cabra
Virá logo lhe atender
É um é dois é três
Virá logo lhe atender
É quatro é cinco é seis
Virá logo lhe atender

RIPIÓ – *(canta)*

Mas para rezar com raça
É um é dois é três
Mais um litro de cachaça
É quatro é cinco é seis
Pois me verá no mesmo instante
No embaçado da colher
Aparecer o semblante
Do cumpadre Lucifér
(joga a barrica para fora)
É um é dois é três
Do cumpadre Lucifér
É quatro é cinco é seis
Do cumpadre Lucifér

164

RIPIÓ – *(canta)*

Se as pernas dé de tremê
Mais cachaça pra beber
É um é dois é três
Mais cachaça pra beber
É quatro é cinco é seis
Mais cachaça pra beber

RIPIÓ – *(canta)*

Quando o compadre vier
Reze alto e com fé
Dê pinga se ele quiser
Que seco o diabo não é
É um é dois é três

Que seco o diabo não é
É quatro é cinco é seis
Que seco o diabo não é

RIPIÓ – *(canta)*

Não faça a temeridade
De deixar beber sozinho
Dê pra ele a metade
Tome metade sozinho
Destampe com cuidado
Outra garrafa de cachaça
(troca as cabaças)
Vá tomando um bocado
Que é pra a reza ter mais raça
E reze assim reerguendo a taça
Deus é três em um
O diabo é só um
O que pra Deus é duro
O diabo faz e só
Brinde a demoníssima unidade
Que é mais forte
Que a santíssima trindade

RIPIÓ – *(canta)*

Deus só tem três nomes
Padre fio espírito santo
O diabo tem demais
Não se sabe bem o quanto
Brinde o cão, o demo, o diabo,
O Lúcifer, compadre

O pé de cabra, o tihoso,
O cachorro, anjo das trevas.
No final da canção, os jagunços, muito bêbados,
vão se encostando uns nos outros e caem, todos
de uma vez.

RIPIÓ – (*tirando a roupa de Rasga-Bucho*) De-
pressa, gente, dar no pé enquanto dá!

ROSINHA – Vamos vovô!

GOGÃO – Espera aí. Zileu, vamos carregar com
os burros e as mercadorias.

166 ZILEU – Acho melhor seguir já já, sem os burros...

GOGÃO – Eu não estou pedindo, estou mandan-
do. Vá lá e traga os burros.

ZILEU – Vou não.

GOGÃO – Filho duma vaca, quer ver minha falência?

ZILEU – Pois seja...

Zileu volta pra buscar o velho. Rasga-Bucho acor-
da um pouco e dá um tiro pra qualquer lugar
e acerta o velho. Ripió carrega com ele e todos
dão na escapada.

CENA 9 EPISÓDIO TRISTE

CONTADOR – Pedimos a todos que aqui estão,
Dando olho e orelha nesta nossa narração,
Um momento de silêncio.
É um episódio triste,
Talvez o mais triste da estória.
Episódio no qual se verá de como o velho Ribano,
Na última hora da morte,
Dá notícia de uma legado à menina.
Tristura que vamos sentir.
No qual veremos também
Que, depois do passamento do velho,
Uma proposta deslumbrante
Se apresentou para a Rosinha, Zileu e o
mascate Gogão.
No mais, teremos o desaparecimento da velha,
Ou do filho da velha, ou do jagunço,
Ou do réu ou, sei que mais,
Sabemos ser Ripió, o Lacraia.
Perto das ruínas de um casebre, entra um vulto.
É noite. É Ripió que vem se esgueirando lento.
Revista o casebre e depois chama:

RIPIÓ – Podem chegar que é tudo na paz.

Os outros vêm, Zileu carregando o velho. Ripió
acende uma vela num canto.

ROSINHA – Cuidado com ele...

Depositam o velho em cima de uma esteira.

ROSINHA – O que a gente vai fazer?

RIPÍÓ – (depois de olhar a ferida) Acho que esperar uma paz que há de vir depois desta dor.

ROSINHA – Não é nada, é mais uma mentira sua.
(vai abraçar o velho)

VELHO – Não chegue, minha filha, que apressa minha partida e tenho muito que falar.

RIPÍÓ – É uma ferida funda e ingrata. Tem pouco tempo, meu velho... Fale com jeito em pressa o que tem e depois descansa na morte.

168

ROSINHA – Ah! Meu Deus! Que tristeza...

ZILEU – Assim há de ser com nós todos um dia, por isso, amém!

VELHO – Minha filha... É preciso que te conte e te informe de coisas importantes...

Ouve com atenção, que não terei, na certa, ocasião de repetir. Sempre fiquei de contar um dia a estória do teu nascimento.

VELHO – Uma vez, era ainda meio moço, morava em uma cabana nas terras de uma fazenda onde

era lavrador. Me apareceu pelo meio de uma noite um cavaleiro meio despencado da sela de um cavalo muito cansado. Apeiou na minha porta com um embrulho de pano na mão. Vinha muito triste, ferido e muito mal de muitos tiros e sangrava tanto. Mais, muito mais que eu, agora. Me jogou o embrulho nos braços e caiu na minha porta. Peguei e senti um calor... Era uma criancinha. Disse que eu cuidasse dela, que ele morria na certa. Contou ainda que era por causa dela que ele tinha sido tocado. Foi por seu casamento às escondidas com a filha de um fazendeiro inimigo de seu pai, também poderoso. As famílias viviam em guerra por causas de terras e os dois se gostaram por cima de tudo. Seu pai me contou tanto mais coisas que lhe deram as horas que restavam. Tinha em seu poder uns mapas, uns escritos que disse ser de um grande tesouro que havia descoberto nas suas andanças. Um mapa marcado por pontos maravilhosos de procura. Fenômenos perdidos no sertão os quais encontrou na sua grande busca. Me pediu que, quando você se fizesse mulher, eu lhe daria os mapas e os escritos e pediria que fosse em busca de tal tesouro, pois só o descobrindo poderiam, você e muitos outros, encontrar felicidade. Disse também pra você tomar cuidado, muito cuidado com...

ROSINHA – O que, avô, fala!

ZILEU – Mais nada, menina. Ele partiu...

RIPIÓ – Deus se apiede da alma dele.

GOGÃO – Um tesouro!

ROSINHA – Meu avô querido. (*chora*)

ZILEU – (*trazendo uma vela*) Em nome do Pai, Filho e Espírito Santo, amém. (*vai fazendo uma cova*)

RIPIÓ – (*canta Canção da Morte*)

Nem fome nem eito

Nem dor nem mais amor

Sua alma virou passarinho

Lindo voo levantou

Foi pra longe seguir seu caminho

Foi pro céu pra lá voou!

O que era da terra volta pra terra

O que era do Céu Deus já levou.

Ripió e Zileu carregam o corpo atrás de uma pedra.

RIPIÓ – (*repete o canto*)

Nem fome nem eito

Nem dor nem mais amor

Sua alma virou passarinho

Lindo voo levantou

Foi pra longe seguir seu caminho
Foi pro céu pra lá voou!
O que era da terra volta pra terra
O que era do Céu Deus já levou.

ZILEU – Está já na cova esperando a última terra.

GOGÃO – E o mapa do tesouro? Convém procurar! Antes do enterramento. *(vai ver o velho na cova)*

RIPIÓ – Não precisa... Está aqui... Peguei caído no chão, ao lado do corpo.

ROSINHA – O que vem a ser? *(pegando os papéis)*

171

RIPIÓ – Uma papeladas muito antigas. Uns mapas, uns escritos.

ROSINHA – *(pega, olha)* Num sei lê... É de proveito?

GOGÃO – Eu sei, deixa, eu leio... *(lê:)* *Para minha filha, no dia em que puder ser livre e sair na procura do tesouro. Nos mapas e nos escritos encontrará os caminhos por mim percorridos e, se tudo fizer de acordo, chegará ao grande tesouro. Primeira viagem começa se olhando o céu em noite de estrelas. É o prumo norte que é indicado pela cabeça do Cruzeiro do Sul. Toma caminhos os que levam ao contraforte da Serra do Espigão*

e de lá até o Fazendão Santa Luzia. Lá se vai encontrar a primeira maravilha...

ROSINHA – O que será essa maravilha?

GOGÃO – O que será esse tesouro?

RIPÍÓ – Só indo até lá e dando com os olhos próprios.

ROSINHA – Que bom seria poder cumprir a vontade de meu pai e do velho avô que morreu ainda pouco!...

172 GOGÃO – Isso pra uma moça é um despropósito de andarilhagem... Eu, por mim, tenho uma proposta a fazer. Me venda os mapas e os escritos, que eu vou atrás.

ROSINHA – Um dinheiro até que seria bom neste momento... Estou sozinha.

ZILEU – E se é de sua vontade, vamos os dois e mais o moço em busca destas maravilhas.

GOGÃO – Como é que vai indo assim, sem mais aquela?

ZILEU – Pois não tenho casa, nem parentes, sou livre para escolher ir com a moça.

GOGÃO – Não sabe que trabalha para mim?

ZILEU – Pois já deixei, não trabalho mais. Pegue os burros e leve.

GOGÃO – Num é de tantas facilidades deixar o meu emprego de uma hora pra outra.

Quem me paga o que deve de adiantados?

ZILEU – O que trabalhei até hoje já dava e com sobras.

RIPIÓ – O quanto é a quantia devida?

GOGÃO – Uns dois contos, por baixo, pra terminar a briga.

173

RIPIÓ – Pois lhe cobra quatro por ter salvado a sua vida e suas mercadorias dos jagunços.

GOGÃO – O quê? Vê lá se é possível...

RIPIÓ – Tanto é possível que se não paga já já, eu lhe tiro a vida, que está no meu direito. (*apanha o revólver*)

GOGÃO – O senhor está brincando. (*ri*) Está brincando...

RIPIÓ – Paga ou não paga?

GOGÃO – Pago coisa nenhuma!

RIPIÓ – Isto é como aviso. (*atira no pé*)

GOGÃO – Está maluco, quer me matar? Este é pior que os jagunços! Você não faz nada, Zileu?

ZILEU – Ele está no seu direito. Foi quem salvou a gente da morte.

GOGÃO – Qual morte, qual nada! O chefe dos jagunços era meu amigo.

RIPIÓ – Pois fale com ele, que vem vindo aí atrás.

174

Gogão vira-se para trás e cai de joelhos, morrendo de medo.

RIPIÓ – Então, ele é seu amigo, pois não? Descontando o que deve Zileu, ainda falta dois contos. Fico satisfeito se me pagar em mercadorias no justo preço.

GOGÃO – Ai... minhas mercadorias!

RIPIÓ – E se faça de satisfeito, por não ter perdido tudo, mais essa sua vida miserável juntamente.

GOGÃO – Está certo, mas um dia você me paga!

RIPIÓ – Chegando o dia, a gente se vê, que quem puder mais chora menos. Zileu, está acertada sua dívida.

ZILEU – Fico agradecido para sempre. Aonde estiver, o que for meu, seu será também.

Como é o nome de quem me fez o bem?

RIPIÓ – Ora pois se eu sou chamado de Gonçalo de Pedreirinha.

ZILEU – Pois será como disse, seu Gonçalo. Palavra por palavra de Zileu Rojão... o filho de Mané Pedro Rojão.

ROSINHA – Vamos passar a noite aqui?

175

RIPIÓ – Vamos, amanhã sigo o meu caminho e voçeis seguem os de voçeis. Zileu, puxa a mercadoria no valor de um conto, para mim, e mais um tanto igual, para você e a menina. Vão precisar de comida na viagem, que há de ser longa e cansativa.

ROSINHA – A qual viagem?

RIPIÓ – Pois não se vão em busca de tesouro, você mais Zileu?

ZILEU – Eu, por mim, sempre que ia, inda mais que posso dar proteção à menina.

GOGÃO – Eu também vou. Vamos os três.

RIPIÓ – Numa casa de caboclo, um é pouco, dois é bom, três é demais e dá confusão.

Acho que, em viagem, há de ser o mesmo igual.

ROSINHA – Pois vamos os quatro junto com seu Gonçalão das Pedreiras.

RIPIÓ – Seu Gonçalão tem mais o que fazer que andarilhar em busca do tesouro escondido, minha menina. Tenho casa e negócios na cidade.

GOGÃO – Pra mim dois mais que ajude é bom andar de três... O tesouro há de ser bastante para todos nós.

RIPIÓ – Se eles querem, o senhor acompanha... Se não, eles partem e o senhor toma seu rumo, bem noutra direção.

ROSINHA – Melhor que ele não vá. É muito malvado, o miserável.

ZILEU – O mesmo acho eu, também.

RIPIÓ – Está decidido... Eles vão e vossa mercê segue comigo, pra não atrapalhar os dois.

GOGÃO – Pois que vão sozinhos. (*ri muito*) Só quero saber se vão chegar em parte alguma.

ROSINHA – Que é que ele deu de rir tanto?

GOGÃO – Só quero saber quem vai ler os escritos e olhar no mapa. Nenhum de voçeis sabe ler.

ROSINHA – A gente aprende, seu Gonçalo ensina!

RIPIÓ – Aí, ele levou vantagem. Está certo o que ele diz... Ler não se aprende de uma hora pra outra.

ZILEU – Está certo que é assim, mas... Eu que nunca pude ter um tempo de encontrar um que me ensinasse a ler... A gente fica nas ordens dos outros, sem ter culpa nem nada.

177

RIPIÓ – Assim é o mundo, o mundo é assim, pois se até Deus precisa do Diário pro mundo seguir sendo mundo. Essa parada ganhou mesmo o Mestre Gogão, por suas artes de leitura. Mas olha lá... Lembrem-se sempre que são dois contra um, e que ele deverá andar certo na honestidade.

GOGÃO – Pois se eu sempre fui honesto...

RIPIÓ – Em sendo comerciante e mascate, acho um pouco exagerado esses elogios a respeito de si mesmo. Só digo uma coisa, Mestre Gogão, mestre em burros, preços e lábias. Só digo que, em determinadas curvas, às vezes a gente dá de

cara com o que nunca esperou. Portanto, quando se tem a alma carregada, o melhor é tomar cuidado com a pele.

ROSINHA – Vamos nós três, então.

RIPIÓ – Passamos a noite aqui. Amanhã eu sigo meu caminho e vocês seguem o de vocês.

Enquanto todos se preparam para dormir, Rosinha canta a *Canção de Rosinha*.

ROSINHA – (*canta*)

O que ontem era de um jeito

Hoje já mudou demais

Amanhã pode ser outro

Com o tempo outro mais

Minha vida se figura

Na mudança do porvir

Como pode a criatura

Saber tudo que há de vir...

Todos dormem. Cartaz: E, lá pelo meio da noite, Ripió acorda, vai até a menina que dorme, tira os mapas. Vai até um canto, acende uma vela, copia o mapa e escreve um bilhete que parece algum recado e prega na porta. Pega suas coisas, recoloca o material da menina perto dela e dá o pira. Cartaz: E no dia seguinte, Zileu acorda e vai acordar Rosinha.

ZILEU – Moça Rosinha?

ROSINHA – É hora?

ZILEU – O quanto mais cedo a gente for, mais cedo chegamos!

ROSINHA – Já está acordado o seu Gonçalão?

ZILEU – Não vi ele não.

GOGÃO – Vamos embora, minha gente, que o tesouro espera por nós.

ROSINHA – *(apanhando o bilhete no chão)* O que vem de ser?

179

GOGÃO – É um recado do tal Gonçalão... *Fui embora no meio da noite. Não gosto de despedidas... Até um dia, que quem é bom sempre se encontra... Gonçalão Pedreirinha. Onde está o mapa?*

ROSINHA – Está aqui, que pena que ele já deu no caminho! Gostava de agradecer.

ZILEU – Ouviu o que ele deixou escrito? Um dia a gente dá de encontrá.

GOGÃO – Eu, por mim, não quero nem mais ver aquele tal... Zileu, arrume os burros e vamos embora.

Enquanto Zileu arruma os burros, cantam a *Canção do Caminho*.

ZILEU – *(canta)*

Toca pé no mundo
Pra buscá esse tesouro.

GOGÃO – *(canta)*

Toca buscá logo,
Deve ser um montão de ouro!

ROSINHA – *(canta)*

Vamos nós andando,
Vamos nós buscando.
(coloca uma flor no túmulo do avô)

180

OS TRÊS – *(cantam)*

Caminho por caminho
Passagem por passagem
No vale da montanha
Caminho por caminho
Passagem por passagem
Na mata e na sondagem

Talvez rio

Talvez planura

Talvez serra na lonjura

Vamos nós andando

Vamos nós buscando

Que no fim está

O tesouro esperando

Vamos nós, vamos nós

CONTADOR – E assim se deu por findar,
A primeira parte da narrativa desta lendagem.
Onde vimos de como
Depois de perseguida pelos jagunços do
Coronel Militão,
Que acabaram por dar morte a seu avô,
A menina Rosinha segue em busca de um tesouro
Em companhia de Zileu, o burreiro,
Mais o mascate Gogão.
Não percam a segunda parte desta
emocionante lendagem.
Dentro de mais alguns minutos,
O que sucederá aos aventureiros?
Encontrarão o tesouro?
E os jagunços do Coronel?
O que se dará com eles
Ao voltar ao fazendão de mãos vazias?
Isso tudo será respondido
Na segunda parte desta lendagem.
E no mais,
Terão o reaparecimento
Do mais incrível e formidável
Danado de todos os tempos,
O Ripió Lacreia.

CONTADOR – (*canta* Canção da Meia Estória:)
De tanto falar, falei
Meia estória já contei
Tem mais tanto pra falar
Outra meia vou contar!

CENA 10 SÉTIMO EPISÓDIO: A SUMANTA NOS JAGUNÇOS.

Na fazenda do Coronel Militão.

CONTADOR – Sétimo episódio,
No qual haveremos de dar encontro
Com os jagunços do Coronel Militão,
Mais o próprio Coronel.
No qual se verá
De como o Coronel prende fogo de raiva
Por terem o velho e a menina fugido.
E também onde iremos apreciar
De como os jagunços são castigados
De uma forma original,
E, nos finais, partirão novamente
No encalço dos fugitivos.
Na fazenda do Coronel Militão.

182

CORONEL – Pois foi tal assim como se deu?

OS TRÊS – Bateu e disse!

CORONEL – Pois a culpa quem teve de deixar escapar? Liminão, foi sua?

LIMINÃO – Minha não foi, só se foi de outro.

CORONEL – Rasga-Bucho, foi sua?

RASGA-BUCHO – Minha não foi, só se foi de outro.

CORONEL – Zé-Castigo, foi sua?

ZÉ-CASTIGO – Minha não foi, só se foi de outro.

CORONEL – Não fui convencido. Contem de novo, a ver se fica conferido.

LIMINÃO – Nós demos no encaço.

ZÉ-CASTIGO – Demos no encaço.

RASGA-BUCHO – Demos, de fato, no encaço.

CORONEL – E daí? Adiantem nas falas.

LIMINÃO – Encaçamos, mas houve que...

183

ZÉ-CASTIGO – Pois é, o filho da velha!

RASGA-BUCHO – Ah! O filho da velha!

ZÉ-CASTIGO – Antes veio a velha, depois o filho da velha.

LIMINÃO – Verdade seja dita. Primeiro a velha, e depois o filho da velha.

CORONEL – Que velha mais o filho da velha, quero saber dos foragidos.

ZÉ-CASTIGO – Pois falando de claramente, os fugidos foram pegados.

RASGA-BUCHO – E muito bem pegados.

LIMINÃO – O velho mais a menina, mais o filho da velha. Na verdade, deu no escapado.

CORONEL – Que diabo esta velha tem que estar metida no assunto?

ZÉ-CASTIGO – Tem e muito, assim como o filho da velha.

RASGA-BUCHO – E mais os burreiros.

CORONEL – Que burreiros?

184 RASGA-BUCHO – Que burreiros?

ZÉ-CASTIGO – Que burreiros?

LIMINÃO – Que burreiros? Os que traziam cachaça.

ZÉ-CASTIGO – Maldita cachaça, que uma cartolinha, assim, tinha mais de vinte e tantos litros.

RASGA-BUCHO – Uma danada cachaça, que se refazia tanto mais dela se tomasse.

LIMINÃO – Eu bem que tinha dado aviso e prenúncio.

ZÉ-CASTIGO – Isso tinha mesmo.

RASGA-BUCHO – Verdade. Não fosse o filho da velha...

LIMINÃO – Mesmo apesar da cachaça esticar na cartolinha, nós derrubamos um.

CORONEL – O filho da velha?

LIMINÃO – Não, o velho.

CORONEL – O velho quem? Que já não sei mais quem mais se mistura na narrativa.

LIMINÃO – O velho Ribano.

CORONEL – E a menina?

185

LIMINÃO – (aos jagunços) E a menina?

RASGA-BUCHO – E a menina?

LIMINÃO – E a menina?

CORONEL – A menina sumiu!

LIMINÃO – (aos jagunços) A menina sumiu.

ZÉ-CASTIGO – Não diga.

RASGA-BUCHO – Pois é... Foi embora com o filho da velha.

ZÉ-CASTIGO – E mais os dois burreiros.

CORONEL – E por que não seguiram no encalço?

ZÉ-CASTIGO – E por que não seguiram no encalço?

LIMINÃO – (aos jagunços) E por que não seguiram no encalço?

ZÉ-CASTIGO – Pois foi assim mesmo, que o sucedido é então, deveras.

RASGA-BUCHO – Isso que está mesmo explicado, foi assim como foi, não é?

186 ZÉ-CASTIGO – Demais que é... Porque se não fosse, tinha dado tudo certo.

LIMINÃO – O que seria por demais certo, é, sem dúvida, assim nos claros como está...

ZÉ-CASTIGO – Certíssimo, como estou aqui em riba das pernas.

RASGA-BUCHO – Das pernas.

LIMINÃO – É isso...

CORONEL – Isso nem mais aquilo, corja de pingüços, beberam e caíram e os tais se sumiram no mato. Tirem as jaquetas e as camisas. Fiquem

em fila um detrás do outro. Peguem os reios!
Podem começar.

LIMINÃO – O que, pois sim.

CORONEL – Vão batendo até eu mandar parar.
E logo.

Começam a bater devagarinho. Militão, que é o último, bate com fé.

ZÉ-CASTIGO – Parada! Desculpa, meu Coronel, mas eu só apanho e não dô.

CORONEL – Vira a fila e bate mais forte.

RASGA-BUCHO – Parada, meu Coronel. Eu, ficando aqui no meio, já levei couro dobrado. Não há justiça neste castigamento?

CORONEL – É justo! Liminão e Zé-Castigo, fiquem de banda! (para Rasga-Bucho)

Agora, bata nos dois.

O bate-que-bate degradingola. Eles acabam em luta franca, quase se matando. Param quando caem de cansaço.

CORONEL – Agora, salmoura nas feridas. Depois, encham o bernal e sigam na pista da menina e

mais o velho, mais o filho da velha. Mais os bur-
reiros também. Vão até o inferno, mas não me
apareçam aqui sem toda essa tralha.

LIMINÃO – Aqui pra tudo, patrão.

ZÉ-CASTIGO – Pronto pra castigar!

RASGA-BUCHO – Onde é o fogo?

Os jagunços se levantam, um arruma o outro,
repetem as filas para passar salmoura, enquanto
cantam a *Canção da Vida de Jagunço*:

JAGUNÇOS – (*cantam*)

188

Nós somos três jagunços

Nosso chefe é Liminão

Mas quem paga a jagunçagem

É o Coronel Militão

Viva! Três vezes viva

Viva! Três vezes viva

Viva nosso patrão!

CENA 11 OITAVO EPISÓDIO: RIPIÓ VIRA CEGO

CONTADOR – Oitavo episódio

No qual se verá

Em seguimento a esta emocionante lendagem

De como, e assim será visto,

Rosinha, Zileu e Gogão se perdem

Na rota da caverna da pedra furada.
Veremos também que encontrarão um cego
E, deste encontro,
Nascerá a descoberta do caminho.
Um local na mata. Encruzilhada.

GOGÃO – Já rodamos horas e horas e acabamos dando de encontro nas paragens parecidas, sempre as mesmas.

ZILEU – Eu, por mim, arriscava dizer que a gente deu de se perder.

ROSINHA – Já olhou bem certo nos mapas, seu Gogão?

189

GOGÃO – É certo e claro que olhei, peçonha do tihoso! Esse mapa está errado.

ZILEU – Ou, então, o senhor não soube ler certo o caminho.

GOGÃO – Demos de andar onde estava marcado. Se quiser, leia você, se puder.

ZILEU – Vamos seguir em nova tentativa, às vezes erramos um pouco.

E seguem pela trilha em frente. Parado no meio da estrada está um ceguinho. Os três param.

ZILEU – Olhe lá!

GOGÃO – Parece que é cego...

ZILEU – De nada pode servir.

ROSINHA – Mas de alguma coisa deve saber.

Os três descem dos cavalos e se aproximam do homem que permanece sentado, descansando.

ZILEU – Boas, meu senhor!

GOGÃO – Somos de paz.

ROSINHA – Estamos perdidos neste mato...

GOGÃO – Quem é o senhor?

CEGO/RIPIÓ – Como vai, gente boa?

GOGÃO – Quem é o senhor?

CEGO/RIPIÓ – Sou um cego andejo, que vive por estas bandas. E vocês, quem são?

ZILEU – Somos três viajantes. Buscamos um tesouro.

O cego ri.

GOGÃO – Quem sabe, senhor cego, vós podeis nos ajudar?

ROSINHA – Procuramos um tal Fazendão. Nos ajude, meu sinhô.

CEGO/RIPIÓ – Um tal de Fazendão?

GOGÃO – O senhor conhece por estas bandas, um tal de Fazendão?

CEGO/RIPIÓ – Conheço um que vive cheio de cego, e tem um tal de Coronel...

GOGÃO – Vamos logo, seu ceguinho, pra que rumo fica esse tal?

CEGO/RIPIÓ – Sigam em frente, só entrem na estrada quando avistarem uma roça de algodão. Mas, cuidado que lá é terra de cego, e em terra de cego, quem tem um olho é rei.

191

ROSINHA – Que Deus nos ajude.

ZILEU – Vamos embora! A pista parece certa.

Os três montam em seus cavalos e saem à procura do tesouro que está no Fazendão.

O cego pega a viola e, com ares de satisfação, começa a cantar a *Canção do Cego/Ripió*.

CEGO/RIPIÓ – *(canta)*
Cada qual no seu caminho
Eu também já tenho o meu

Vou andando devagarinho
Pra chegá onde vou eu.
Aproximam-se três cavaleiros.

LIMINÃO – Boas, meu sinhô. Mora nestas paragens?

CEGO/RIPIÓ – (*cantando*)

Andando devagarinho,

Vou seguindo o meu caminho...

RASGA-BUCHO – Conhece este lugar, então?...

CEGO/RIPIÓ – Si cunheço? Até demais!

192

ZÉ-CASTIGO – Procuramos um tal Fazendão Santa Luzia, que parece ser nestas paragens.

LIMINÃO – Será que vossa senhoría pode ajudar estes jagunços?

CEGO/RIPIÓ – Posso sim, meu sinhô. Deixe vê... Fazendão Santa Luzia... Ah, é só segui em frente, por ali, sempre em frente. Quando avistá uma porteira, é lá o tal Fazendão.

LIMINÃO – Galope, minha gente!

Os três cavaleiros saem na disparada, gritando.

CEGO/RIPIÓ – Olhe que foram e nem agradeceram.
Também, não sei se seria certo agradecer a informação de um cego que bem podia ter-se enganado de direção.

CEGO/RIPIÓ – *(canta)*
Cada qual no seu caminho
Eu também já tenho o meu
Vou andando devagarinho
Pra chegá onde vou eu.

CENA 12 CHEGADA AO FAZENDÃO

CONTADOR – Rosinha, Zileu e Gogão
Iniciam uma porção de acontecimentos terríveis,
Jamais vistos e vividos.
Primeiro, vamos ver a chegada em um fazendão
Perdido no meio do sertão
Que, nos mapas e nos escritos,
Era o ponto marcado “xis”.

CONTADOR – E mais,
De como pedirão emprego ao capataz caolho.
E mais,
Que aparecerá um retratão maldito.
E mais,
Que haverá a mais extraordinária festa,
A qual se possa imaginar.
E mais,
Que verão jagunços cegos e um garimpeiro.
E mais que mais,
Que só vendo para acreditar.

Uma roça de algodão, tendo ao fundo uma casa negra de fazenda. Entram os três num canto da cena.

GOGÃO – Demos, sem dúvida, de chegar certo. Este deve ser o tal Fazendão de Santa Luzia do qual fala o escrito.

ROSINHA – O que mais dizia o indicado?

ZILEU – Se bem me lembro, estava escrito de que aqui encontraríamos indicação certa de onde estava o tesouro. E tinha aquele verso...

GOGÃO – O que será tem de ver o verso com o tesouro... (lê)

Em terra de cego

Quem tem um olho é rei

Um dia terei dois olhos

E mais do que rei serei.

Procurar o caminho

É de fácil solução

Desde que procure

Bem no olho do patrão

Todo tesouro escondido

Não se alcança fugindo do perigo.

ROSINHA – Por que será que meu pai assim deixou escrito? Bem que seria mais fácil um indicado claro, que este, assim, é confuso.

GOGÃO – Foi pra atrapalhar a vida da gente!

ZILEU – Eu acho que foi na intenção de fazer a gente dar mais no pensamento e achar de modo mais perfeito.

ROSINHA – Pode ser que, assim, seja mais certo.

GOGÃO – Estamos no Fazendão. Vai ver que vamos ter que arrancar o olho do patrão pra dar de encontro com o tesouro. Enfim, todo o sacrifício será recompensado.

ZILEU – Quem é essa gente?

GOGÃO – São lavradores.

195

Vêm os camponeses cantando. Vêm em fila, um segurando no outro, pois são todos cegos. Vestem-se de andrajos. São magros e amarelos e estão com vendas de pano preto cobrindo os olhos. Cantam *Canção dos Cegos Indo pro Eito*.

CEGOS – (*cantam*)

Toca para o eito

Ei lá, ei lá...

Nascer pra comer pouco

É a sina do sujeito

No eito daná louco

Com bandulho insatisfeito

Toca para o eito
Ei lá, ei lá
O mundo já está feito
Afeito e refeito
Então não tem mais jeito
Toca pro eito
Nessa vida tudo morre
Morre bicho, morre flor
Nós também vamos morrer
Morre riso, morre amor
Nós também vamos morrer
Então toca companheiro
Toca pro eito
Toca pro eito
Ei lá, ei lá.

196

Os cegos chegam no eito e começam a trabalhar em silêncio. Num canto da cena, os três.

GOGÃO – Que acontecido mais diferente! São todos cegos...

ZILEU – Mas têm tanto costume da enxada que nem precisam de visão.

ROSINHA – Que gente mais triste!

GOGÃO – Vamos perguntar onde é a casa do patrão. Olá!

CEGO#1 – Quem está?

GOGÃO – Uns viajantes de passagem.

CEGO#1 – É bom desviar seu caminho deste lugar, enquanto é tempo.

GOGÃO – Este não é o Fazendão Santa Luzia?

CEGO#1 – É aqui mesmo. Desde onde se pode andar em cada direção, é tudo terra do nosso patrão.

GOGÃO – Eu preciso falar com o vosso patrão.

CEGO#1 – O patrão não está. Não vive aqui. É melhor que vão embora, esta é uma terra de cegos. Os de visão não são bem recebidos, só trazem desgraça para si mesmos.

ROSINHA – É melhor a gente ir embora.

GOGÃO – E deixar o já feito por nada? Esses cegos não sabem de nada! Olha aqui, meu caro, será que a gente podia parar um dia ou dois nesta terra para descansar da nossa viagem?

CEGO#1 – Acho melhor que os viajantes sigam seu caminho. O patrão não gosta de gente com visão... Os que passam aqui se dão mal toda vida.

GOGÃO – Não tem um que não seja cego por estas bandas?

CEGO#1 – Só o capataz, é caolho. Ele é que vê tudo para o patrão.

GOGÃO – E o patrão, onde vive?

CEGO#1 – Dizem que num lugar muito longe daqui, na beira do mar, tão longe que nem se andando um ano se chega.

ZILEU – A gente podia dar uma conversa com o capataz?

CEGO#1 – Poder pode, mas aconselho a darem no pé de volta, e sumirem neste mundo.

198 ROSINHA – Por que os daqui todos não têm visão?

CEGO#1 – O que se conta é que, no tempo de dantes, vieram trabalhar nesta fazenda umas famílias de cegos... E todos os filhos nasceram cegos e os netos, mais os bisnetos e mais nós agora e por diante, nossos filhos...

GOGÃO – Que fenômeno mais extraordinário!

ZILEU – Acho melhor a gente mudar de rumo e pensar outra coisa.

ROSINHA – A gente perde o rumo do caminho de meu pai.

GOGÃO – O que tem acontecido às gentes com visão que encontraram por aqui?

CEGO#1 – O certo, ninguém sabe, mas se fala muita coisa. Uns dizem que morrem, outros que ficam cegos. Muitos causos se contam, mas a gente não sabe ao certo. Vão de uma vez que é melhor.

GOGÃO – Estou concordando também que seria melhor a gente sair daqui.

ZILEU – Me deu na cabeça que a gente podia dar um jeito de ficar aqui uns dias.

ROSINHA – O qual é?

ZILEU – Se a gente fosse cego também?

GOGÃO – Mas não somos.

ZILEU – Mas a gente pode fingir. É só eles não falar.

CEGO#1 – Por nós, se é assim que querem, podem ter confiança que ninguém fala nada.

Vem um outro cego e cochicha no ouvido do Cego#1.

CEGO#1 – A gente não fala nada e até ajuda. Mas, em troca, vão ter que fazer uma coisa que a gente pedir.

GOGÃO – Dinheiro não tem.

CEGO#1 – O que é isso?

GOGÃO – Então, não sabe o que é dinheiro?

CEGO#1 – Não. E como não sabemos, não é isso que vamos pedir. O que queremos, depois saberão.

ZILEU – Então, toca a se fantasiar de cego pra falar ao capataz.

CEGO#1 – Tomem cuidado, que se alguma coisa acontecer, nós não poderemos ajudar em nada.

200 O cego que cochichou reúne os outros e combina alguma coisa. Fazem um burburinho de aprovação e riem em pouco.

GOGÃO – A gente diz que somos pedintes... E tomem cuidado pra não deixar perceber que não somos cegos.

ZILEU – A gente conta que ouviu dizer que aqui se dava trabalho aos cegos.

CEGO#1 – Hoje é um dia de festa... É o dia do patrão, logo mais à noite vai ter os festejos. Prestem bem atenção em tudo o que vai acontecer, pois nosso pedido tem coisa com o que se vai passar.

GOGÃO – Vamos vender os olhos, mas com jeito pra espiar por baixo. Quem é que vai levar a gente ao capataz?

CEGO#1 – Eu mesmo... Vamos!

CENA 13 DÉCIMO EPISÓDIO

CONTADOR – Décimo episódio,
No qual voltamos a encontrar
Liminão e seus jagunços
Que não desistem da procura por nada
deste mundo.
Onde veremos que,
Após encontrar a caverna da pedra furada,
Seguirão também para o fazendão dos cegos.
Na caverna da pedra furada.

201

RASGA-BUCHO – Não há dúvida que o rastro
vinha até aqui.

ZÉ-CASTIGO – Que diacho teriam os danados
encontrado aqui?

RASGA-BUCHO – Abrigo, ao de certo. É um lugar
bem escondido.

Na frente da casa do capataz.

CEGO#1 – É por aqui que mora o capataz.

GOGÃO – Aqueles são presos? Por quê? (olha os gemidos por baixo da venda)

CEGO#1 – Não é boa hora de fazer perguntas. Vou chamar o capataz.

GOGÃO – Aí que eu me borro todo. Cuidado, vocês dois, que senão a gente acaba ali preso, igual a eles.

CEGO#1 – Seu Ciclópio! Ó seu Ciclópio! Ó de casa!

Aparece o enorme homem com um olho vendado e uma cara de mau.

202 CICLÓPIO – O que é que vem fazer na casa-grande, deixando o eito de lado? Quem são esses aí?

CEGO#1 – São três viventes que se achegaram para estas bandas, em busca de trabalho. Disse que ouviram que aqui davam trabalho aos cegos.

CICLÓPIO – Ah, muito bem! Não vivo eu dizendo a todos vocês que se não tivessem um patrão tão jovem e tão belo e generoso iam morrer de fome? Ninguém quer saber dessa raça assombrada que não pode enxergar o mundo... De onde vem essa gente?

GOGÃO – De muito longe, atrás da serra. Andarilhamos quase trinta dias e trinta noites pra chegar por aqui.

CICLÓPIO – E como souberam chegar por aqui?

GOGÃO – Demos de ouvir falar.

CICLÓPIO – Quem falou?

GOGÃO – Um outro cego que encontramos na estrada.

CICLÓPIO – Mau, mau, mau... Estamos ficando conhecidos... Pois emprego tem, que o patrão dá trabalho a todo mundo. Desde que sejam cegos. São parentes?

203

GOGÃO – São meus filhos.

CICLÓPIO – Pois podem ficar. Mas quero que saibam qual é a lei aqui. Ali tem um tronco... Para que saibam, é um lugar de prender o pé, mão e pescoço e ficar de pança ao sol até secar bem sequinho, sem água e sem comida. Isso é pra quem amolece no eito. Quem rouba semente e vai fazer roça no mato por conta própria.

Tenho um olho só, mas está olhando tudo e sempre. Pra vocês, que não têm nenhum, não se façam de besta que o castigo é duro! Se ficam

aqui, podem catar madeira, barro e capim na mata pra fazer casa.

CICLÓPIO – Comida é aqui que tem, no armazém, e só se come o que se dá. Uma vez se come, o resto trabalha pra merecer a vida e dar honra ao patrão. E chegaram num dia muito especial de bom. Hoje é o dia da festa do patrão. Logo mais, à noite, haverá canto e dança. A menina também pode vir, viu ceguinha? Leve os três para o eito pra conhecer a lidaça. Ah, e antes que me esqueça, não quero uma palavra entre os cegos novos e a cegaiada velha que está aí. Se pegar, o tronco e o pau estão esperando. Podem ir.

204

Os quatro se afastam.

CICLÓPIO – *(batendo com um reio, um pouco, nos presos)* Toma seus danados, vão aprender a criar galinha escondido do patrão.

PRESOS – Piedade Deus... Ai meu lombo... Nossa Senhora!

CICLÓPIO – Pode esgoelar de chamar quem quiser na terra ou no céu! Aqui o Deus e a Nossa Senhora são nosso santo patrão e como eles estão no céu, no lugar deles fico eu.

CENA 14 COMEÇA A FESTA DO PATRÃO

Desce um cartaz. Começa a festa do patrão. Todos os cegos reunidos. Zileu, Gogão e Rosinha também. Vem Ciclópio, todo vestido de gala. Os cegos cantam na chamada de Ciclópio: *Canção do Patrão*.

CICLÓPIO – *(canta)*

Seus cegueiros imundos, danados e vagabundos
Me respondam que dia é hoje?

CEGOS – *(cantam)*

Dia de festa, de respeito e diversão
É o santo dia, do nosso patrão.

CICLÓPIO – *(canta)*

Quem é o mais bom e mais justo e mais certo?

CEGOS – *(cantam)*

É o nosso santo patrão!

CICLÓPIO – *(canta)*

Quem manda, enxerga e vigia?

CEGOS – *(cantam)*

É o nosso santo patrão!

CICLÓPIO – *(canta)*

Desde muitos anos e muitos dias,
Neste mesmo dia do ano se faz esta festa.
Que sempre é do comando de quem?

CEGOS – (*cantam*)

Do seu Ciclópio, nosso santo capataz!

CICLÓPIO – (*canta*)

E, antes de mim, foi outro

E, antes de antes do outro,

E, antes de antes de antes,

Inda foi outro,

Sempre de um olho só.

CEGOS – (*cantam*)

De um olho só

Mas tudo vê

Vê tudo que a gente faz

Esse um sempre foi sempre

Nosso santo capataz.

CICLÓPIO – (*canta*)

Seus cegueiros imundos,

Danados e vagabundos,

Pra quem não enxerga,

Onde é que termina o mundo?

CEGOS – (*cantam*)

Termina logo além da cerca

Quem sair não volta mais

Ficará sempre perdido

No poder do satanás!

CICLÓPIO – *(canta)*

Então, viva nosso patrão!

CEGOS – *(cantam)*

E também o capataz!

CICLÓPIO – Vamos continuar a festança. Como é sabido, neste santo dia o patrão não quer ninguém no tronco, nem no pau. Pode soltar os prendidos.

O pessoal solta.

CICLÓPIO – E agora, vamos entrar no ponto mais importante do festejo. Tragam o retrato.

207

Vêm dois cegos trazendo um enorme retrato de corpo inteiro de um latifundiário: baixo, feio, balofo, subdesenvolvido, fim de raça, etc. Colocam de um lado. Todos murmuram.

CICLÓPIO – Como em cada festa, em cada dia, de cada ano, eu vou ter a honra e a alegria de contar a todos os infelizes sem visão, como é a figura grandiosa do nosso grande e santo patrão! Ah, se vocês e sua corja pudessem dar pelo menos com meio olho neste maravilhoso retrato! Começa.

Cegos e Ciclópio cantam a *Canção do Retrato I*.

CEGOS – (*cantam*)

Não vemos essa nobre cara

Essa nobre cara

Pois nossa vista está coberta de um véu

Nos alumeia, nos alumeia

Nos alumeia com seu olho só...

Como é nosso patrão?...

CICLÓPIO – É alto como um gigante, quem é,
quem é?

CEGOS – É o nosso santo patrão.

208 CICLÓPIO – É forte, esguio e altivo, quem é, quem é?

CEGOS – É o nosso santo patrão.

CICLÓPIO – Tem o rosto como o dos anjos, quem
é, quem é?

CEGOS – É o nosso santo patrão.

CICLÓPIO – Um sorriso de amor e bondade, quem
é, quem é?

CEGOS – É o nosso santo patrão.

CICLÓPIO – Um olhar de santidade, quem é,
quem é?

CEGOS – É o nosso santo patrão.

CICLÓPIO – Tem no mundo vivente mais perfeito?

CEGOS – Ter é que num tem não!

CICLÓPIO – Por isso, damos graças a Deus!

CEGOS – Dele ser nosso patrão!

CICLÓPIO – Viva o santo nome do Coronel Romilo Sá de Albuquerque Rêgo de Alcântara!

CEGOS – Viva, reviva, treviva!

CICLÓPIO – Viva o nome do santo capataz Ciclópio Santo dos Bispos!

CEGOS – Viva e reviva!

CICLÓPIO – Viva o santo tronco que conserta o mal e só faz o bem de todos.

CEGOS – Viva!

CICLÓPIO – E agora, bebida para a cegaiada toda, mais dança e canto pra quem quiser, pois mandei vir um cego musicista com sua viola, para alegrar o dia do patrão.

CEGO/RIPIÓ – (*canta* Canção do Mestre Inácio)
Aqui estou,
Meus iguais de infortúnio
Sou o cego Mestre Inácio
Cantador e tocador
Quando chego numa festa
O povo muda de cor
Sou filho de Malaquias
Neto sou de João Ubaldo
Primo irmão de Ananias
Sobrinho de Aderaldo.

210

CEGO/RIPIÓ – Esse é quem foi mesmo na verdade o rei dos cegos. Quando meu tio abraçava a viola e cantava e desafiava na roda mais sabida, ninguém mais piava.

Zileu, Gogão e Rosinha conversam num canto.

ZILEU – É o cego que topamos na estrada.

GOGÃO – Se ele descobre a gente, vamos se dar de mal a pior!

ROSINHA – Se a gente não fala, ele não conhece.

GOGÃO – Então, é ficar de bico fechado.

ROSINHA – Acho que não pagou a pena vir na busca do tesouro. Parece que não vamos mais adiante na busca.

ZILEU – Tenha fé que a gente ainda dá com ele quando menos esperar.

GOGÃO – Fica quieto que o Ciclópio vem aí...

Vem Ciclópio se arrumando todo.

CICLÓPIO – É muito bonitinha. Quer ter a honra de dançar comigo?

GOGÃO – Ela tem muita honra sim!

ZILEU – Não...

CICLÓPIO – O quê?!

GOGÃO – Ela tem a honra, sim.

CICLÓPIO – Então vamos, ceguinha. (*grita*) Oh, cego do inferno, puxa uma dança pra todos, que o baile vai começar.

CEGO/RIPIÓ – É pra já, meu patrãozinho!

CENA 15 COMEÇA O BAILE: O CAPATAZ DANÇA...

Começa a tocar e cantar uma dança. Os cegos bebem e dançam. Zileu morde os lábios de raiva, Gogão o acalma, enquanto Ciclópio dança e bebe. Logo aperta a boca de Rosinha e a levanta nos braços e carrega com ela pra dentro da casa

da fazenda. Zileu corre em cima, mas Gogão o segura. Logo o cego cantador entra atrás de Ciclópio e da menina na casa. Zileu rola no chão, lutando com Gogão. Logo Zileu se solta e corre para a casa. Topa com Rosinha que vem saindo meio assombrada.

ZILEU – Filho da peste. O que ele te fez?

ROSINHA – Nada.

ZILEU – Mas ele levou você pra dentro.

212

ROSINHA – Pois fiquei apavorada. Logo que ele me botou no chão, deu uma risada. Eu, então, saí correndo por um corredor, mas ele não veio atrás. Levantei a venda dos olhos e voltei: ele estava carrapachado na rede dormindo.

ZILEU – Dormindo?

ROSINHA – Dormindo.

GOGÃO – Foi melhor assim.

ZILEU – Não entendo como ele foi dormir de uma hora pra outra.

Enquanto falam, sai ao fundo o cego com o violão arreventado. Joga o violão de lado e se aproxima.

CEGO/RIPIÓ – Estou conhecendo essas vozes. Raios me partam se não são os amigos que topei na estrada, há uns vinte dias. Como vai a mocinha? Como estão, gente boa?

GOGÃO – Não somos não.

CEGO/RIPIÓ – Somos sim, como não! Somos nós mesmos. Como vai mocinha e você, meu rapaz? Como vieram parar aqui neste fim de mundo? E agora eu os encontro nesta festa de cegos. Que coisa mais extraordinária!

Vem uma comissão de quatro cegos.

CEGO#1 – Olá vocês três, está na hora de pagar nossa ajuda. O capataz bebeu demais e foi dormir. Os cegos estão esperando.

213

GOGÃO – O que estão esperando?

CEGO#1 – Todos querem saber a verdade: como é o retratão do patrão. Está aqui pra vocês dizerem pra gente.

ZILEU – Por quê?

CEGO#1 – Porque nosso patrão é ele que manda botar no tronco, bater, matar de fome e que só manda plantar coisa que não se come, tendo tantas terras em volta, mas deixa os cegos morrer

de fome, não dá remédio, não pode ser assim,
como desde sempre foi contado.

ROSINHA – Na verdade, não é não.

CEGO#1 – Espere que vou pedir silêncio e depois diga como é, então, o retrato do patrão. (aos cegos) Silêncio, minha gente, que o Ciclópio está dormindo. Pode contar moça, todos estão na escuta.

Faz-se grande silêncio. Rosinha fala bem baixo.

ROSINHA – Pois vou contar...

Rosinha e Cegos cantam a *Canção do Retrato II*.

214

CEGOS – (cantam)

Não vemos essa nobre cara

Essa nobre cara

Pois nossa vista está coberta de véu

Nos alumeia, nos alumeia

Nos alumeia com sua visão

Como é nosso patrão?

ROSINHA – (canta)

É baixo como que nem um anão.

CEGOS – (cantam)

O carrasco do patrão?

ROSINHA – (canta)

É gordo que nem um capão.

CEGOS – (*cantam*)
O porco do nosso patrão!

ROSINHA – (*canta*)
Tem a cara muito feia.

CEGOS – (*cantam*)
O diabo do nosso patrão?

ROSINHA – (*canta*)
Um olhar de jagunço assassino.

CEGOS – (*cantam*)
O triste do nosso patrão.

ROSINHA – (*canta*)
Um sorriso de maldade.

CEGOS – (*cantam*)
O doente do nosso patrão.

ROSINHA – (*canta*)
Enfim, nunca botei os olhos
Num homem tão feio e terrível.

CEGOS – (*cantam*)
É o nosso patrão?!

O cego músico vai até o retrato, tateia, encontra
o olho, fura-o.

CEGO/RIPIÓ – *(canta)*
Tem o olho de galinha.

CEGOS – *(cantam)*
O nosso santo patrão.

CEGO/RIPIÓ – *(canta)*
Pescoço de abobrinha.

CEGOS – *(cantam)*
O nosso santo patrão.

Os cegos avançam no retrato e vão rebentando tudo e cantando. Num canto, ficam Zileu, Rosinha e Gogão.

216

ZILEU – *(canta)*
Olha lá.

CEGOS – *(cantam)*
O nosso santo patrão.

ROSINHA – *(canta)*
Que foi?

CEGOS – *(cantam)*
O nosso santo patrão.

ZILEU – *(canta)*
No olho furado do retrato,
Está aparecendo uma tira de papel.

CEGOS – *(cantam)*
O nosso santo patrão.

GOGÃO – *(canta)*
É isso é o verso no olho do patrão.
(vai até lá e pega)

CEGOS – *(cantam)*
O nosso santo patrão.

ROSINHA – *(canta)*
É a continuação do mapa. *(abraça Zileu)*

CEGOS – *(cantam)*
O nosso santo patrão.

217

ZILEU – *(meio sem graça)* Agora, está tudo bem.

Rosinha percebe que estava abraçada e se solta.
Vem Gogão e os cegos continuam a festa.

CEGO/RIPIÓ – Como é, seu mascate. O que é que o senhor tirou lá do retrato?

GOGÃO – Nada que lhe interesse.

CEGO/RIPIÓ – Se precisarem de mim, estou por aí.

GOGÃO – *(lê)* Quem encontrar esta, sabente de que a situação deste povo não mudará pelos anos. Fica aí escondido pra quem quiser de en-

contrar este escrito, o segredo deste fazendão que é triste mas trará alegria a muita gente, assim como um tesouro escondido que aqui mesmo se encontra. Antes, é preciso que se conte a grande verdade. Ninguém aqui é cego, apenas são vendados desde o nascimento e o capataz coloca cera nos olhos. Faz isso a mando do patrão, para que nunca vejam a miséria em que vivem e continuem acreditando que a única salvação é o santo patrão. Assim é desde muito tempo, de pai para filho, o patrão é sempre o patrão. O capataz é sempre caolho e os lavradores são filhos dos cegos. Até que se diga a verdade, pois serão precisos todos para encontrar o tesouro. Pois ele está enterrado...

GOGÃO – Está meio rasgado o papel.

ZILEU – Precisamos dar a boa-nova aos cegos!

ROSINHA – E o capataz?

CEGO/RIPIÓ – *(que estava escondido)* Está amarrado na rede.

GOGÃO – Você estava aí, seu danado de uma figa.

Entram os cegos com o retrato furado.

CEGO/RIPIÓ – Cheguei agora...

ZILEU – Vamos contar aos cegos a descoberta.

GOGÃO – Deixa que eu falo. Peça silêncio.

ZILEU – Silêncio de novo, gente. Tem uma nova para ser ouvida.

CEGO/RIPIÓ – *(canta* Canção de Silêncio)

Faz silêncio minha gente

Faz silêncio neste instante

Vamos ouvir notícia urgente

Que é muito importante

(falando) Tem a palavra o mascate Gogão.

GOGÃO – Meus respeitáveis amigos cegos. Uma coisa muito importante foi descoberta por mim e fará mudar muito o rumo de vocês. Peço apenas que, depois que lhes der a notícia, todos se proponham a me ajudar a encontrar um enterrado que está na fazenda. E agora, tirem as vendas, molhem os olhos com panos d'água e eu vou fazer um milagre acontecer.

219

CEGO#1 – É preciso fazer tudo isso? Todos sabem que não devem tirar as vendas dos olhos, que dá uma ferida braba que come a cara inteira.

ROSINHA – Podem tirar, sim. Por confiança no meu pai, que deixou uns escritos, sabemos a verdade sobre esta terra de cegos.

CEGO/RIPIÓ – Acho melhor ouvir a mocinha e fazer o que ela diz.

CEGO#1 – Deixe então só eu tirar. Se não acontecer nada, os outros vão atrás.

Rosinha vai até ele, tira a venda, molha um pano e vai removendo a cera e termina.

ROSINHA – Abra os olhos devagar, quem nunca viu luz pode deslumbrar de tanto brilho.

CEGO#1 – Vou abrir... Então é assim, meu Deus...
(*grita chorando*) Vamos minha gente, venham comigo ver o mundo, que se deu um milagre.

220

Todos correm a fazer o mesmo.

CEGO/RIPIÓ – Toca buscar o Ciclópio, antes que ele venha estragar a festança do milagre.

CEGO#1 – Vamos, gente, buscar o danado do Ciclópio.

CEGO#2 – Vamos dar o gosto do tronco ao desalmado.

CEGO#3 – Melhor é matar de uma vez.

Ciclópio é trazido com rede e tudo.

CICLÓPIO – Que é que se deu? Santa Maria, Cruz credo em Deus padre, Santo Patrão. Isto virou um inferno, só vejo alma penada em torno de mim!

CEGO#1 – Alma penada é a sua, e a do santo patrão. Um milagre se deu a gente passou a ver as coisas do mundo. Agora são dois olhos de cada um contra esse seu olho danado.

CICLÓPIO – Me soltem, seus cegos danados, que eu pego um por um e dou o merecido.

CEGO#1 – Vai pegar mais ninguém e nunca mais. Ficamos toda vida no escuro, por vosso trabalho na nossa vista. Mas agora vendo tudo e mais de 221
sobra uma bruta vontade de ver e apreciar e mais entender tudo de novo. O que fazemos com ele?

POVO – Mata, esfolo, capa, tira o couro, bate nele, fura o outro olho, mete cera nele, o tronco, o tronco...

CEGO#1 – É melhor que, de acordo com a vontade da maior parte, se bote ele no tronco a fim de experimentar o castigamento que sempre houve de dar pra nós no tempo da cegueira. Ponha ele no tronco.

CICLÓPIO – Seus danados. *(liberta-se e enfrenta o pessoal)*

É vencido pela maioria e o colocam no tronco. Apanha com galhos das mulheres. Jogam pedras. De repente, ouvem-se tiros. Todos se escondem.

CENA 16 OS JAGUNÇOS ENTRAM NA DANÇA

Três jagunços entram atirando para o alto.

LIMINÃO – Parada! Que ninguém se mexa, senão vai bala em toda direção.

ZÉ-CASTIGO – Olha lá os burreiros e a menina.

GOGÃO – Pelo amor de sua mãe e da santíssima, não me mate!

222

RASGA-BUCHO – Pois se depois desse tempão a gente volta a se encontrar.

LIMINÃO – Separa os nossos desse resto.

Zé-Castigo separa.

LIMINÃO – Amarra bem, que desta vez ninguém escapa. Dá uma olhada e vê se o filho da velha está por aí.

RASGA-BUCHO – Que conheça, tá não.

LIMINÃO – Que é que faz este homem amarrado? Pelo semblante, parece ser pessoa de bem.

RASGA-BUCHO – Verdade, parece muito distinto.

LIMINÃO – Que é que faz aí preso, bom homem?

CICLÓPIO – Sou o capataz desta fazenda. Esses danados lavradores me prenderam aqui e querem acabar comigo e com a lei do patrão. Soltai este homem de bem, meus salvadores!

LIMINÃO – Quem é o seu patrão?

CICLÓPIO – É o santo Coronel Romílio Sá de Albuquerque Rêgo de Alcântara.

LIMINÃO – Pois nós somos jagunços do Coronel Militão Buarque Correia de Melo Brito. Estamos aqui prendendo estes dois burreiros e a menina, por ordem do Coronel. Rasga, solte este nosso companheiro. Gente de bem ajuda gente de bem. E até pode ser que o Coronel patrão dele seja amigo e parente do nosso Coronel.

223

CICLÓPIO – Agora, seus danados, vocês me pagam. Vou com eles defendido até o santo patrão e volto com mais gente pra me ajudar. Na volta a gente acerta.

LIMINÃO – Melhor é matar de uma vez os burreiros e só levar a menina.

ZÉ-CASTIGO – Taí uma medida boa.

Os jagunços levantam as armas. Nisso, entra um garimpeiro, com as mãos cheias de pepitas de ouro.

GARIMPEIRO/RIPIÓ – É ouro, minha gente, na flor da terra. Tem para todos, é só pegar e ficar rico. Tem ouro que não acaba mais.

GOGÃO – O tesouro!

LIMINÃO – Ouro na flor da terra... Toca, minha gente danada, no galope!

Saem em disparada. Ciclópico corre atrás. Gogão hesita entre os dois grupos, pois o outro correu para o lado oposto e acaba seguindo os jagunços. O garimpeiro joga as pepitas fora e vai, calmamente, encontrar os jagunços.

224

CENA 17 RIPIÓ VIRA CANGACEIRO

Os jagunços procuram o ouro.

LIMINÃO – Onde se meteu o ouro que estava à flor.

RASGA-BUCHO – Talvez cavando um pouco...

GOGÃO – Talvez se olhando ali mais embaixo.

LIMINÃO – Já olhei, não estava.

GOGÃO – Tem que estar, é o tesouro.

LIMINÃO – Você já estava sabendo deste ouro?

GOGÃO – Pois foi atrás dele que cheguei aqui.

ZÉ-CASTIGO – Veja só, ouro nenhum. Será aqui mais acima?

GOGÃO – Já escrafunchei...

LIMINÃO – Só se...

RASGA-BUCHO – Só se...

ZÉ-CASTIGO – Só se...

225

GOGÃO – Só se...

LIMINÃO – Só se o garimpeiro deu de...

RASGA-BUCHO – Deu de...

GOGÃO – Deu de o que, pois não?

CICLÓPIO – De mentir e enganar a gente.

LIMINÃO – Canalha miserável, filho da peste!

RASGA-BUCHO – Reboque de igreja, sapiquá de lazarento.

ZÉ-CASTIGO – Muro de igreja, corrimão de escada de quartel.

CICLÓPIO – Nojento, desgraçado, vagabundo.

GOGÃO – Filho da mãe, filho da égua, sacripanta, filho do satanás. Onde é que já se viu dar engano numa coisa desta. Se eu pego esse miserável, torço a cabeça, depois jogo no rio. Vê lá se isso é possível!

Todos olham para ele como que achando que ele não é do bando.

226

GOGÃO – Filho da égua, eu bem que queria pegar o danado. Nós precisamos fazer alguma coisa. Vamos, nobres jagunços e também o senhor, seu capataz, correr atrás do tal e pegar para dar o justo castigo. Que se não pego ele hoje, não durmo.

LIMINÃO – É o fim?

GOGÃO – Fim nada. Fim só depois de pegar o tal garimpeiro.

LIMINÃO – Acabou de fazer o seu discurso?

GOGÃO – Tinha mais o que falar, mas já todos estão sabendo.

RASGA-BUCHO – Pois é...

ZÉ-CASTIGO – Pois é...

LIMINÃO – Pois é...

CICLÓPIO – Pois é...

GOGÃO – Pois é... Pois é o que, pois não?

LIMINÃO – Rasga, joga uma corda aí na árvore.

ZÉ-CASTIGO – Dê um laço primeiro.

GOGÃO – Se quiser, eu sei dar laço forte, tô acostumado a fazer embrulho.

227

LIMINÃO – Pois pode dar o laço. E faça bem forte, pra que aguarde um porco gordo.

GOGÃO – É pra já.

CICLÓPIO – Deixe que eu amarro na árvore.

LIMINÃO – Zé, traga aquele tronco.

GOGÃO – Está bem forte o laço?

LIMINÃO – Você é quem vai saber.

GOGÃO – Eu?

LIMINÃO – Pois então se meteu no meio dos jagunços e do capataz e pensou que ia sair vivo daqui? Inda mais que os outros escaparam. Vou descontar toda raiva em você, seu burreiro. Levem ele.

GOGÃO – Ave Maria, cheia de graça... Não me mate... Pelo amor de vossos filhos.

LIMINÃO – Aqui ninguém quer mordê Deus não. Pronto, então vai, empurra o tronco.

GOGÃO – Santa Rita dos Afogados!

228

Vêm da mata dois tiros, e logo atrás, o mais temível cangaceiro que se possa imaginar, armado até às gengivas, com duas garruchas em cada mão.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Qual é o perigo?

LIMINÃO – Quem é você, cabra?

CANGACEIRO/RIPIÓ – O que é que estão fazendo na minha mata? Não sabem que esta mata pertence ao cangaceiro Pescocinho Taturana?

ZÉ-CASTIGO – Pescocinho Taturana?

RASGA-BUCHO – O Taturana em pessoa.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Ao primeiro movimento falso, meu bando está escondido no mato com um trabuco em cima de cada um de vocês. Vou dar um sinal. (*assovia; um outro assovio responde*) Tá vendo? O estripador já deu o recado que o cerco está feito. Que absurdos são esses de invadir sem mais nem menos minha mata?

LIMINÃO – Que muito me perdoe, mas o senhor é mesmo o Pescocinho? O mesmo que tacou fogo na igreja velha, lá na Vila das Dores?

CANGACEIRO/RIPIÓ – Taquei fogo na igreja só, não. Queimei o padre também e fiz o povo comer o churrasco dele.

229

LIMINÃO – É o mesmo que cortou as duas orelhas e o nariz do delegado e da guarnição de Pião Batido?

CANGACEIRO/RIPIÓ – Cortei só isso não, cortei mais. Mas o principal o jornal não deu.

LIMINÃO – Eu me apresento. Sou Liminão e esses são meus comparsas. Somos jagunços do Coronel Militão.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Esse caolho aí, quem é?

CICLÓPIO – Sou capataz do Fazendão Santa Luzia.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Não gosto de caolho.

LIMINÃO – E este, que está na corda, é um mascate miserável, culpado de vários crimes contra o Coronel e a jagunçagem.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Cabra ruim está aí. Só que não gosto de morte assim, sem mais diversão. Matar na corda é coisa que me dá gerisa.

LIMINÃO – É que a gente estava apressado...

CANGACEIRO/RIPIÓ – Pois então, vão se embora que eu mato esse danado.

230 CICLÓPIO – Melhor matar agora mesmo.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Não gosto de caolho...

LIMINÃO – Se a sua senhoria mostrasse um jeito melhor...

CANGACEIRO/RIPIÓ – Eu, por mim, gosto de tirar primeiro a pele dos braços e das pernas pra começar e depois momelar de melaço e tacar formiga. E assim deixo três dias, que é boa conta.

CICLÓPIO – É que a gente tem que acabar logo com ele, pra voltar.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Não gosto de caolho.

LIMINÃO – Então, a gente dá um jeito de matar ele agora, de uma vez.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Aqui na minha mata, quem tira a vida sou eu.

CICLÓPIO – Então, tira de uma vez.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Não gosto de caolho.

Cangaceiro/Ripió dá um tiro em Ciclópico, que cai morto.

LIMINÃO – Pra falar a verdade, eu também não gostava muito não.

231

CANGACEIRO/RIPIÓ – Vê lá se a gente pode gostar de alguém que tem um olho só e, ainda por cima, a gente nunca sabe certo pra que lado está olhando. Me dá nervoso.

LIMINÃO – Então, peço licença e levo o prisioneiro pra matar mais adiante, fora de sua mata, a qual respeito.

CANGACEIRO/RIPIÓ – O Senhor Liminão não sei por que anda em jagunçagem. Dava mesmo era para um belo cangaceiro. Jagunço é criado de Coronel, cangaceiro é livre. Pra dar susto até no governo. Não lhe atrai?

LIMINÃO – Na verdade, eu já tinha pensado nisso.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Pois pense... Se quiser, tem uma vaga no meu exército.

LIMINÃO – Eu acho que não...

CANGACEIRO/RIPIÓ – Tem razão, sua dignidade de chefe não pode ser perdida.

Forme o seu bando, que já tem aí dois jagunços que serão grandes cangaceiros, e pra começar pode atacar até seu próprio Coronel, pois conhece a região muito bem.

232

LIMINÃO – Não podemos não. Somos jagunços do Coronel Militão. Ele não haveria de gostar de saber que deixamos o serviço dele.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Ah, já sei, já percebi. É um homem muito macho o tal de Coronel Militão.

LIMINÃO – Oi lasca, está querendo dizer que eu não sou?

CANGACEIRO/RIPIÓ – Virgem Nossa Senhora, nem me passou pela ideia de ofender.

Sei que o companheiro é muito por demais macho, também.

LIMINÃO – Sei lá o que há de ser.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Pois se não tem confiança na machidão de seus dois cabras, eu até aconselho a não encetar luta contra o Coronel.

RASGA-BUCHO – Olha aqui, ô Pescocinho... Está chamando a gente de ximbungo não, não é?

ZÉ-CASTIGO – Não haveria de ser coisa boa que, mesmo tendo bando, muito sangue corria.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Eu mais meus companheiros de decidido, não me dão desentendimento. Vê lá se ia chamar dois cabras tão valentes e sacudidos de essas coisas. Chamei não. Estou só meio desconfiado do medo que todos têm do tal Coronel.

233

LIMINÃO – Pois fique sabendo que eu mais os dois aí não temos medo de Coronel nenhum.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Que gente macha. Nunca vi tanta machidão junta. Meus respeitos e minhas penas de saber que três cabras tão assim machíssimos estão posando de jagunços do Coronel. É uma coisa triste!

LIMINÃO – Falar verdade, essa estoriada de virar cangaceiro está me dando nas vontades.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Pois é certo que tem que dar. É uma profissão por demais dignificante trabalhar por conta própria.

LIMINÃO – Pois olhe que já estou mudando!

CANGACEIRO/RIPIÓ – Isso homem, esteja decidido.

ZÉ-CASTIGO – Por mim, também aceito e faço fé.

RASGA-BUCHO – Eu ia ficar de fora? Nunca, estamos juntos companheiros!

CANGACEIRO/RIPIÓ – Muito bem, meus filhos. E já que deram decidimento, vou dar uma ajuda para o início desse novo exército. *(vai a um canto e volta com um saco)*

Parece que tinha pensado em tudo. *(abre e vai tirando aparatos de cangaceiro: chapéus, roupas, cartucheiras, facas, etc)* Se sirvam. É um chapéu que foi de presente do Pescocinho Taturana. *(pega um chapéu)* Este chapéu foi de Hildebrando, o Forra Tripa, meu braço direito, cabra morto em um ataque em Cariri. Tome, Zé, e honre este chapéu, que foi de um cabra mais macho e de melhor pontaria que conheci. Este outro aqui, com este furo de bala, foi do falecido Chico Cutucão, cognominado Surjão, por manias de tirar a pele sem machucar a carne.

Apanhe, seu Rasga, e use dignamente. Este aqui é muito especial, foi o chapéu que Lampião usou no dia em que morreu. É uma relíquia do cangaço, que passo para suas mãos, chefe Liminão. E mais estas roupas e mais as cartucheiras estão aí

para que levem. Foram todas de gente corajosa, que morreu na luta e na guerra do cangaço. Agora, segundo o costume que todos têm que obedecer, vou apadrinhar e sagrar o bando. Acocorem-se, jagunços do Coronel Militão. Eu, Pescocinho Taturana, que sagrado por Lampião, venho com todo poder sagrar estes cabras na Ordem do Cangaço. Para tanto, eu bato que bato e torno a bater (*dá um lambada nos três*) e faço que se levantem Capitão Liminão, Tenente Zé-Castigo e Contramestre Rasga-Bucho.

LIMINÃO – Todos os agradecimento são pouca coisa pelo que fez por nós.

235

CANGACEIRO/RIPIÓ – Tem nada, não. Quanto mais gente no cangaço, melhor. Maior será nosso poder.

LIMINÃO – Agora temos que partir em busca de ataques.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Pra começar, pode atacar o próprio Coronel Militão, pois conhecem tudo por lá tão bem.

ZÉ-CASTIGO – Inda mais que estou lembrando de uma certa sumanta de fila, um atrás do outro, que até agora me dá vergão.

RASGA-BUCHO – Pois não é que também a tal de sumanta não me passou na goela.

LIMINÃO – Pois é, também pra mim a tal de sumanta não passou na goela. Vamos devolver a surra que ele fez a gente se dar.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Pois, então, vá com seu exército cangaceiro e faça o que deve.

ZÉ-CASTIGO – É verdade, estou lembrando da surra que ele fez a gente dar na gente mesmo.

236 RASGA-BUCHO – Pois não é que me veio na lembrança isso também!

CANGACEIRO/RIPIÓ – Pois, então, vá com seu bando, Cangaceiro Liminão, e faça o que deve. E deixe este comigo, que dou um bom fim nele.

LIMINÃO – A cavalo, minha gente, meus exércitos. Em nome do cangaço, rumo ao Coronel Militão, nosso antigo patrão, que tantas contas velhas me deve. Por minha honra, Seu Pescocinho Taturana, ainda vai ouvir falar de mim.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Já estou ouvindo... Liminão, o grande matador de coronel. Felicidades.

LIMINÃO – Toca, minha gente danada. Galope, em nome do cangaço.

O cangaceiro olha Gogão, que se mijou de medo.

CANGACEIRO/RIPIÓ – E tu, meu caro, vais entrar na faca agora mesmo...

Gogão não consegue falar. O cangaceiro pega a faca e vai até ele. Gogão treme, uiva. O cangaceiro dá um golpe soltando Gogão, que cai no chão.

CANGACEIRO/RIPIÓ – Só digo uma coisa, mestre Gogão. Mestre em burros, preços e lábias. Só lhe digo que, no dobrar das esquinas, às vezes a gente dá de cara com o que nunca esperou, portanto, quando se tem a alma carregada, o melhor é tomar cuidado com a pele. Vai, cagão, e se torne um homem de bem.

237

Gogão beija os pés dele e sai correndo.

CENA 18 EPÍLOGO E NARRATIVA: ONDE TUDO SE ENCERRA DA MELHOR MANEIRA.

Um local no mato.

CONTADOR – (*canta* Canção do Que se Leva Deste Mundo)

Deste mundo a gente leva

Só o bem vivido e rido

Deste mundo a gente leva
O que se fez divertido
Deixa pra lá...

Entram cegos.

CONTADOR – *(continua canto)*

Tudo que for sem graça

Bota pra trás

O que for triste passa

O que não presta

Não serve pra ser vivido

A vida tem de ser festa

Viver é tão divertido

238 Olhar o céu é riso

Cheirar o mato é riso

Correr no campo é riso

Tomar cachaça é riso

Beijar mulher é riso

Contar estória é riso

Brigar de faca é riso

Fazer trapaça é riso

Dormir na palha é riso

Viver assim é riso!

Assim que sai Cangaceiro, entram Rosinha e Zileu.

ZILEU – Pois é como eu digo, o tesouro está enterrado em alguma parte da fazenda.

ROSINHA – Mas a terra não é nossa, não podemos cavar e procurar.

CEGO#1 – Moça, quem foi desde o começo que trabalhou aqui nela?

ROSINHA – Os cegos!

CEGO#1 – Quem foi enganado durante todo o tempo, e lidando, plantando e colhendo?

ROSINHA – Os cegos.

CEGO#1 – Quem sabe agora, com visão melhor que nunca, ela pode dar...

239

ROSINHA – Os que eram cegos e não são mais.

CEGO#1 – É por isso que digo agora, na frente de todos: vamos todos juntos procurar o tesouro de que falamos.

ROSINHA – E, quando achado, cada um terá sua parte.

CEGO#1 – Viva o tesouro!

TODOS – Viva!

CEGO#1 – Amanhã mesmo a gente começa na cerca norte a cavar a terra.

ZILEU – A gente pode ficar aqui e trabalhar juntos.

CEGO#1 – Quanto mais, melhor. Agora que a terra é nossa... Inda mais que trouxeram essa mudança em nossa vida!

ZILEU – Moça Rosinha, eu não tenho ninguém por mim. Gostaria de ter.

ROSINHA – Moço Zileu Rojão, filho de Mané Rojão, é como também acontece comigo.

ZILEU – Tinha pensado que neste tempo curto de andar junto, já tinha dado pra gente se conhecer.

240 ROSINHA – E já deu.

ZILEU – Quer ser minha mulher?

ROSINHA – É o que mais quero nesta vida.

Os dois se abraçam e os outros batem palmas.

ZILEU – Então, é pra já. Gente, onde tem um padre?

CEGO#1 – Aqui não tem, meu filhos, só a dez dias de viagem.

ROSINHA – Que pena!

ZILEU – Então, como é que a gente faz?

ROSINHA – Olha lá!

Súbito aparece, andando pela estrada e lendo um breviário, um padre.

ZILEU – Parece até um milagre, é um padre!

PADRE/RIPIÓ – Meus filhos, eu sou o Missionário Josimar de Jesus, em viagem por estas bandas. Sabem onde posso descansar por esta noite?

CEGO#1 – Aqui mesmo, padre. Contanto que nos faça um favor... Case estes filhos de Deus.

PADRE/RIPIÓ – Casar? É simples, meus filhos. Ajoelhem. Deusorum olharum por estesorum filhorum que querem casorum e abençorum, enquanto é temporum, senão eles vão se amarzorum aí no matorum sem a vossa bençorum. A menina aceita o moço como esposo e promete ser fiel a vida inteira?

241

ROSINHA – Aceito e prometo.

PADRE/RIPIÓ – O rapaz aceita a menina e promete amá-la sempre, a vida inteira?

ZILEU – Aceito e prometo.

PADRE/RIPIÓ – Eu te casorum em nome do amorzorum e deixorum eu ir emborum logorum, an-

tes que descobrорum que eu não sou padrorum.
Pronto, meus filhos.

ZILEU – Quanto é, seu padre?

PADRE/RIPIÓ – Qualquer coisa serve, é pra Deus mesmo.

ZILEU – É tudo o que tenho.

Padre pega, embolsa e sai.

CEGO#2 – Na zona norte é meu lugar de procurar tesouro.

242 CEGO#3 – Não sei porque eu também moro deste lado.

Começa uma gritaria generalizada. Cada qual quer uma parte da terra, que só cessa quando uma luz vermelha da aurora invade a cena.

CEGO#1 – O que é isso?

ROSINHA – É nada, é só o dia que está nascendo. O sol vem vindo.

MULHER – O sol é aquele calor que dana a gente.

CEGO#2 – Que faz o corpo deitar água no cansaço da lida.

CEGO#3 – Que bate na testa, faz gotejar e cair de queimado.

CEGO#1 – Agora é diferente. É esta luz bem-vinda que alumia nossa visão.

Os camponeses cantam baixo a canção final:
Canção Final.

CAMPONESES – (*cantam*)

Quem é seu Ripió?

O seu Ripió quem é?

Já foi padre, foi ceguinho

Foi homem já foi muié

Quem é seu Ripió

O seu Ripió quem é?

Foi juiz já foi soldado

Foi jagunço e coroné

Quem é seu Ripió

O seu Ripió quem é?

Foi de antes e de agora

E será de sempre até

Quem é seu Ripió

O seu Ripió quem é?

É o grito do menino

É o amor de uma muié

É o canto do caboclo
É um gole de café
Quem é?

É um beijo uma trapaça
Uma vontade de viver
É um gole de cachaça
É criança a nascer

CONTADOR – Seu Ripió é bem como se fosse
Alguém que só vivesse
Uma vida vivida grande
É como se alguém juntasse
De cada homem de bem
Os pontos de sua vida
Os mais melhores e belos
O melhor do mais melhor
De cada homem de bem
Seu Ripió é todos
E também não é ninguém.
Assim é seu Ripió
Ripió assim que é.

CENA 19 FINAL

CONTADOR – E assim chegam ao final
Estas aventuradas e lendagens.

Se perguntam se encontraram o tesouro,
Posso dizer que procuraram muito,

Cavaram a terra e a revolveram.
Nada estava.

Então, plantaram e assim foi indo
Até que ninguém mais se importava com
o tesouro...
Existem tesouros e tesouros.
A terra, os homens irmanados são tesouros...

Isto eu sei pois sou assim como Ripió,
Que dizia assim:

Eu me fiz ser como semente de paineira
Estalo no alto, e me mando a voar.
Largo um voo no vento, até dar no chão.

245

Aí viro plantinha, paineira pequena.
Quando a paineira ganha tamanho,
Disposta a dar lenha
Ou paina ou sombra ou flor,
Subo do chão, me estalo no ar
E me mando de novo a voar.

De vez em quando dá um só. Então parto
E são gente e estórias de gente.
Paro, conto.

São uns fatos que, de passagem,
Se vê, se ouve, se guarda,
Depois se junta tudo.

Mais uma bossa, um jeitão de recontar
E são os causos, estórias, lendagens.

Todos cantam a *Canção de Retirada*.

TODOS – (*cantam*)

Retirada laiá, retirada

Acabou a nossa função

Retirada laiá, retirada

Acabou a nossa função

Acabou a nossa função, oilerê

E também nossa satisfação

Acabou a nossa função, oilerê

E também nossa satisfação

246

Agora vamos embora

Por outro caminho qualquer

Adeus, adeus, senhores

Adeus, adeus, senhoras

Amanhã tornaremos a voltar.

Finis

Farsa com Cangaceiro, Truco e Padre

Farsa com Cangaceiro, Truco e Padre (Xandú Quaresma)

Original de Chico de Assis

Personagens:

Mestre Xandú Quaresma

Cabo

Aparecida

Delegado

Tia

Padre

Cabra

Deodoro, o Marechal

Virgulino, o Cangaceiro Lampião

Antonio, o Conselheiro

Padre Cícero

O Diabo

Nossa Senhora

A Falsa Filha do Cangaceiro

São Sebastião da Encruzilhada

Cenários:

Encruzilhada da Capelinha de São Sebastião da
Serra Baixa

Pracinha e Cadeia

Sacristia

A ação se passa ali por mil novecentos e poucos,
em uma cidadezinha qualquer do Brasil.

CENA 1 ENCRUZILHADA DE SÃO SEBASTIÃO

A primeira cena se passa na encruzilhada onde está um nicho abrigando uma imagem de São Sebastião em tamanho natural. É o padroeiro da cidadezinha. Ao abrir a cena vem chegando Mestre Xandú, com uma braçada de flores e vassoura, escova, balde de água, panos, etc. Vem cantarolando e para na frente da imagem, depositando os trens no chão.

XANDÚ – Bom dia, meu santo, vamos se aprontando que é o dia de banho semanal.

(Retira a imagem do nicho) Pois não é, meu santinho, meu compadre, que esta amizade já vai indo pra dois anos? Na hora do pega pra capá, vê se não vai se esquecer do amigo. Esse trabalhinho conta, num conta?... Afinal, é uma exploração. Eu devia ser uma espécie de hóspede da Prefeitura nestes dois anos. Já contei porque foi? Já contei, não contei? Pois foi por causa do cavalo que vendi ao vigário.

A negócio bom. Nunca ninguém comprou um cavalo tão barato.

XANDÚ – O vigário comprou, montou e sai o cavalo; foi dando em frente, seguindo até bater com a cara numa árvore. O padre botou a boca no mundo que nem deu tempo de eu seguir minha viagem. Um escândalo. Injustiça. Disse que eu ti-

nha vendido um cavalo cego e lesado à paróquia. Verdade verdade, aqui entre nós, que o santo sabe tudo, não quero dar na mentira que é pecado: a visão do cavalo perfeita, perfeita, não era não. Enxergar no escuro, não enxergava.

XANDÚ – Mas quem é que quer um cavalo com vidência perfeítíssima? Num vai ser relojoeiro, nem escrivão. Um cavalo é pra montar e bem montado, nem que num enxergue nada a gente leva ele certo. Pois eu então não vim cinquenta léguas no cavalo depois dito cego? Inda se eu tivesse vendido um cavalo manco a um padre cego, era crime. Mas um cavalo cego a um padre manco é bem outra coisa, e meu santo há de convir que dois anos é pena puxada por tal azar da sorte.

XANDÚ – Depois, eu disse ao padre que era só botar óculos no bicho que virava perfeição. Pois o tal animal já tinha usado óculos muito tempo, mas quebrou. Não fosse o cavalo ter morrido de velhice um mês depois, eu botava um óculos nele, pra ver como o bicho enxergava até no escuro.

XANDÚ – Aqui entre nós, o padre rouba no jogo, não vá comentar aí em cima, que é desdouro pro santo vigário. Mas que ele rouba, rouba. É um tal de espadilha rolando na manga daquela

batina que num acaba mais. Santo homem, é seu único pecado... Esse e a cachaça... Coisa pouca, sabe como é... Mas não diga nada aí em cima, senão é capaz de mandarem o padre pro inferno invés do purgatório, que disso ele não escapa...

XANDÚ – Mas deixa pra lá, que falta só um mês e eu fico em liberdade, e vou correr mundo que é minha felicidade. Num diga nada da espadilha na manga da batina do vigário, viu? Coisa de padre manco. Só dá mancada. Vamos voltar pra casinha...

(coloca a imagem de volta no nicho)

Chega o Cabo.

252

CABO – Oh desinfeliz... ainda nessa limpeza! Já disse que hoje era pra ir depressa que o delegado novo deve chegar pra tomar posse e a cadeia está um chiqueiro.

XANDÚ – Tá vendo, meu santo... Ah, cabo da molesta, acostumou a posar de delegado.

CABO – Vai se virando, vai...

XANDÚ – Tá por um mês... Daí acaba o criado de graça.

CABO – Devia se dar por feliz. Pensa que é em qualquer cadeia que tem hora pra sair? Aí

mesmo em Santa Rita, preso só sai uma vez por semana e, em Muzambinho, só sai pra varrer a rua e volta. Vê se preso de Taquaral joga truco na cadeia com o vigário e o cabo e o delegado.

XANDÚ – Pois aqui, jogo truco em má companhia e mais que obrigado. Por minha vontade, procurava pra jogar truco umas pessoas; que não querendo acusar ninguém; não vou dizer o nome, mas tira espadilhas da manga da batina.

CABO – O padre trapaceia?

XANDÚ – Não quis acusar ninguém, se você adivinhou, guarde pra si. Não quero me meter em complicações com o padre, que apesar de manco é meu amigo.

CABO – É mais uma história sua, Xandú.

XANDÚ – É mais uma história sua, Xandú... O que é que há com minhas histórias... Eu vivi a vida, meu filho, tenho o que contar. Se você e o padre pensam que não é verdade, a culpa não é minha. Mas é que, a gente nunca saiu de São Sebastião da Serra Baixa, não pode mesmo dar fé com os extraordinários da vida. E sei que se eu disser que o São Sebastião aí fala comigo, já sei que ninguém vai acreditar, por isso mesmo num abro a boca sobre tal acontecimento.

CABO – E o São Sebastião fala com você, Xandú?

XANDÚ – Fala não... Imagine se esta imagem vai se dignar a falar com alguém como este aqui, tão humilde. Preso, ainda por cima... Imagine se este São Sebastião ia até me contar coisas que ninguém sabe. Conta de jeito nenhum. É possível que na semana passada ele tivesse me dito que a cria do vigário, a Aparecida...

CABO – O que é que tem ela?

254

XANDÚ – O que é que tem ela, o que? O santo não disse nada não. Imagine um santo de tal porte dar conversa a um mentiroso como eu, que vive inventando cousas. É mais uma história minha. Onde é mesmo aquela murada da descida das pedra?...

CABO – O que é que tem a murada?

XANDÚ – Imagine se o santo me contou que naquela murada. Contou não, Seu Cabo, nem ia contar que era quase que falar mal da menina Aparecida, que foi criada pelo santo vigário desta paróquia. Mesmo que São Sebastião tivesse visto tinha calado, isso eu posso garantir. E se tivesse que falar, só falava pra outro santo ou então pra uma pessoa quase santa. Mas eu não sou nem santo, nem quase santo... Sou preso até o fim do mês. Contou nada, não.

CABO – Ainda bem, Seu Xandú, ainda bem...

XANDÚ – Olha só, falou no diabo, apareceu o rabo... Olha só, quem vem lá: o vigário mais a Aparecida.

CABO – Ai, meu Deus.

XANDÚ – Está amarelo, cabo... Vá desamarelar... Bom dia, Seu Vigário... Bom dia, menina... Estamos aqui a enfeitar o São Sebastião um pouco, né...

PADRE – Muito bem, meus filhos... Como é, já chegou o novo delegado?

CABO – Até agora não tinha chegado... Talvez na jardineira das dez.

PADRE – Estou ansioso para conhecer o novo delegado... Será que ele?...

CABO – Vai ver...

XANDÚ – Mas claro que sim, ora essa!

PADRE – Tenho até rezado, Deus me perdoe, para que sim...

XANDÚ – Aproveita e reza um pouco por mim, que sempre estou precisando, padre.

Ainda outro dia, no caminho daqui topei com uma onça.

PADRE – Onça por aqui, meu filhinho?

XANDÚ – Onça, Seu Padre. Mas eu sei lidar com onça. Não sei se eu já contei o causo..

CABO – De onça de sela? Contou sim, Seu Xandú, não precisa se cansar de contar de novo.

XANDÚ – Pois é, mas essa que eu topei era das grandes, Seu Padre. Pra lá de umas cinquenta arrobas...

256 PADRE – Cinquenta, meu filho?...

XANDÚ – Cinquenta é muito... Olha, tinha mais ou menos vinte e seis arrobas, por aí...

CABO – Vinte e seis arrobas ainda é muito.

XANDÚ – Se é muito, fica por dez, e por menos não posso fazer que onde é que já se viu uma onça de pra mais de quatro metros com menos de dez arrobas?...

PADRE – Quatro metros, meu filho?...

XANDÚ – Quatro metros de frente e de lado... De comprido, tinha uns dez.

CABO – É muito... Eta Xandú contador de loretta... Mentir não é pecado, padre?

PADRE – Enorme, meu filho...

XANDÚ – E roubar, Seu Padre?

PADRE – Pior, meu filho. Um pecado horrível.

XANDÚ – Mesmo que seja numa porcariazinha de um joguinho de truco, a tostão a queda?

PADRE – Olha aqui, Seu Cabo. Chegando o novo delegado, diz que logo passo na cadeia para ter uma conversa com ele. Vamos, Aparecida.

257

APARECIDA – Vou só arrumar umas flores na imagem de São Sebastião.

PADRE – Vou indo... Olhem lá que talvez hoje à noite mesmo, a gente ferre.

CABO – É pois.

XANDÚ – Na manga... lazarento.

APARECIDA – *(rezando alto)* Meu São Sebastião, fazei com que o jasmineiro da ladeira das pedras esteja florido ali pelas cinco da tarde. *(desaparece)*

XANDÚ – Tá vendo, São Tião? Olha aí só.

CABO – Se você abrir a boca, eu te capô, sô.

XANDÚ – Abro não, eu fecho, sô... Miserável.

CABO – O quê?

XANDÚ – Falei como vai a senhora sua tia, sarou do antraz?

CABO – Está melhor.

XANDÚ – Fala pra ela fazer emplastro de fumo de rolo com bosta de galinha, que é um tiro.

CABO – Falo...

258

XANDÚ – Coma um pouco que é bom.

CABO – Que foi?

XANDÚ – Caridosa, vaca...

CABO – O que foi?

XANDÚ – Deus a proteja, e mais São Sebastião. E faça com que ela morra depressa.

CABO – Morrer quem?

XANDÚ – Falei que quando ela morrer, ela vai direitinha.

CABO – Sim, pro céu!

XANDÚ – Justamente, pro fundo do céu, nos quintos dos céu, nas nuvens que a partam.

CABO – Outro dia, ela se queixou de que você não quis varrer a igreja de tarde.

XANDÚ – Santa criatura, não pode ver a igreja suja que logo vem me procurar: varra aqui, limpe ali; qualquer dia eu sacudo a vassoura no rabo dela.

CABO – Ouvi mal?

XANDÚ – Não posso olhar a vassoura que lembro dela e de sua santa limpeza.

259

CABO – Vamos indo... Toca você pra cadeia, que eu vou dar um giro.

XANDÚ – Tá certo, seu corno.

CABO – Hein?

XANDÚ – Se o senhor quer, eu torno...

CABO – Se o delegado chegar, você recebe...

XANDÚ – E faço a sua caveira, seu corno..

CABO – Toca logo pra lá, seu moleque

CENA 2 PRAÇA E CADEIA

Entra o delegado, com malas, suado, cansado. Olha em volta. À direita está o prédio da cadeia. Ele entra na cadeia. Olha, vê a cela aberta, olha dentro da gaveta: armas largadas, baralho, cachaça, etc. Logo sai. Vem a tia do Cabo e governanta do padre.

DELEGADO – Bom dia, minha senhora.

TIA – Mais ou menos umas dez horas, olha a altura do sol.

260 DELEGADO – Não tem ninguém na cadeia.

TIA – Tem cidade até mais feia do que essa. O senhor, quem é?

DELEGADO – O novo delegado.

TIA – Honório Delgado... Muito prazer. Semíramis da Silva Freitas.

DELEGADO – A senhora não escuta bem?

TIA – Não senhor, aqui é a cadeia, o prefeito mora no bairro do Borba.

DELEGADO – Estou bem arrumado...

TIA – Não senhor, não está abandonado. O Cabo e Seu Xandú devem ter saído um pouco.

DELEGADO – Menos mal, que pergunto uma me responde outra.

TIA – Seu Honório Delgado, o que veio fazer em nossa cidade?

DELEGADO – Sou o novo delegado.

TIA – Eu sei, já ouvi, pensa que eu sou surda? Honório Delgado. Mas eu perguntei o que veio fazer na cidade?

DELEGADO – (*grita*) Sou o novo delegado.

261

TIA – Ah, estúpido. Não sabe fazer outra coisa que gritar seu nome. Pergunto o que vem fazer em nossa cidade.

DELEGADO – (*berrando*) Sou o novo delegado.

TIA – Está maluco, rapazinho... Pensa que eu não entendi, Honório Delgado.

DELEGADO – (*desistindo*) Está certo, minha senhora, sou Honório Delgado.

TIA – Ah, é o novo delegado. Muito prazer, meu filho, nós estávamos esperando por estes dias. Então, é Honório Delgado, o novo delegado.

DELEGADO – Sou... que alívio. Onde estão os responsáveis pela cadeia?

TIA – Já disse que tem cidade mais feia.

DELEGADO – Nunca vi cidade mais feia...

TIA – Devem ter ido até à encruzilhada de São Sebastião e logo voltam. Olha, lá vem vindo o Seu Xandú; cuidado com ele, é o maior vagabundo e loroteiro da cidade.

Bem, eu vou indo. Até mais, Seu Honório.

DELEGADO – Até.

262

XANDÚ – (*sorrindo*) Como vai essa cabeça de coco, velha cretina.

TIA – Passar bem, Seu Xandú, e amanhã à tarde limpeza geral na igreja...

XANDÚ – Deus lhe dê a pior hora de morte.

TIA – Sorte tem o senhor... Fosse em Santa Isabel ou Pedra Viva...

Xandú entra na Cadeia e o delegado o segue.

DELEGADO – (*entrando*) Então, é costume deixar a cadeia abandonada?

XANDÚ – Costume do cabo, sim senhor. É um muito desleixado e surdo que nem a tia, que é mal de família. Pelo que vejo o senhor é o novo delegado.

DELEGADO – Eu mesmo, e o senhor?

XANDÚ – Xandú Quaresma, seu criado e servidor... Então, o senhor vem de onde?

DELEGADO – Do Rio. Me formei há um ano.

XANDÚ – Muito bem, muito bem, cuidado com essa botija que é minha e muito preciosa.

DELEGADO – Que botija?

263

XANDÚ – Essa aí... Parece qualquer uma, mas é daquelas feitas pelo Tinoco Papaterra. Aposto que o senhor conhece já, não é, o Papaterra. O Famoso.

DELEGADO – Não conheço, não senhor.

XANDÚ – Mas não é possível, pois ele esteve muito tempo na capital. Tinoco Papaterra, o senhor conheceu e não lembra... O senhor, olhando de qualquer lado da botijinha, bem parece dessas comuns, feitas no torno e secadas ao sol. Pois parece, mas não é. Esta é de Tinoco Papaterra.

DELEGADO – O que é que a botija tem de diferença?

XANDÚ – Mas então o senhor não sabe?

DELEGADO – Não sei, não insista.

XANDÚ – O Papaterra não faz botija com o torno, não.

DELEGADO – Faz como?

XANDÚ – Fazendo. (*mexe as sobranceiras*)

DELEGADO – Fazendo como?

264 XANDÚ – É pois... Ele não se chama Papaterra de família, não. Ele papa terra ali no duro. Pois é...

DELEGADO – Pois é o que?

XANDÚ – Papaterra toma um pouco d'água, descansa um pouquinho e passadas umas três horas, faz uma moringa ou botija, conforme o gosto.

DELEGADO – O senhor está querendo brincar comigo.

XANDÚ – Queria ver o senhor morto, duro aí no chão, se estou brincando. Essa mesma eu vi fazer... Tem gente que diz que ele faz mais de vinte por hora. Essa é uma mentira danada... faz

só uma, de três em três horas... Por isso que é uma careza que só vendo... Se o senhor quiser ficar com esta... Eu tenho duas.

DELEGADO – Eu gostaria de saber quem é o senhor e por que tem suas coisas aqui na cadeia.

XANDÚ – Eu sou Xandú Quaresma.

DELEGADO – E que faz na cadeia?

XANDÚ – Vivo aqui, ora!

DELEGADO – Vive como?

XANDÚ – Mal como um corno, se é que o senhor pergunta. Queria ter uma cama, em vez de esteira. Há quase dois anos que eu durmo em esteira.

265

DELEGADO – Não estou entendendo... Por que o senhor mora aqui?

XANDÚ – Onde é que ia morar, então?

DELEGADO – Olha aqui: o negócio mudou, viu?! O senhor faça já a sua trouxa, arrume as suas coisas que a cadeia não é lugar de se morar. Dou quinze minutos para o senhor arrumar seus trens e sumir.

XANDÚ – Mas Seu Delegado...

DELEGADO – Nem mais, nem menos. Fora daqui! Vou limpar esta porcaria. Morar na cadeia, onde já se viu... Vamos lá, e tome lá sua botija. *(pega com a ponta dos dedos, com nojo)*

XANDÚ – O senhor é quem manda, doutor.

DELEGADO – Vamos logo...

XANDÚ – *(com a trouxa feita)* Até logo então, doutor. Obrigado. *(cai fora)*

DELEGADO – Passa daqui, sô! Onde já se viu morar na cadeia. Já vi que, por aqui, está tudo errado.

266 Entra o Cabo empurrando Xandú.

CABO – Entra aí, seu desavergonhado!

XANDÚ – Eu juro pela minha mãe que o delegado me mandou embora. Não é verdade, Seu Delegado?

DELEGADO – Então, o senhor é o cabo?

CABO – Sou eu mesmo... Vá para dentro!

DELEGADO – Para dentro coisa nenhuma, ele vai para fora e não me pisa mais aqui.

CABO – Pois não pode, não senhor.

DELEGADO – O senhor está teimando comigo...

CABO – Quem está teimando não sou eu, é o Juiz de Direito da Comarca.

DELEGADO – E que é que tem o Juiz de Direito?

CABO – Pois se ele condenou o Xandú a dois anos de prisão, por falcatrua... e o senhor, já dois meses antes, quer soltar.

DELEGADO – Ah sei, está certo. Isso é uma coisa que está certa, pois então ele tem dois anos... O queeee?! Este é um preso?

XANDÚ – Preso número um e único, às suas ordens. Bem que quis avisar, mas o senhor não deixou.

267

DELEGADO – E desde quando preso anda solto?

CABO – Aqui? Desde sempre...

DELEGADO – Está me deixando maluco. Então, é costume deixar preso sair da cela sozinho e ir passear?

XANDÚ – Passear uma pinoia. Trabalhar. Eu não vejo a hora de cumprir a minha pena e dar o fora daqui. Limpa santo, varre igreja, e a rua, e a cadeia. Se pelo menos prendessem mais gente... Mas aqui é um parado.

DELEGADO – É incrível... Quantas vezes ele sai por semana?

CABO – Sai todo dia... Mas, à noite, vem dormir na cadeia...

DELEGADO – Um verdadeiro hotel.

XANDÚ – Hotel, com essa cama?! Dá uma deitadinha aí, doutor. Olhando, é mole; deitado, é que é uma dureza.

DELEGADO – Isso é o cúmulo.

XANDÚ – É o que eu sempre digo.

268

DELEGADO – Chega!

XANDÚ – Muda a cama?

DELEGADO – Ponha este indivíduo imediatamente na cela.

CABO – Toca, Seu Xandú.

DELEGADO – Tranque a cela.

CABO – Isso já é mais difícil. A fechadura da jaula há mais de três anos que não funciona...

DELEGADO – Dê um jeito.

XANDÚ – Pode deixar que eu não saio.

DELEGADO – É muita gentileza de sua parte.

XANDÚ – Amigo é amigo, né doutor. Eu já fui amigo até de uma onça. Pois é, já tive até uma onça de sela.

CABO – Deixa a lorota pra lá, seu preso.

XANDÚ – Agora é preso, não é, seu... Na outra hora... Saia da cela, Seu Xandú, que a gente está esperando...

CABO – Cale a boca.

269

XANDÚ – Tá calada.

DELEGADO – De hoje em diante, eu quero ver esta cadeia funcionando na forma da lei. Tudo limpo, todo dia. Preso sempre preso.

CABO – Sempre?

DELEGADO – Sempre.

XANDÚ – Eh vidão.

DELEGADO – Que significa este baralho?

CABO – A gente costuma...

DELEGADO – Costumava. *(joga o baralho no lixo)*

Entra Aparecida, trazendo tigela e panela.

APARECIDA – A comida...

DELEGADO – Que comida é essa?

APARECIDA – Do cabo e do Seu Xandú.

DELEGADO – Pode trazer todos os dias comida pra mim também, que eu vou fazer minhas refeições aqui.

APARECIDA – Tá certo, sim senhor... *(arruma a mesa, puxa uns pratos, arruma dois lugares)*

270

DELEGADO – Hoje não ponha o meu lugar pois a comida está medida.

APARECIDA – Eu vou trazer para o senhor daqui a pouco...

Cabo senta-se para comer. Xandú sai da cela.

DELEGADO – O que é isso?

XANDÚ – Nada, só que vou comer.

DELEGADO – Coma na cela. Cabo, leve a comida dele pra cela. Não quero que o senhor ponha o pé fora dessa cela.

XANDÚ – Traga aqui, Seu Cabo!

CABO – Preso da peste.

Entra o padre.

PADRE – Bons dias. O senhor deve ser o novo delegado. Eu sou o padre desta paróquia. Bem-vindo a São Sebastião da Serra Baixa.

DELEGADO – A bênção, padre. Ainda bem que o senhor veio. Nem bem cheguei, já tive milhares de complicações nesta cidade.

PADRE – Tudo se arruma, tudo se arruma.

DELEGADO – Isto aqui é uma cadeia que não é cadeia, padre. O preso sai quando quer, onde já se viu?

PADRE – Ah sim. Pois é... Não é, então?... O senhor me parece muito jovem, doutor.

DELEGADO – Nem tanto, padre...

PADRE – Me diga uma coisa, meu filho... Como era a sua vida na Capital?

DELEGADO – Como a de todo mundo...

PADRE – Claro... Cidade grande, divertimento... O senhor se divertia, não é?

DELEGADO – Às vezes, um pouco, nada de exageros...

PADRE – Um bailezinho...

DELEGADO – Às vezes.

PADRE – Uma bebidinha...

DELEGADO – Isso não, padre...

PADRE – Nem de vez em quando?

DELEGADO – Nem ao menos...

272

PADRE – Vamos lá, confesse ao padre.

DELEGADO – Se o padre quer saber se tenho vícios, posso dizer que fique descansado, não os tenho. Minha vida sempre foi estudar e trabalhar, não tenho família rica, sempre precisei lutar para vencer.

PADRE – Um rapaz exemplar... Mas sempre sobrava um tempinho para as conversas com os amigos... É bom ser sociável.

DELEGADO – Isso sim... Não há pecado nenhum.

PADRE – Pois está falando certo. Não há pecado nenhum... E o senhor, me diga, doutor, o se-

nhor... como direi... apreciava um... como seria... um joguinho?

DELEGADO – Joguinho como?

PADRE – Assim, por exemplo: de cartas.

DELEGADO – Na minha opinião, padre, o jogo é o pior dos vícios. Pois no jogo, o homem adquire todos os outros.

PADRE – Sem dúvida. Isto é, nem tanto. Digo joguinho entre amigos, nada de apostas altíssimas... Coisinha assim de vintém a queda.

DELEGADO – Padre, sempre soube muito bem que o jogo começa a vintém a queda e termina a conto de réis.

273

PADRE – É bem verdade. Quando não se tem, à mesa de jogo, uma cabeça serena, uma vigilância constante, bem pode acontecer... Mas imagine que fosse um jogo simples divertimento, aí então não haveria perigo...

DELEGADO – Há sempre perigo, padre. A religião mesmo diz que devemos evitar a tentação.

PADRE – Sem tentação não há virtude. É muito mais, aos olhos de Deus, um homem que joga a vintém a queda todos os dias e nunca cede à ten-

tação de subir a aposta, do que aquele que nunca joga. Este sim, um dia se afoga no que nunca fez, e sem mérito nenhum...

DELEGADO – Afinal, o jogo não é necessidade da imperiosa para ninguém. Jogar ou não jogar, dá na mesma como na mesma dá.

PADRE – Falou bem, meu filho. Veja aqui, por exemplo, uma terra perdida nos confins do mato... Nada muda, tudo igual... Um joguinho é um divertimento.

274 DELEGADO – Padre, se o senhor está me experimentando para saber de minha moral, pode ter confiança. Sou cristão, não fumo, não bebo, não joga. E, raramente, penso em mulheres: ainda não estou no tempo de me casar.

PADRE – Aqui entre nós, meu filho: você não fuma, não bebe e não joga e não tem namoradas... O que é que você faz, meu filho?

DELEGADO – Trabalho... Estudo...

PADRE – Só?

DELEGADO – Só.

PADRE – O que espera com isso?

DELEGADO – Ser um homem de bem.

PADRE – Quer dizer que alguém que fuma um pouco, bebe um biquinho antes da comida e joga truco de vez em quando, não é uma pessoa de bem?

DELEGADO – Pelo menos, está mais sujeito a tentações do que alguém como eu.

PADRE – As tentações nos dão grandes lições... Veja Santo Agostinho... São Francisco de Assis... Foram santos porque conheciam a vida, quem não conhece não pode saber o que é o pecado.

DELEGADO – Pode ficar descansado, padre. Eu terei um comportamento exemplar aqui nesta cidade. Acho muito louvável seu temor a meu respeito mas, na nossa convivência, o senhor irá ver que me comporto como digo. Sou e sempre quero ser um homem de bem. Por isso, segui esta carreira.

275

PADRE – Aqui nesta região, não se joga muito, não. O único joguinho, é o tal de truco. O senhor conhece?

DELEGADO – O meu pai jogava.

PADRE – E nem por isso deixou de ser homem de bem. Não dizia que o pecado...

DELEGADO – Foi nesse jogo que ele perdeu toda a fortuna da família. Tenho horror a esse jogo em particular.

PADRE – Toda a fortuna?

DELEGADO – Toda, padre.

PADRE – Azar da peste.

DELEGADO – Jogo e azar são sinônimos.

PADRE – Tem certeza que foi no jogo de truco, mesmo. Às vezes, pode ter sido na sueca, que é um jogo parecido. Este sim, é de azar.

276

DELEGADO – Sei muito bem, pois joguei muito truco com meu pai. E era criança ainda.

PADRE – Que coincidência extraordinária... Azar danado.

DELEGADO – Fique descansado, padre. Tenho bons motivos para ter ojeriza ao jogo.

PADRE – E essa, agora.

DELEGADO – O que, padre?...

PADRE – Pois é, meu filho. És um santo homem... Que é que eu vou fazer?

DELEGADO – O senhor vai me desculpar, padre, eu vou até o hotel tomar um banho para almoçar. Seu Cabo, quero esta cadeia arrumada até que volte para comer. Até mais ver, Seu Padre.

PADRE – Apareça na igreja...

Delegado sai.

PADRE – *Cáspite!* Esse talzinho quer ser mais santo que os santos. Logo mando tirar São Sebastião do altar e botamos ele, que dá na mesma... É um pecado tanta virtude.

Orgulho, soberba... E o pai dele, que perdeu tudo no truco! Não era pecador, era burro...

277

CABO – Acabou-se o joguinho...

PADRE – Que saudades do doutor Demerval... Belo parceiro.

XANDÚ – Já terminei de comer, aqui está o prato para lavar.

CABO – Lave você, que aqui ninguém é seu criado.

XANDÚ – Eu, por mim, fazia gosto de lavar, mas é que em não podendo botar nem o pé fora da cela, só se for pelo ar... Toma o prato, Seu Cabo.

CABO – Esse delegado novo, com suas mudanças.

PADRE – Então, o Xandú não sai mais?

XANDÚ – De jeito nenhum.

PADRE – Quem faz a limpeza na igreja?

XANDÚ – Penso que a senhora dona Semíramis.

PADRE – Mas é um absurdo. É a tirania que se aproxima de nossa pacata cidade.

CABO – É o que penso. Se o Xandú nem sai da cela, não varre, não limpa...

278

PADRE – E não joga.

CABO – Isso nem adiantava, que não tem mais parceiro.

PADRE – Vou tentar ensinar truco ao Militão. Talvez aprenda.

CABO – Mas se ele já está com noventa e seis anos, padre. Não aprende mais nada.

PADRE – Tenho é que dar um jeito de convencer este doutorzinho a jogar conosco, ele e sua soberba... Excomungo no sermão de domingo quem não jogar truco ao menos três vezes por semana.

CABO – Só três?

PADRE – É um bom começo... Quem diria que meu problema nesta paróquia, ao invés do pecado, ia ser a virtude. Qual... Este está virado. Por falar em mundo virado...

Você notou que a Aparecida anda diferente?

CABO – Quem, eu? Notei, não; eu nem noto nela...

XANDÚ – Verdade, Seu Padre. Sabe que ela passa na frente aí do cabo, às vezes até esbarra nele, e ele me pergunta: que foi que passou por aqui, Xandú, e me esbarrou?... Eu digo: foi a menina Aparecida. E ele diz: nem vi. Nunca vi uma coisa destas. Além de meio surdo, ele está ficando meio cego. Não vê as pessoas.

279

CABO – Seu Xandú, preso não entra na conversa.

PADRE – Que é isso, meu filho, quer agir como o novo delegado?

XANDÚ – Eu, por mim, estou com o mocinho. Preso é preso. Onde já se viu um preso que se preze estar varrendo rua, limpando igreja. Preso é preso, o próprio nome está dizendo. Pê, rê, ê, pre. Sê, ô, sô. Preso! É o que é. Varredor de rua e limpador de igreja é outra coisa. Aí, estou de acordo.

CABO – Imagine se preso tem que ter melhor vida que um homem honesto, cabo ainda por cima.

PADRE – A mim me parece que mestre Xandú está se aproveitando do tal acontecido para cair no pecado da preguiça.

XANDÚ – Eu, padre? Deus lhe mande um tombo que desmunheque a perna boa se eu estou com preguiça. Então, estes tempos todos, eu não tenho feito o que me obrigam? É bem por outra. Pois se eu sou preso, não posso ser duas coisas ao mesmo tempo. Pois o padre já não ouvir falar do Anastácio Pororóca?

280

CABO – Lá vem lorota.

PADRE – Deixe ele. (*puxa uma cadeira*) Conte, meu filho. Um bom caso nunca se dispensa de ouvir. O Nosso Senhor mesmo falava em forma de parábolas.

XANDÚ – Se o cabo se desagrada, então não acho bom contar, que pode fazer mal. Uma outra hora, que a gente estiver sozinho, eu conto. Aquele é que foi um caso mesmo formidável... Um dia eu conto, se não esquecer, padre.

CABO – Por mim, pode contar agora mesmo. Para quem ouviu tanto caso, um a mais não aperreia.

XANDÚ – Conto não, pode ficar descansado. Vou dormir um pouco.

PADRE – Mestre Xandú. Exijo que conte o causo!

CABO – O padre quer, conte então!

XANDÚ – É uma história muito sem graça, que nem vale a pena.

CABO – Ou conte ou não conte!

XANDÚ – Melhor não...

PADRE – Então não conte!

XANDÚ – Espera aí, padre, vou deixar o senhor agitado, sem ouvir o causo. Uma vez, uma comadre minha estava esperando criança e me pediu para não contar um causo, eu não contei, a criança veio de sete meses. O padre não é bem o mesmo causo, mas sabe a gente o que pode acontecer. Eu conto pra não dar alguma desgraça. Quando eu vivia à tripa forra – era rico, pois meu pai era grande fazendeiro lá pelos lados de Sergipe – tive conhecimento com um tal chamado Anastácio Pororóca, que era amigo de meu pai. Este Anastácio era um homem muito rico e poderoso, mas tinha uma grande infelicidade: quando ele nasceu e foi batizado, quem batizou ele foi um

padre gago, que só falava meias palavras. Pois se então o padre batizou ele com meias palavras e ele ficou só meio batizado.

PADRE – Isso não pode, meu filho.

XANDÚ – Se pode ou não pode eu não quero discutir. Só sei que foi assim a história de Anastácio Pororóca. Já que o padre não acredita, paro por aqui e vou dormir.

PADRE – Então pode! Vá adiante, meu filho. Oh peste!

282

XANDÚ – Pois então, como eu disse, foi assim que se deu. Pode perguntar em Sergipe se não foi verdade: o Anastácio ficou só meio batizado. Logo já menino, enquanto foi crescendo, o meio batismo foi se acomodando no próprio corpo dele. Metade do corpo dele, a metade direitinha, era muito boa. A mão direita pedia a bênção ao padre, agradava cachorro, o joelho direito se dobrava na missa, o olho direito via tudo como Deus quer. Era um santo lado. Já o lado canhoto era de amargar. O olho esquerdo olhava só o que não devia, a mão esquerda era um perigo e o joelho esquerdo, na missa, não ia ao banco de jeito algum: pelo contrário, com o perdão do padre, ficava cutucando as moças do banco da frente. Os pés era igual, a mesma coisa.

No domingo, vinha Anastácio no largo da Matriz e, quando passava justo entre a igreja e o bo-tequim, lá ia o pé direito pra igreja e o canhoto pro bar. E nessa luta dos pés, ficava o Anastácio rolando no chão que nem um possesso.

PADRE – Ele ia à igreja, afinal...

XANDÚ – Carregado. Pegavam o tal nas costas e puxavam à força pra dentro da igreja, onde lado direito se portava com respeito. Depois, largavam ele e os amigos gaiatos carregavam ele pro bar, onde o lado esquerdo se regalava.

CABO – Essa está demais.

283

XANDÚ – Pois era o que todo mundo achava. Demais que fosse de tal maneira. Assim passou a vida inteira o Pororóca. Quando ficou velho, lá estava ele: a mão direita a dar esmolas e agradar crianças, e a esquerda a dar relho nos criados, e o pé a chutar até a mãe dele.

CABO – Pois ele, velho assim, ainda tinha mãe viva?

XANDÚ – Oh cabra burro. É um jeito de falar. “Até na mãe dele” quer dizer que em todo mundo. Vou falar bem explicadinho, viu padre, que alguns não entendem se a gente não bota ali no certo... Pois um dia, como tinha que ser,

Anastácio Pororóca bateu as botas... Expirou diante do padre, a mão direita e a esquerda se separaram e ele ficou que nem um crucificado. Sabe o que era?... Pois de um lado, o direito, um anjo puxava pra levar pro céu, e do outro um capeta puxava pra levar pras profundas.

CABO – E quem ganhou?

XANDÚ – Os dois...

PADRE – Os dois, como?

284

XANDÚ – Seu Cabo, quer fazer o favor, mande me esticar um café desse bule.

PADRE – Eu pego... Como foi?

XANDÚ – Frio...

PADRE – Frio como? De que lado?

XANDÚ – O café está uma frieza... Podia me passar um naquinho daquele pão...

CABO – Está aí... E depois?

XANDÚ – Mais nada não, era só café com pão.

PADRE – Conte logo o resto, Seu Xandú.

XANDÚ – Estão querendo mesmo? É uma história, apesar de verdadeira, muito simples, e não agrada ninguém. História boa é do tempo que eu tinha onça de sela.

PADRE – O Anastácio, meu filho. O Pororóca.

XANDÚ – Ah, o Anastácio. Pois é... Naquele puxa que puxa o homem já morto, de repente se ouviram vozes. Uma, muito celestial, que dizia: *solte*; e outra, cavernosa, que retrucava: *não solto*. Solto e não solto, puxa e que puxa, de repente, num zás, naquele momento... em certo instante...

PADRE – Conta.

285

XANDÚ – Espere, padre, que aquele momento foi o principal... Num zás, ali, rrrraaac, rebentou-se pela metade o corpo do Anastácio. E metade voou pela janela, ganhando o céu, e a outra metade mais que depressa se enterrou no chão, a caminho das profundezas. E é por isso que eu digo: se sou preso, não quero ser outra coisa, que acabo que nem o Pororóca, metade gozando o céu, metade queimando no inferno.

CABO – E é verdade, Xandú, essa história?

PADRE – Claro que não, meu filho, são exageros. Alguma coisa podia ser...

XANDÚ – Por isso que não gosto de contar meus causos. Também, foi a última vez.

Nunca mais conto causo, já que preso é preso e não contador de causo.

PADRE – Deixa pra lá, que um causo agrada sempre... Um pouco de verdade sempre tem. No fundo está uma verdade.

CABO – Pois sim...

286

XANDÚ – A gente burra não agrada ouvir esses tratos. Aposto que quando ele vai à missa e, no sermão, o padre diz que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um cabo de polícia ir entrar no reino do céu...

PADRE – Cabo de polícia, não... Um rico, entrar no reino do céu.

XANDÚ – Pois é a mesma coisa... Se ele ouve isso não acredita, e não é história de Seu Xandú não, é do Cristo ali no duro.

CABO – É, pois é, não é? Me desculpe, Seu Xandú, não incomodando, uma perguntinha só.

XANDÚ – Manda.

CABO – E o tal padre gago das meias palavras, que fazia só meios batismos, não continuou batizando mais gente depois do Pororóca?

PADRE – Aí está uma boa pergunta.

XANDÚ – Que tem uma boa resposta. Pois descobriram a coisa e deram solução. Pois em uma vila perto da cidade tinha outro padre gago e de meias palavras. Quando havia batismo, os dois se juntavam e batizavam ao mesmo tempo, e dava tudo certo. E não adianta perguntar mais, que eu já disse que agora sou preso e não contador de causos.

PADRE – Essa dos dois padres gagos, é forte, Xandú.

XANDÚ – E a do Cristo caminhando por riba das águas, também não é? Então, fica uma pela outra, que duvidar que se mele. E não quero conversa, estou aqui matutando o que deve fazer um preso que se preze.

PADRE – Bem, vou para a igreja. De qualquer forma, à noite apareço por aqui.

CABO – Precisamos arrumar um parceiro novo...

PADRE – Se Deus quiser...

CENA 3 SACRISTIA DA IGREJA

APARECIDA – Onde está o aparelho?

TIA – Ahn? Fale mais alto.

APARECIDA – O aparelho.

TIA – Quer um conselho?

APARECIDA – *(faz mímica do aparelho de surdez)*
O aparelho.

TIA – Ah! O aparelho, eu não preciso daquela coisa horrorosa. Estou bem melhor da surdez.

288

APARECIDA – *(vai buscar o aparelho)* Está ouvindo?

TIA – Estou...

APARECIDA – Nós precisamos fazer a limpeza na igreja. O novo delegado não deixa o Mestre Xandú sair da cela.

TIA – Verdade?

APARECIDA – Verdade. Diz que preso tem que ficar preso.

TIA – É um absurdo.

APARECIDA – Mestre Xandú está se regalando de dormir, fumar e tocar viola.

TIA – Que despropósito.

APARECIDA – Nem para comer ele sai da cela. O Arlindo botou uma bacia na cela pra ele lavar o prato em que come. É a única coisa que ele faz.

TIA – Que Arlindo?

APARECIDA – O cabo.

TIA – Que história é essa de Arlindo. Fica mal para uma moça solteira chamar o cabo de polícia pelo nome próprio. Afinal, meu sobrinho é uma autoridade, na falta do delegado ele esteve nas funções.

289

APARECIDA – Pois é, o senhor cabo Arlindo.

TIA – Também não precisa exagerar.

APARECIDA – Sabe, tia. Eu quero muito bem ao primo Arlindo.

TIA – Nada demais, é seu primo de criação.

APARECIDA – Quero muito bem mesmo.

TIA – Contanto que esse querer bem não chegue às vias do pecado.

APARECIDA – O que é pecado, tia?

TIA – Tudo o que é bom, feito sem licença. Sem bênção da igreja, consentimento de Deus.

APARECIDA – O padrinho padre Jeremias também peca?

TIA – É padre não devia, mas tem seus pecadinhos. Nenhum homem é bom.

APARECIDA – Então, ele não vai pro céu.

TIA – Se continua com essa mania de jogo de truco, acaba dando cartas no inferno.

290

APARECIDA – Credo. *(benze-se)*

TIA – Um velho e ainda por cima padre, com vícios de rapaz.

APARECIDA – Ele gosta e não faz mal a ninguém. E sempre é tempo de se arrepender. Ele confessa, reza a contrição, Deus perdoa.

TIA – De um bom purgatório nenhum homem escapa.

APARECIDA – Sabe, tia, eu queria ir sábado até Muzambinho, pra comungar domingo.

TIA – Confessar em Muzambinho, por que? Não tem o padre mesmo em casa?

APARECIDA – É que eu não gosto de confessar com o padrinho. Afinal, ele é como que nem meu pai... A gente sempre tem vergonha.

TIA – A vergonha depende do tamanho dos pecados.

APARECIDA – Não é isso. É que eu já estou moça e não tenho jeito de confessar com o padrinho.

TIA – Então, tem pecados feios que tem medo de contar.

291

APARECIDA – Tenho não, tia... Mas quero confessar sábado em Muzambinho.

TIA – Mau, mau... Não estou gostando nada disto...

APARECIDA – Eu acho justo ter vergonha.

TIA – Por que até agora não havia batido a vergonha?

APARECIDA – Das duas últimas vezes eu confessei em Muzambinho. Foi na festa de Corpus e na do Pentecostes. Acostumei melhor assim. A senhora vai comigo, tia?

TIA – Vou ver se vou. Mas ainda acho melhor que você se confesse com seu padrinho mesmo. Isto está me cheirando a coisa feia.

APARECIDA – Coisa feia?

TIA – Feiíssima... Não quer me contar nada?

APARECIDA – Não tenho nada para contar à senhora, tia.

TIA – Nada mesmo?

APARECIDA – Mesmo.

292 TIA – Mesmo?

APARECIDA – Não sei...

TIA – Você foi criada sem mãe, menina. Quem mais te serve de mãe sou eu mesma, não acha que se tem algum problema deve contar a mim?

APARECIDA – Acho... Isto é... Não sei se eu tenho problema.

TIA – Se tiver, pode me contar, eu te dou um conselho e pronto, já fica tudo mais fácil.

APARECIDA – Sabe, tia... Eu acho que não vou ficar solteira sempre.

TIA – Eu também acho. Uma menina bonita e viçosa como você deve se casar, ter muitos filhos. Crescei e multiplicai-vos, a lei do Senhor.

APARECIDA – A senhora acha que eu cresço mais do que esta altura a que cheguei?

TIA – Sei lá, a gente cresce até os vinte anos. Às vezes, até mais.

APARECIDA – Quer dizer que primeiro é preciso crescer e depois, então, multiplicar?

TIA – Pois é...

293

APARECIDA – Quer dizer, então, que se a gente multiplicar antes de crescer é um pecado daqueles?

TIA – Sei lá... O que sei é que a multiplicação depende de um casamento cristão.

APARECIDA – Um bom casamento cristão... A senhora acha que eu já podia casar?

TIA – Você ainda é muito criança, minha filha... Só tem dezoito anos.

APARECIDA – Primeiro crescer, depois um bom casamento cristão e, enfim, multiplicar.

TIA – Isso mesmo. Gente honrada e temente a Deus é assim...

APARECIDA – Tia, sábado a senhora me leva em Muzambinho, para confessar, por favor?

TIA – Vou falar com seu padrinho. Se ele deixar, eu levo.

APARECIDA – (*abraçando a tia*) Obrigada, titia. A senhora é um anjo.

TIA – Se ele deixar... Não se esqueça... E aí vem ele, saia que eu pergunto agora mesmo.

294

APARECIDA – Vou levar a comida na cadeia.

TIA – Diga ao novo delegado que eu mandei dizer que é um absurdo a gente ter que sustentar Seu Xandú sem fazer nada na cadeia.

Aparecida sai.

Entra o padre.

TIA – Boa-tarde, padre.

PADRE – Boa-tarde...

TIA – A bênção...

PADRE – Deus te abençoe.

TIA – Como está tudo?

PADRE – Tudo virado. Este novo delegado é um problema.

TIA – É um viciado?

PADRE – Não.

TIA – Mal-educado?

PADRE – Não.

TIA – Mau-caráter?

295

PADRE – Coisa nenhuma. É um modelo de virtude.

TIA – Então, não vejo onde está o problema. O outro, o Demerval, sim, era um problema. Bêbado, mulherengo e jogador...

PADRE – Ah, o Demerval...

TIA – Que é que o senhor queria? Um igual a ele?

PADRE – Eu já estava acostumado... Olhe que ele melhorou muito com a convivência.

Quando partiu, eu havia mostrado a ele o caminho do céu.

TIA – E ele, em troca, mostrou ao senhor o caminho do inferno.

PADRE – *Vade retro!* Eu te perdoo a blasfêmia. Infeliz.

TIA – O padre está contrariado porque o novo delegado é um rapaz virtuoso. Aposto que não bebe, não fuma nem joga.

PADRE – Nem nada. Um tipo muito pouco humano. Isso é pecado de soberba. Pecar, o homem peca... Está no mundo, não no céu. E pois é... Soberba... Atrevimento querer ser santo... Já se foi longe o tempo dos santos... Era um mundo diferente.

296

Havia oportunidades... Martírios... Hoje em dia, todo mundo é cristão... Uma virtude a mais ou a menos.

TIA – Herético.

PADRE – Te perdoo. Só eu sei que, quanto mais gente humana fui ficando, mais fui entendendo Deus. E os homens. Você não entende disso.

TIA – Blasfemo.

PADRE – Surda.

TIA – Apóstata.

PADRE – Beata burra, que pensa que o Senhor se comove com o inchaço dos seus joelhos: ele tem o que fazer. Um mundo tão grande, tanta coisa acontecendo e os joelhos machucados da senhora Semíramis.

TIA – Imoral!

PADRE – Te excomungo e a todas aquelas velhas que vêm viver a vida na casa de Deus, ao invés de viver a vida na casa de seus homens. Andam todos maltratados por aí.

Hipócritas.

297

TIA – Está perdido.

PADRE – Tenho horror a dia de procissão... As velhas vêm ajudar. Deus me perdoe, isso não tem nada a ver com a religião.

TIA – Está caduco...

PADRE – Estamos... Eu te perdoo, tu me perdoas, e acabamos com a discussão.

TIA – Como sempre...

PADRE – Somos boa gente. Pacífica.

TIA – Mansa.

PADRE – Cordeiros de Deus.

TIA – Tirai os pecados do mundo.

PADRE – Só uma dúvida permanece.

TIA – Qual?

PADRE – Quem vai fazer a limpeza na igreja, já que o senhor doutor novo delegado não quer deixar o nosso bom Mestre Xandú sair da cela, nem para as mais preciosas necessidades.

298 TIA – Aí também concordo com ser virtude em demasia.

PADRE – O pecado da soberba.

TIA – Ele não sabe que sempre foi assim?

PADRE – Sabe e não concorda. Quer cumprir a lei no bico da pena. Ah, se eu fizesse o mesmo. Fechava a igreja.

TIA – É jovem ainda... É isso.

PADRE – Contra o truco... O soberbo. Um joguinho inocente.

TIA – Pois é.

PADRE – Pois é mesmo... Tenho que dar um jeito nesse moço.

TIA – Ele precisa soltar o pobre do Xandú de vez em quando. É desumano prender assim, o tempo todo.

PADRE – Aparecida vai levar a comida?

TIA – Foi...

PADRE – Você não acha que a Aparecida anda meio mudada?... Eu andei reparando.

TIA – Pois é... Também acho... Sabe, ela me pediu para arrumar com você para irmos no sábado até Muzambinho. Ela quer confessar.

PADRE – É natural... Está ficando mocinha... Tem vergonha... Eu, afinal, sou como um pai... Criei ela desde nenezinha.... Dezoito anos... Semíramis, domingo agora não é dia de São Sebastião?

TIA – É certo... Festa...

PADRE – É aniversário da Aparecida... Dezoito anos atrás... Encontrei ela berrando, enroladinha num pano, junto à estátua de São Sebastião da Encruzilhada. Tinham jogado um bilhete na

igreja, dizendo que estava lá. O pai pedia que cuidasse dela, que não tinha mãe, e ele era um pobre miserável.

TIA – E você acha que criou ela bem?

PADRE – E não?... Ela não é igual, é até melhor que as outras moças da idade dela...

Séria, trabalhadora, virtuosa... Tenho orgulho dela...

TIA – Logo ela casa...

PADRE – Pois é... O que é? Ela disse alguma coisa disso?

300

TIA – Disse nada, não. Disse só que quer ir sábado a Muzambinho, se confessar.

PADRE – Pois que vão. No domingo, é aniversário dela, é bom que ela confesse.

TIA – E a limpeza da igreja?

PADRE – Vou tratar com o delegado. Com um tipo como aquele, a gente tem que ser fino...

TIA – Espero que você o convença primeiro a soltar o Xandú para limpar a igreja e, depois, para o joguinho de truco.

PADRE – Que truço? Ele é contra o truço. Soberba. Vamos lá...

CENA 4 CADEIA: JOGO DE TRUÇO.

Cabo varre a cadeia. Delegado escreve. Xandú dorme, roncando.

CABO – *(espetando Xandú com a vassoura)* Olha o barulho! O doutor está escrevendo.

XANDÚ – Mais respeito com os presos.

CABO – Te dou o respeito.

XANDÚ – Ponha-se no seu lugar, que me ponho no meu. 301

DELEGADO – Vamos parar com essa conversa. Cabo, eu já não disse para não conversar com o preso?

CABO – Com todo o respeito, doutor, mas acho uma injustiça eu limpar a cadeia e ele, ali na viola.

DELEGADO – Faça o que deve e deixe o preso em paz.

XANDÚ – É como eu digo, em paz.

DELEGADO – Cale a boca.

XANDÚ – Está calada.

DELEGADO – Nem mais uma palavra.

XANDÚ – Nem mesmo uma. É o certo.

DELEGADO – Cale-se.

XANDÚ – Estou mudo.

DELEGADO – O senhor está brincando comigo.

XANDÚ – Eu?... O senhor está enganado comigo. Lhe tenho o maior respeito. Estava até pensando em lhe dar uma botija do Papaterra.

302

DELEGADO – Muito obrigado, fique com ela.

XANDÚ – Pois fico, se ela é minha mesmo. Primeira vez que vejo alguém renegar uma botija do Papaterra, e mais que de graça.

DELEGADO – Se o senhor continuar a falar, eu agravo a sua pena em mais um ano.

XANDÚ – Siiiiuuuuuu.

Entra o padre.

PADRE – Bom-dia, doutor.

DELEGADO – Bom-dia, padre.

PADRE – Mais ou menos bom... Como é, já arrumou tudo por aqui?

DELEGADO – Pouco a pouco a gente vai botando tudo nos eixos.

PADRE – Pois é... Como vai, Mestre Xandú?

DELEGADO – Padre, o senhor me desculpe, mas eu achava melhor que o senhor não conversasse com o preso.

PADRE – Desculpe, meu filho. Mas não faço mais do que a obrigação: assistir os desesperados.

303

DELEGADO – Então, o senhor me desculpe, mas vou marcar dia e hora certos para a assistência aos desesperados.

PADRE – O desespero não tem hora, meu filho.

DELEGADO – Mas uma repartição do governo, sim.

PADRE – Posso falar com o preso?

DELEGADO – Por hoje, pode. Seja breve.

PADRE – Serei. (*acerca-se de Xandú*)

XANDÚ – Bom-dia, padre.

PADRE – Bom-dia, meu filho... Vim para lhe trazer a assistência espiritual.

XANDÚ – Obrigado, padre.

PADRE – Sei que o meu filho está sofrendo muito, aí trancado.

XANDÚ – De jeito nenhum, padre. Está bom que só a peste. Uma calma.

304

PADRE – Por um ou dois dias, o meu filhinho vai achar bom. Mas daqui a uns dez dias, sem fazer nada aí dentro...

XANDÚ – Está aí uma coisa que não tinha pensado, padre.

PADRE – Se arrependa, meu filho.

XANDÚ – Este delegado novo é uma dureza.

PADRE – É, precisa dar um jeito na situação. Atente bem a isto, meu filho.

Quebrantárem durezórurum doutorzórurum. Vamos pensar, vamos pensar.

XANDÚ – Talvez, se a gente molhasse o bicórurum dele...

PADRE – Como, meu filho?

XANDÚ – Sei lá. Domingo é dia de São Sebastião, podemos começar hoje a festejar.

PADRE – Não é que você me deu uma ideia, meu filho. Tem cachaça aí?

XANDÚ – *(puxa a botija)* A última botija... Toma cuidado, que é...

PADRE – Já sei... Do Papaterra.

XANDÚ – Pois é... Estou vendendo.

PADRE – Obrigado, meu filho. Doutor delegado, não sei se o senhor sabe que domingo é a festa do padroeiro da cidade.

305

DELEGADO – Não sabia.

PADRE – Pois é... A gente costuma aqui... É de tradição... Na quinta-feira que precede, de brindar o santo padroeiro... Que Deus me perdoe... Não é, Seu Cabo?

CABO – O quê?

DELEGADO – Não é???

CABO – O que o senhor queria, padre?

DELEGADO – Pois então?

PADRE – Eu trouxe aqui uma aguardente da região. Muito leve. Para que o senhor, e eu, e o cabo, e o preso possamos cumprir a tradição.

DELEGADO – Já disse ao senhor que não bebo, padre.

PADRE – Nem eu... É apenas para cumprir a tradição.

XANDÚ – Lembra, padre, o outro delegado não quis cumprir a tradição e o povo ojerizou. Ninguém falou com ele nos três anos que estava aqui.

306

PADRE – Isso mesmo... Foi assim, o senhor sabe, o povo quer respeito...

DELEGADO – Está certo... Um golinho só.

PADRE – Então, vamos lá. Em homenagem do glorioso São Sebastião da Encruzilhada.

DELEGADO – Seja. *(bebe)*

PADRE – Agora, a segunda parte. Saudamos a pátria.

DELEGADO – À pátria

PADRE – A terceira parte... A família.

DELEGADO – À família... E chega, que esta caça está forte demais para mim.

PADRE – Meu filho, sem a quarta parte é como se não fosse nada. Saudamos as autoridades policiais.

DELEGADO – Obrigado. *(bebe)*

PADRE – E agora...

DELEGADO – Agora, eu faço um brinde ao padre e a sua paróquia.

PADRE – Menos mal...

307

XANDÚ – Aos presos da paróquia...

TODOS – À saúde.

PADRE – Ao antigo delegado, que era um homem de bem.

XANDÚ – Ao novo delegado, que acha que preso é preso.

CABO – A Apar... papapraraprarrrrr...

PADRE – É pois, então...

Seguem-se os brindes. Vê-se que o novo delegado mostra-se muito à vontade: tira o paletó, abraça o padre e o cabo.

DELEGADO – Vamos tirar esse infeliz aí da cadeia, pra festejar também. Sai daí...

XANDÚ – Muito obrigado, estou bem aqui mesmo. Que preso é preso, e não festeiro.

PADRE – Sai daí, Xandú... Olha a saidinha de quando em vez.

XANDÚ – Fico muito comovido, mas não estou querendo sair não...

308

DELEGADO – Sai daí, rapaz, eu estou mandando... Oh preso mais insubordinado... Te tacho pra fora, hein, rapaz... Já sei que o senhor está apavorado, padre. Pois está aí.

Não adianta fingir. Vou confessar. A gente se confessa ao padre, não é?

PADRE – É claro, meu filho. Toma mais uma aí.

DELEGADO – Eu adoro uma cachacinha e, desde que cheguei a este fim de mundo, que não consigo achar jeito de tomar uma... Sei que o senhor vai me dar um sermão, pois outro dia me preveniu tanto a respeito da cachaça, do jogo...

PADRE – E o jogo, meu filho... Também joga?

DELEGADO – Sou maluco por um truco bem gritado... Aquela história do meu pai, foi pagaiada, só para impressionar... Sabe como é, afinal, eu sou a autoridade...

PADRE – Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

CABO – Amém.

PADRE – Me dá um abraço, meu filho... Que alívio.

DELEGADO – Qual é a minha penitência pelas mentiras, padre?

309

PADRE – Primeiro, um joguinho de truco por noite... Segundo: soltar o Xandú para trabalhar...

DELEGADO – Quanto ao truco, eu concordo... Mas a soltar o preso, já é contra a lei...

XANDÚ – Aí, batuta... Cumpre a lei no duro, preso é preso.

PADRE – E se Mestre Xandú sair com escolta?

DELEGADO – Daí talvez pensaremos em uma solução.

XANDÚ – Estava durando muito minha flauta. Inda bem que está por um mês só.

DELEGADO – Padre, depois desta nossa conversa, eu me sinto bem melhor.

PADRE – Eu também, meu filho... E que tal um truquinho, pra sentir a nova parceria.

DELEGADO – Pois não é que eu estava mesmo pensando... Agora me lembro, joguei o baralho no lixo.

PADRE – *(tirando baralho do bolso da batina)*
Não seja por isso.

310

Sentam-se os três.

PADRE – Ah, é verdade... Evidentemente, o outro parceiro é Mestre Xandú.

DELEGADO – É um problema.

CABO – Se ele sair para jogar truco e não sair pra trabalhar é injusto.

XANDÚ – Não quero nem jogar truco, nem nada. Preso é preso, e está acabado. Eu rebusquei, pensei e achei que preso tem que ficar fechado, parado, pensando no mal que fez...

Que é pra quando sair da cadeia não voltar mais. Muito obrigado, mas não estou com vontade nenhuma de jogar...

PADRE – Xandú, meu filho, que ingratidão... Então, você que tentou me vender um cavalo cego... Por quinhentos mil réis...

XANDÚ – Cego uma pinoia, de vista fraca... Não enxergava à noite.

PADRE – Eu que consegui que o delegado deixasse você sair da cadeia quando quisesse. Agora você me faz uma coisa desta...

311

XANDÚ – Tá certo, padre, não quero bancar o mal-agradecido. Aceito, com uma combinação: todo o trabalho que eu tiver que fazer, o cabo faz junto.

CABO – Epa...

XANDÚ – E se dê por feliz, Seu Cabo, por eu não larilará da ladeira das pedras.

CABO – Tá certo...

XANDÚ – Tem mais... A igreja, só limpo junto com a tia Semíramis.

PADRE – Está acertado.

DELEGADO – Pode sair, preso....

Formam a mesa de truco. Padre cochicha com delegado, combina tática e sinais. Todos se sentam.

PADRE – Tostão a queda... Pouquinho, só para não ser de graça.

DELEGADO – É bom...

XANDÚ – Ah meu dinheirinho. Olha na manga, cabo.

312

O padre dá as cartas. Primeira mão: jogam as cartas, padre faz sinais. Segunda mão: Xandú truca.

XANDÚ – É truco... Sapiquá de lazarento, reboque de igreja velha...

PADRE – Tu bate comigo no chão, eu bato contigo no bucho: retruco de três!

XANDÚ – Leva.

PADRE – Ah, lá em casa, filho de burro não cria asa.

CABO – E vai meu rei, o meu Pedro II.

XANDÚ – *(enquanto embaralham)* Não venha com rei, que aqui somos todos republicanos... Não é, padre?

PADRE – Pois é...

DELEGADO – A república é o nosso patrão.

XANDÚ – Ainda mais comigo, esta história de reis... Ainda não contei de que maneira eu me meti na república. Conte já, padre?

CABO – Contou não, e é hora de jogo...

PADRE – Deixa ele contar, o nosso novo delegado ainda não conhece os causos de Mestre Xandú.

313

XANDÚ – Até eu não sabia se contava este da república ou outro, mais recente, de certo dia na ladeira das pedras...

CABO – Conta o da república, mano Xandú.

XANDÚ – Se o cabo, que não gosta de causo, pede, então eu conto. Não sei se o padre já sabe, mas eu já fui militar. Era ainda menino e estava servindo ao império. Bom soldado que fui cheguei a ser ordenança do Marechal Deodoro. Bom homem estava lá. Apenas um pouco indeciso. Certa feita, estava eu no quartel com o Deodoro quando...

CENA 5 MARECHAL DEODORO

Xandú sai de lado. Entra Deodoro.

XANDÚ – Soldado trezentos e quarenta e seis,
Xandú Quaresma, ordenança de vossuria.
Às ordens.

DEODORO – À vontade, Xandú, à vontade...
Xandú, meu caro, estou em papos de aranha...
Esta noite num pude conciliar o sono.

XANDÚ – Que é isso, Deodoro, você precisa
descansar...

314 DEODORO – Xandú, meu velho... Bem que eu
queria, mas estes republicanos não me dão mais
trégua... Olhe só os jornais... Veja o Benjamim,
o Almeida Prado, estão com a França na cabeça.

XANDÚ – Deodoro, meu velho, se você quer um
conselho... Eu vou dar...

DEODORO – Fale Xandú, estou precisando.

XANDÚ – Não tem por onde... Mande arrear seu
cavalo e proclame a república.

CENA 6 VOLTA AO TRUCO

XANDÚ – E foi assim que a república foi procla-
mada. Na verdade, não foi mérito meu porque,

mais cedo ou mais tarde, o Deodoro, que era um homem inteligente, dava acerto na solução.

DELEGADO – Então, foi o senhor quem aconselhou o Deodoro a proclamar a república?

XANDÚ – É, não foi outro, não... Mas depois, passados alguns anos, eu me amolei com a república... Senti saudades do rei... Foi justamente quando andei junto com o Maciel.

PADRE – Que Maciel?

XANDÚ – O Antonio Mendes... O Conselheiro.

DELEGADO – Então, você conheceu o Conselheiro?

315

XANDÚ – Se conheci? Então quem é que dava conselhos ao Conselheiro?

CENA 7 ANTONIO CONSELHEIRO

Xandú se afasta. Entra o Conselheiro.

XANDÚ – Termina com isso, Maciel... Termina com isso.

CONSELHEIRO – Já venci as duas primeiras expedições do governo... Vou até o fim.

XANDÚ – Venceu porque eu te disse como.

CONSELHEIRO – Isso é verdade, e agora vem a terceira, a maior, preciso dos teus conselhos.

XANDÚ – Só posso lhe repetir o que disse antes: o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão. E se você seguir meu conselho, entre em um acordo com a república, senão você vai se dar mal.

CONSELHEIRO – Está me aconselhando a voltar atrás?

XANDÚ – É isso mesmo, e eu já vou, que já sei que você é teimoso. Depois, não diga que eu não avisei...

316

XANDÚ – Xandú, volte, Xandú... O mar vai virar sertão e o sertão vai virar mar.

CENA 8 VOLTA AO TRUCO

XANDÚ – Pois foi assim que o Conselheiro foi derrotado. Coitado, morreu chamando meu nome... Enfim, era um rebelde, teve o fim que merecia... A gente viveu bastante... Mas o principal da minha vida não foi nada disso. O principal foi quando servi de julgador para uma contenda entre o Padinho Padre Cícero e Lampião...

Pois foi ainda não faz quatro anos, estava eu...

CENA 9 LAMPIÃO E PADRE CÍCERO

Lampião e Padre Cícero, os dois armados, de cara feia.

PADRE CÍCERO – Tu não vai atacar Pedra Bonita, Virgulino... Ou vai me encontrar lá.

LAMPIÃO – Meu padinho Padre Cícero, com todo o respeito que tenho, não trate de me impedir, que vou em vingança da morte de um cabra meu.

PADRE CÍCERO – Faça o que quiser, só sabe que, chegando lá, me encontra pela frente...

LAMPIÃO – Meu padinho, não queria terminar nossa amizade... Um de nós vai pro céu...

PADRE CÍCERO – E o outro pro inferno, é assim mesmo que vai ser.

LAMPIÃO – Então, nem precisa ser lá, a gente tira a diferença agora.

PADRE CÍCERO – Como quiser, que estou com Deus...

LAMPIÃO – É pra já o desencarne...

PADRE CÍCERO – Já ou daqui a pouco...

Os dois se preparam. Entra Xandú.

XANDÚ – Que é isso? Não é possível... Botem as armas pra baixo. Já!

PADRE CÍCERO – Pois é o que você está vendo, Mestre Xandú.

LAMPIÃO – Saia da frente, Mestre Xandú. Tenho muito respeito pelo senhor, mas a nossa questão é a última.

PADRE CÍCERO – Isso mesmo, saia da frente, Xandú, que pode sair ferido sem ter nada com o caso.

318

XANDÚ – Sem ter nada com o caso... Virgulino! Quem foi que te ensinou a atirar, meu mano?

LAMPIÃO – Nenhum outro que Xandú Quaresma...

XANDÚ – E tu, Cicinho, não lembra quando vinha me perguntar: Mestre Xandú, quantas são as pessoas da Santíssima Trindade?

PADRE CÍCERO – E eu dizia que eram três: o padre, o filho, o espírito santo.

XANDÚ – Bom menino... Sabia que terminava brabo e fazendo milagre. E tu, Virgulino, me envergonho de ver brigando com o Cicinho.

LAMPIÃO – Se é tu quem pede...

PADRE CÍCERO – Pedido de Xandú é ordem.

XANDÚ – Vamos nós três tomar uma talagada e terminar com essa briga de criança.

CENA 10 VOLTA AO TRUCO

XANDÚ – E foi assim que resolvi o caso entre o Padinho Cícero e meu padrinho Lampião.

PADRE – Está vendo, doutor, são os casos do Mestre Xandú.

DELEGADO – Espera aí, Mestre Xandú... Se estamos agora em mil novecentos e trinta, o senhor, na proclamação da república, tinha quantos anos?

319

XANDÚ – Menti a idade na vontade de ser soldado...

CABO – Quer dizer que Mestre Xandú tem mais de quarenta anos... Não parece...

XANDÚ – Pois se eu não contei que bebi da fonte do Cura-Tudo, e remocei?

PADRE – Essa é nova...

XANDÚ – Mas essa fica pra outro dia... Como também quero contar a história da onça de sela

para o doutor... É, já tive uma onça de sela... Aliás, tive um bode de sela também... Mas bode já é mais comum. Outro dia, com calma, eu conto...

CENA 11 SACRISTIA: APARECIDA GRÁVIDA

Tia arruma. Entra Aparecida.

TIA – Que foi, menina? Está com uma cara tão pálida?

APARECIDA – Ah, minha tia. (*abraça-a*) Uma coisa terrível aconteceu...

TIA – O que foi?

320

APARECIDA – Estou desesperada...

TIA – Conte, menina. Você me mata de susto.

APARECIDA – Aconteceu...

TIA – Aconteceu o quê?

APARECIDA – O multiplicai-vos antes do crescer-vos e de um bom casamento cristão...

Tia desmaia. Entra o padre.

PADRE – O que foi, minha filha... Que aconteceu com ela...

APARECIDA – Quando ela acordar ela conta...
Adeus padrinho, até nunca mais.

PADRE – Adeus como? O quê?... Semíramis!!!
Aparecida, minha filha!!!

TIA – Onde está ela?

PADRE – Saiu correndo, disse adeus!!!

TIA – Oh, aconteceu...

PADRE – O que aconteceu? Pelo amor de Deus!

TIA – O multiplicai-vos antes do cresci-vos e de
um bom casamento cristão...

321

PADRE – Não entendi coisa alguma.

TIA – Aparecida está...

PADRE – Está?...

TIA – Esperando um filho...

PADRE – Miserável...

TIA – Quem?

PADRE – Seja quem for...

CENA 12 CADEIA

PADRE – Uma semana sem notícias dela...

TIA – Tenho medo que ela faça uma loucura...

PADRE – Outra é demais... Ela que volte, a gente perdoa...

DELEGADO – Minhas investigações estão como *ab initio*...

PADRE – Muito latim e pouca procura.

322 DELEGADO – Onde ela poderia estar... Eu não conheço a região.

XANDÚ – Convém dragar o rio... Sabe como é? Capaz...

PADRE – Em nome de Deus, deixa de ser agourento.

TIA – Se a gente encontrasse o miserável culpado, talvez fosse mais fácil.

PADRE – Quem seria?

Entra o cabo.

CABO – Quem teria sido o canalha? Será que o cabo não tem nenhuma suspeita de quem teria sido?

CABO – Juro pela minha mãe que eu não suspeito de ninguém.

XANDÚ – Vamos lá, cabo, nem uma suspeitazinha de nada.

CABO – Eu juro que não sei de ninguém. Penso que deve ter sido um tropeiro ou viajante de passagem.

TIA – É bem capaz.

PADRE – Oh, a vileza do ser humano!

CABO – Sabe... Tem um tipo muito estranho vagando pela cidade. Parece um bandido, um cangaceiro... Vi ele rondando a igreja...

323

DELEGADO – É um suspeito... Prenda e traga ele aqui.

CABO – É pra já... Onde será que ele foi se esconder?

TIA – Pobre menina.

Quando o cabo vai sair, dá de cara com o cabra.

CABRA – Depois se é bom dia...

CABO – É este o tal que estava na igreja.

CABRA – Tal pode ser teu pai. Eu tenho nome: Adijalma Matias, cognominado "o chegador".

DELEGADO – O que o senhor está querendo em São Sebastião?

CABRA – Vim à procura do cura... Trazer um mandado.

PADRE – Sou eu mesmo. O que é que traz?

CABRA – Uma carta de meu chefe. Está aqui. Está entregue. Adeus...

CABO – Vamos deixar ele ir embora?

DELEGADO – Prende esse homem.

324 CABRA – (*morre de rir, puxa a peixeira, dá cutucada em todo mundo, sai*) Ele logo virá, tenham respeito. (*some*)

PADRE – Que será esta carta?... Será que diz do paradeiro de Aparecida?

TIA – Leia logo...

PADRE – De algum lugar do sertão... vinte e sete de junho de mil e novecentos e trinta e oito... Reverendíssimo Vigário de São Sebastião da Serra Baixa. Há dezoito anos atrás, deixei um recado na sua igreja para que fosse recolher uma criança que larguei aos pés da estátua de São Sebastião da Encruzilhada. Era minha

filha. Minha mulher tinha morrido e fiquei sem poder criar a menina. Deixei em suas mãos por ter sabido ser o vigário um homem humano e de grande bondade. Sabia que ela seria criada dentro da lei e dos sentimentos cristãos. Certo de que ela está bem cuidada, volto ao depois de tanto tempo pra rever minha filha e abraçá-la... Virgulino – Lampião... P.S.: Chegarei na madrugada do dia quatro. Não temam, vou em missão de paz.

CABO – Ah, minha nossa senhora do bom parto... O Lampião, o próprio.

DELEGADO – Estamos perdidos...

325

TIA – Primeiro mulheres e crianças.

PADRE – Esta é a minha provação.

CABO – O Lampião, o próprio Virgulino. Estamos perdidos. Minha mãe santíssima.

TIA – Creio em Deus padre...

PADRE – Ave Maria, cheia de graça.

DELEGADO – Salve rainha, mãe de misericórdia.

CABO – Santificado seja o vosso nome... Mestre Xandú!... Mestre Xandú é amigo do Lampião!

XANDÚ – Ah, tenha a santa paciência, contei causo até mais não poder e o senhor nunca me acreditou, Seu Cabo. Agora, que virou bagunça, deu crédito em tudo de uma vez.

CABO – Mas você disse que era amigo dele, não disse?

XANDÚ – Disse que era... Era... Não sou mais... Há algum tempo tivemos uma briga...

PADRE – Um amigo é sempre um amigo...

DELEGADO – Fala com ele, Mestre Xandú... Fala com ele.

326

XANDÚ – Pois se ora veja o que o cagaço trans-torna nos viventes. Nunca me acreditam e agora: por favor Mestre Xandú, pelo amor de Deus.

PADRE – Xandú, meu filho, és a nossa última esperança.

TIA – A única esperança.

XANDÚ – A velha surda acha que sou a única esperança... Vá varrer a rua, surda, vá já... Você aí, cabo, varra minha cela.

CABO – É pra já... Mestre Xandú, a esperança de São Sebastião da Serra Baixa.

XANDÚ – Pra dizer a verdade, eu não sei o que vai dar isso, não. Mas, já que sou a única esperança porque sou amigo do Virgulino – coisa que aqui ninguém duvida...

DELEGADO – Amigo do Deodoro e do Conselheiro.

XANDÚ – Pois é, já que sou amigo de todo mundo, neste caso não me meto.

PADRE – Não faça isso, meu filho.

CABO – Eu me mato.

XANDÚ – Na ladeira das pedras, não é, seu rebotalho. Deixa pra lá...

327

DELEGADO – A república convoca seus serviços.

XANDÚ – Já disse que rompi com a república, há muitos anos. Mas se é para o bem do povo e felicidade geral da nação, diga ao povo que falo com Virgulino.

CABO – Graças a Deus.

PADRE – Bravos, meu filho.

DELEGADO – A república, penhorada, agradece.

TIA – Em nome das mulheres de Serra Baixa...

XANDÚ – Já mandei a senhora varrer a rua, não ouviu, sua surda... Pode deixar, falo com ele, é meu amigo... Mas quero ficar desde já em liberdade.

DELEGADO – Está em liberdade... E vou mandar providenciar uma cama em seu quarto.

XANDÚ – Pois não é que a jaula virou quarto... Me tratem bem, seus cretinos, menos o senhor padre... Que não é cretino... Mas o mais importante é continuar procurando Aparecida. Cabo.

CABO – Pronto, sua excelência.

328

XANDÚ – Cagão. Vá procurar a menina Aparecida e, se não aparecer com ela dentro do prazo marcado, entrego sua figura a meu amigo Virgulino.

CABO – Vou logo, acho de qualquer jeito.

XANDÚ – Vai, crápula... Você também, Seu Delegado de meia pataca... Toca a procurar a menina. Eu e o padre vamos discutir o assunto enquanto almoçamos.

PADRE – Vamos, Mestre Xandú.

XANDÚ – Oh padre, não fica bem me chaleirar...
Dominus vobiscum.

PADRE – *Et cum spiritu tuo.*

XANDÚ – Está afiado, hein, menino.

TIA – O que será de nós... Todas as donzelas serão violadas.

XANDÚ – Violada eu vou te dar na cabeça, velha, se tu não for correndo varrer a rua.

TIA – Vou convocar as mulheres da cidade e vamos todas procurar Aparecida.

XANDÚ – E se não achar todas varrendo a rua, entrego tudo pro Virgulino, que quem manda na cidade sou eu agora.

329

PADRE – Meu filho, cuidado com o exagero.

XANDÚ – Então não falo com o meu amigo Virgulino coisa nenhuma.

PADRE – Eu estava só falando. O que importa eu falar ou não falar, dá na mesma.

XANDÚ – *Dominus vobiscum.*

PADRE – *Et cum spirito tuo.*

XANDÚ – Da outra vez estava melhorzinho.

PADRE – Treinando, eu vou ficando bom.

XANDÚ – Que é que o delegado está fazendo ali?

DELEGADO – Fazendo minha mala.

XANDÚ – Se o senhor pensa que vai dar o fora daqui está muito enganado. É ou não é a autoridade? Medo, todos nós temos, que o caso não é de brincadeira. Até eu estou com medo, imagine se o Virgulino me desconhece. Principalmente se souber o que aconteceu com a Aparecida. É capaz de perder as estribeiras e matar até a mim, que sou seu amigo. Mas se eu vou, vai todo o mundo junto, ninguém sai da caçarola.

330

DELEGADO – Eu tenho mãe...

XANDÚ – E tu pensas que o restante aqui é filho de Chocadeira? Todo mundo tem mãe.

Só tenho minhas dúvidas desta velha surda, que parece que brotou de um faxeiro...

PADRE – Calma, o mais importante é conservar a calma.

XANDÚ – Vamos lá a esperar o dia marcado. Mas, antes disso, temos que encontrar a Aparecida.

PADRE – Se encontramos Aparecida tudo fica bem.

XANDÚ – Bom qual nada... Que ela está prenhe e este é outro problema.

PADRE – Quem teria sido?

XANDÚ – Isso, pode deixar também por minha conta que na hora precisa eu encontro o culpado.

CENA 13 SACRISTIA. NOITE ANTERIOR À CHEGADA DO CANGACEIRO

XANDÚ – Mandei chamar todo mundo aqui para verificar como está nossa procura, que já amanhã é o dia do juízo final. Pois chega na madrugada o Lampião.

331

CABO – O seu amigo Virgulino.

XANDÚ – Encontrou algum sinal da Aparecida desaparecida, seu canalha?

CABO – Encontrei não senhor. Mas ela aparece.

XANDÚ – Aparece, não é?

PADRE – Se, pelo menos, ela voltasse.

TIA – É o fim.

XANDÚ – Varreu a rua, com as corocas todas, velha surda?

TIA – Estivemos procurando Aparecida.

DELEGADO – Neste momento de desespero geral, queria, em nome da república, depositar toda a confiança...

XANDÚ – Já sei, em mim... Tem direito de falar, porque, afinal, me comprou a botija do Papaterra por cinquenta mil réis.

DELEGADO – O Papaterra, o famoso...

XANDÚ – Sabe como é, não é no torno.

DELEGADO – Pois é, ele faz fazendo.

332

XANDÚ – Oh felicidade. Nunca ninguém me deu tanto crédito.

PADRE – Seja tudo o que Deus quiser. E o Seu Xandú arrumar.

XANDÚ – Muito bem, agora quero dizer que amanhã chega o Virgulino. Vão tremer em casa, seus danados. E amanhã de manhã todo mundo na sacristia, aí em frente à praça, pra receber o Virgulino. Se alguém fugir, eu boto a culpa do sumiço da menina e o Virgulino vai até o inferno procurar.

CABO – Ah, minha Nossa Senhora do Bom Parto.

XANDÚ – Bom parto, você vai ver é que te parto a cara se não te encontro amanhã esperando o Virgulino. A sorte está lançada. *Dominus vobiscum.*

PADRE – *Et cum spiritu tuo.*

CENA 14 NA ENCRUZILHADA, COM LAMPIÃO

Madrugada na encruzilhada da estátua de São Sebastião. Ouvem-se passos. Logo aparece, imponente, o Virgulino, armado até às gengivas. Para em frente à imagem e se ajoelha. Poético.

VIRGULINO – Dezoito anos são passados, desde o dia em que aqui, aos pés da imagem de São Sebastião, deixei minha filha. Naquele tempo, pobre lavrador corrido depois da matança de minha família. Hoje, retorno para rever minha única filha. O sentimento paterno animou o coração do cangaceiro... Por vezes já mandei espiar, e tive notícia de que estava muito bem cuidada pelo vigário. Logo estarei abraçando aquela que é o sangue do meu sangue e a carne da minha carne. Agradeço a vós, meu São Sebastião, pela proteção que deste a minha filha.

SÃO SEBASTIÃO – Não tem o que agradecer a mim, meu filho... Mas sim ao vigário, que tomou conta dela.

VIRGULINO – Céus. Milagre. O santo falou comigo.

SÃO SEBASTIÃO – Falei sim, meu filho... Falei porque foste um bom pai e voltaste para encontrar tua filha.

VIRGULINO – Deus seja louvado.

SÃO SEBASTIÃO – Louvado seja.

VIRGULINO – Bendito.

SÃO SEBASTIÃO – Louvado seja.

VIRGULINO – Louvado seja.

334

SÃO SEBASTIÃO – Amém... Escute, meu filho. Ao chegar a esta cidade encontrarás muitas pessoas. Quero que me faça uma vontade santa.

VIRGULINO – Todas, meu santo.

SÃO SEBASTIÃO – Encontrarás nesta cidade um bom homem, de nome Xandú Quaresma, que é meu protegido. Quero que trates este santo homem como se fosse teu próprio irmão. Pois, se alguma coisa acontecer, só ele poderá te dar ajuda.

VIRGULINO – E Xandú Quaresma é meu irmão?

SÃO SEBASTIÃO – Trata-o assim e ele compreenderá. Ele se apresentará como velho amigo teu. Trata-o como velho amigo, com muita amizade e intimidade.

VIRGULINO – Se o santo pede... Farei como se sempre tivesse conhecido Xandú Quaresma, meu amigo e meu irmão...

SÃO SEBASTIÃO – Agora vai, meu filho, com a minha bênção. Não digas a ninguém de nosso encontro.

VIRGULINO – Assim será... Mandarei rezar minhas missas pelo santo.

335

SÃO SEBASTIÃO – Vai, meu filhinho, vai...

Virgulino beija o pé do santo e se vai.

CENA 15 NA ENCRUZILHADA, COM O PADRE

Após a saída de Virgulino, a imagem do santo sai do nicho. Ouve-se um barulho e a imagem retorna ao nicho. Padre chega desesperado.

PADRE – *(ajoelha-se)* Meu São Sebastião, santo de minha devoção. Perdoa este ministro de Deus na terra, que não teve competência de criar uma moça e que agora enfrenta a pior hora de morte nas mãos de um terrível cangaceiro.

SÃO SEBASTIÃO – Estás perdoado, meu filho.

PADRE – Quem falou?

SÃO SEBASTIÃO – Eu, meu filho... São Sebastião.

PADRE – Hosana... Milagre...

SÃO SEBASTIÃO – Há muito tempo queria te falar... És um bom padre, mas tens teus pecados.

PADRE – *(bate no peito)* Minha culpa, *mea culpa, mea maxima culpa.*

336

SÃO SEBASTIÃO – Talvez, o pior de todos seja o roubo, meu filho.

PADRE – O roubo, São Sebastião?

SÃO SEBASTIÃO – Sim, o roubo. Pequeno, mas diário... Falo do jogo de truco, meu filho.

PADRE – *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa.*

SÃO SEBASTIÃO – Isso não se faz... Perdoo-te, contanto que não tornes mais a roubar.

PADRE – *Mea culpa.*

SÃO SEBASTIÃO – Vai, meu filho. E confia no santo homem que resolverá tudo.

PADRE – Que homem?

SÃO SEBASTIÃO – Quem podia ser? O meu eleito e favorito: Xandú Quaresma. O que foi amigo de Deodoro, de Conselheiro, do Padre Cícero etc. etc. etc...

PADRE – Tudo, então, vai dar certo?

SÃO SEBASTIÃO – Tudo, meu filho. Confie em meu amigo Xandú. Não diga a ninguém que eu falei a você, é um segredo entre nós.

PADRE – Amém... Adeus, e me proteja, meu santo.

337

SÃO SEBASTIÃO – Vai, meu filho...

O Padre sai.

CENA 16 NA ENCRUZILHADA, COM O CABO

A imagem do santo sai novamente do nicho. Ouvem-se passos, ele volta para o nicho. Entra o cabo, desesperado.

CABO – Me dê a extrema-unção, meu São Sebastião.

SÃO SEBASTIÃO – Canalha.

CABO – Quem falou?

SÃO SEBASTIÃO – Eu.

CABO – Eu, quem?

SÃO SEBASTIÃO – São Sebastião.

CABO – Então o santo já sabe?

SÃO SEBASTIÃO – Desde o início.

CABO – Eu caso-me com ela, se ela voltar.

SÃO SEBASTIÃO – Eu já sabia, tinha até comentado com meu amigo Xandú Quaresma.

338

CABO – Então, era verdade?

SÃO SEBASTIÃO – Do que presenciei na ladeira das pedras? Verdadíssima.

CABO – Perdão e extrema-unção, que eu não escapo...

SÃO SEBASTIÃO – Se você casa com ela está muito bom, mas terá que encontrá-la.

CABO – O santo não pode me indicar?

SÃO SEBASTIÃO – Poderia... Poderia facilmente... Mas é que aí estraga o mérito de sua procura... Vá, meu filho, e, com a ajuda de meu protegido Xandú, encontre Aparecida.

CABO – Eu tenho medo.

SÃO SEBASTIÃO – Não tenhas medo, que tudo terminará bem.

CABO – Estou mais confortado... Adeus, meu santo.

SÃO SEBASTIÃO – Não conte a ninguém que esteve comigo... É um segredo entre nós. Pode contar só a Xandú Quaresma, que para ele não tenho segredos.

O cabo se vai. São Sebastião sai do nicho, veste a roupa de Xandú e coloca a imagem do santo no nicho.

339

CENA 17 PRAÇA E CADEIA

Virgulino está só.

VIRGULINO – Oh diacho. Eu então não avisei que queria que me esperassem? (*dá vários tiros para o ar*)

Logo, um por um, todos vão saindo das tocas.

VIRGULINO – Oi lá, que estava todo mundo acordado. Cadê o Xandú, que é com ele que falo primeiro. (*todos batem palmas*) Onde está Xandú Quaresma, meu amigo e meu irmão, que quero ver mesmo antes que minha própria filha.

Todos chamam Xandú. Logo, num canto da praça, aparece Xandú.

XANDÚ – Meu amigo, meu irmão Virgulino, o Lampião! Chegue aqui pra um abraço e um aperto de mão.

VIRGULINO – Como está, depois de tanto tempo, meu parente?

XANDÚ – Assim, assim. Na bênção de São Sebastião.

VIRGULINO – Na bênção de São Sebastião, irmão. Onde está minha filha, que deixei com o padre.

340 XANDÚ – O padre está ali... Agora, quanto à sua filha, meu amigo, como só hoje eu soube de sua chegada através de um nosso amigo comum, mandei a menina comprar umas roupas e vestidos novos, para recebê-lo condignamente, como me foi contado por nosso grande amigo comum.

VIRGULINO – Se foi o Xandú que fez, está benfeito.

XANDÚ – Quero apresentar aqui os amigos. Este é o padre Jeremias, que cuidou todo esse tempo de sua filha.

VIRGULINO – Que os céus o bendigam, padre. Se precisar sumir algum herege, é só dizer a direção dele que o tal some. Some, padre.

PADRE – Não tive culpa... Aliás, obrigado...

XANDÚ – Este é o delegado da cidade. Boa gente, embora do governo.

VIRGULINO – Como tem passado?...

XANDÚ – Este é o cabo Arlindo. Um dos melhores amigos de sua filha. Não é, Seu Cabo?

CABO – Amicíssimo...

VIRGULINO – Em Cabriopó matei um cabo muito parecido com você.

Cabo desmaia.

341

VIRGULINO – Eta frouxo... Macaco frouxo... Esta velha aí?

TIA – Eu sou a tia.

VIRGULINO – Que é que faz com essa corneta no ouvido?

XANDÚ – É surda como uma porta... Ela gosta muito de ver faca de cangaceiro, mostra a sua a ela, eu te peço.

Virgulino tira a arma e mostra. A tia desmaia.

VIRGULINO – Tá todo mundo caindo... Quando vem minha filha?...

XANDÚ – Logo mais... Logo mais, meu amigo, meu irmão. Você fica hospedado comigo na cadeia.

VIRGULINO – Na cadeia?

XANDÚ – Na cadeia. Não gostou?... Eu faço já uma queixa a São Sebastião.

VIRGULINO – Não, pode deixar. Se fica comigo, é lugar honrado.

XANDÚ – O mais honrado... Pois se é a cadeia.

342

Lampião descansa na Cadeia. Entra Xandú.

XANDÚ – Oh Virgulino... Está dormindo... E a menina que não aparece. Só tem um jeito de salvar a situação. (*rouba os óculos de Lampião*)

CENA 18 PRAÇA

Dia seguinte. Na praça, Lampião e toda a gente, menos Xandú. Vem o cabo.

CABO – Seu Excelentíssimo Virgulino!... Vem aí a sua filha querida.

Todos batem palmas. Gritos de alegria.

VIRGULINO – Onde diacho foram parar meus óculos, que sem eles não enxergo nada, ou quase nada?

CABO – Aí está sua filha querida.

Entra uma mulher magra, com a cara igualzinha à do cangaceiro, inclusive com chapéu igual.

VIRGULINO – Minha filha.

FILHA – Papai.

VIRGULINO – Minha filha.

FILHA – Papai.

343

VIRGULINO – Minha filha.

FILHA – Enfim reunidos...

VIRGULINO – Dezoito anos de separação. Me dê um beijo.

FILHA – Essa é que é forte.

VIRGULINO – Me dê um beijo...

FILHA – É que eu fiz uma promessa, que se chegasse a encontrar meu pai, nunca o beijaria. Uma promessa que fiz a São Sebastião.

VIRGULINO – Pois eu respeito. Dê cá um abraço.

FILHA – Um abraço vá lá...

VIRGULINO – É o dia mais feliz da minha vida.
Onde está meu irmão Xandú Quaresma?

FILHA – Foi ali, já volta já.

VIRGULINO – Se alguém encontrou meus óculos
é preciso que devolva, que assim não posso ver
minha filha.

CABO – Eu vou procurar.

344 FILHA – Arlindo, meu primo.

CABO – O que foi?

FILHA – Já conhece meu pai?

CABO – Já tive o prazer ontem.

VIRGULINO – Em Cabriobó matei um cabo que
tinha a voz igual à tua.

CABO – Pois é... (*desmaia*)

VIRGULINO – Onde ele foi? Cade ele, sumiu?

FILHA – Ele é muito rápido.

VIRGULINO – Não quero ir embora antes de resolver os problemas de minha filhinha. Vou dar a ela cem contos de dote, mas quero que ela case ainda antes de eu ir embora.

FILHA – Eu ainda não estou na idade, meu pai.

VIRGULINO – Casei com sua mãe quando ela tinha treze anos de idade. Você já tem dezoito... Com quem é que você quer casar?

FILHA – Não tenho preferência... Ainda sou muito menina, papaizinho.

VIRGULINO – Então, escolho eu... Ora, para casar com minha filha precisa ser uma pessoa importante, o mais importante.

345

FILHA – A mais importante é o padre.

VIRGULINO – Ah, sim, o padre. Não, o padre não pode. Depois, há de vir aqui o nosso amigo delegado...

DELEGADO – Eu?...

VIRGULINO – O senhor mesmo... E olhe que são cem contos de dote, mais a honra de casar com minha filha que, sendo meu genro, não morre assim com facilidade.

DELEGADO – Eu?...

VIRGULINO – Nem eu nem mais nada. Padre! Onde está o padre? Quero que faça o casamento agora mesmo, e na minha frente.

PADRE – (*à filha*) Eu não posso.

FILHA – Dá a batina pro cabo.

O padre troca de roupa com o cabo, enquanto se organiza o local. Logo Virgulino dá início à cerimônia, vindo de braços com a filha. O cabo, vestido com a batina, faz o casamento da filha com o delegado.

346

Depois do casamento, chega a tia com Aparecida chorando. O cabo, ainda vestido de padre, corre para ela. Filha abraça Virgulino para que ele não veja o que se passa.

VIRGULINO – Vou ver se encontro meus óculos...

Virgulino sai e, quando volta, Aparecida está de braço dado com o cabo, que tirou a batina e veste o paletó do delegado. Xandú volta.

XANDÚ – Cheguei no fim, mas cheguei a tempo de cumprimentar meu amigo Virgulino pelo casamento de sua filha. Pena que perdi o casamento...

VIRGULINO – Por isso, não. A um amigo como Xandú Quaresma a gente faz tudo. Vamos repetir o casamento!

O padre casa, agora de verdade, o cabo com Aparecida. Festa final.

CENA 19 CADEIA

PADRE – E assim, com o coração pequeno, nos despedimos deste amigo que se vai: querendo que ele ficasse...

DELEGADO – Em nome da república, agradeço a Xandú Quaresma o que fez por nós todos.

347

Aparecida dá um beijo em Xandú. O cabo o abraça.

XANDÚ – Pois é assim que é, um dia chega e a gente tem que partir. Tenho que ir, pois tem muita gente à minha espera por tantos lugares, que nem sei... Quero, antes de ir, doar à municipalidade local esta botija feita... Pelo Tinoco Papaterra... Ele não faz com torno... Ah velha, aponta a corneta para mim... Quem é que vai limpar a igreja?

Em todo o caso, embora surda, é muito boa, assim como todos. Cheguei aqui querendo vender um cavalo cego.

PADRE – Cego, não. De vista fraca. Enxergar no escuro, não enxergava.

XANDÚ – Pois é o que sempre disse. E agora eu vou com uma saudade...

DELEGADO – Vamos deixá-lo sozinho para que arrume suas coisas.

Xandú fica sozinho. Arruma suas coisas. Vai sair e vê um bolo de dinheiro em cima da mesa da cadeia. Segue, volta, para.

348

XANDÚ – Afinal, trabalhei como um burro estes dois anos. Não é tirado, é cobrado. Inda mais que livre a cidade de Lampião.

Pega o dinheiro e embolsa. Vai saindo alegremente quando entram todos.

DELEGADO – Preso por dois anos, por roubo!

TODOS – Viva!

CENA 20 ENCRUZILHADA DE SÃO SEBASTIÃO

Entra Xandú, velho.

XANDÚ – Bom-dia, meu santo. Acho que hoje é o dia da minha visita final... Sabe, já estou dando o prego de uma vez. Vinte anos trabalhando

para a prefeitura. Contando causo até mais não poder. Não há causo que aguento. Acho que chegou a hora da ida. E não queria embarcar na cama mas aqui, olhando o céu, sentindo o cheiro do mato... Sinto que minhas forças se vão... *(vai morrendo)*

De uma lado, surge Nossa Senhora.

XANDÚ – Quem é?

NOSSA SENHORA – Sou eu, meu filho, que vim atendendo a tudo que fizeste de bom na vida, para te levar a contar causos no paraíso.

XANDÚ – Obrigado, madrinha. Graças a Deus.

349

Uma explosão. Entra o diabo.

XANDÚ – E quem é o outro?...

DIABO – Sou eu, meu filho, que, como prêmio por todo o mal que fizeste, vim te buscar para contar causos no inferno...

NOSSA SENHORA – É meu, metade é minha...

DIABO – Metade é minha...

NOSSA SENHORA – A metade direita, do lado do coração, é nossa.

DIABO – E a esquerda é nossa.

XANDÚ – Não é que isso está igual ao caso do Pororóca?

NOSSA SENHORA – É nosso...

DIABO – É nosso...

XANDÚ – Pois não é... Olha aqui os dois, esperem um pouquinho só. Cada qual quer me levar a metade, eu acabo rebentando que nem Pororóca... Mas é que vou fazer uma coisa na qual o Pororóca não pensou. Madrinha, este meu lado direito é o bom, o seu.

350

NOSSA SENHORA – É o seu lado sagrado, Xandú.

XANDÚ – Seu Cachorro, este lado esquerdo é o meu lado mau.

DIABO – E seu lado amaldiçoado, meu filho.

XANDÚ – Então, vamos fazer o seguinte: vou dar um, dois, três e no três os dois puxam com fé, quem arrastar levou.

NOSSA SENHORA – Certo.

DIABO – Aceito.

XANDÚ – Um... Dois... Três...

Xandú dá os braços cruzados, invertidos: os dois, ao pegarem nos lados contrários, dão um berro e somem.

XANDÚ – Já que não sou de um lado nem do outro, mais vale ficar um pouco mais por aqui e esperar tempo mais oportuno. Já contei pra vocês da minha onça de sela? Eu tive um bode de sela, também, mas bode já é mais comum...

Finis

Galileu da Galileia

Galileu da Galileia

Leitura Dramática em 23 de agosto de 1994

Original de Chico de Assis

Personagens:

Narrador

Galileu

Rosa Maria

Vicente

Cardeal

Estudantes: Ari, Jó e Bruno

Torturador

Rei

Zé Germano

Cagueta

Monge

Inquiridor

Inquisidor

Vigia

Bruxo

Editor

Garçom

Estudantes

Coro de Monges

Direção:

Emílio Fontana

Elenco:

Bruno Giordano

Henrique Cezar

Leda Villela (Narrador)

Marcelo Coutinho

Roberto Ascar

Walter Mendonça

Wilma de Souza (Rosa)

Zecarlos de Andrade (Galileu)

Peça de Cordel, escrita em 1978-1980, resultado dos estudos que levaram à *Trilogia do Cordel*. Elaborada em verso popular, narra as aventuras e desventuras de Galileu da Galileia, que não é outro senão Galileu Galilei.

356

É uma peça sobre a verdade e o medo. Tudo acontece sob alta pressão política repressiva: de como Galileu volta atrás de suas ideias, publicamente, para salvar sua pele.

É um Galileu brasileiro, com todas as forças e fraquezas de um herói latino.

Esta peça é inédita.

Texto de Chico de Assis, constante do programa da Leitura Dramática realizada em São Paulo, no Auditório Alceu de Amoroso Lima – R. da Consolação, 2341.

Primeira Encenação
(de janeiro a maio de 1996)

Teatro da Praça
Rua 13 de Maio, 830 – São Paulo

Direção e Iluminação: Emílio Fontana

Música: Zé Rodrix

Elenco:

Carlos Mecení (Galileu)
Leda Villela (Narrador)
Alexandra Correa (Rosa)
Zecarlos de Andrade (Participação Especial)
Emílio Gama
Ricardo Reis
Marcelo Martucci
Márcia Del Mônico

357

Assistente de Direção: Márcia Del Mônico

Cenografia, Figurinos, Adereços: Daisy Nery

Assistentes: Vera Luz, Cristiane Gauche

Costureira: Zezé de Castro

Chapéus: Conceição

Produção Executiva: Jane Patrício

Programação Visual: Retrato Imaginário

Operação de Luz: Paulo Rocha

Agradecimentos: Alissandra Nascimento, Valério Siqueira, Arlete Henrique, Maria Carolina, Dárcio Romaneli, Giramundo

CENA 1 PRÓLOGO

NARRADOR

Na esquina do terraço
Com a praça do destino
No limite do fracasso
Com a dor do intestino
Mora o filho de um veio
Que é casado com uma veia
Mora um velho menino

Galileu da Galileia
Homem que perdeu o tino
Homem que perdeu a ideia
Que engoliu um sapo-sino
Galileu da Galileia
Um terrível assassino
Que apresento à Plateia

Pra mostrar que o libertino
Com sua prosopopeia
Apesar de ser franzino
Tinha força na traqueia
Era bruxo e tão ferino
Um só lobo em alcateia
Era mau bom e ladino

E por esgotada rima
Ponha a história a começar
Atenção no que ela ensina

Se é que ela pode ensinar
Se não pode não aprenda
Siga assim sem se mudar
Mas pelo menos ai! compreenda!
Galileu e seu pensar.

CENA 2 O QUE É MELHOR: NADA SABER, OU SABER POUCO?

Entra Galileu na sua sala de alquimia (*Bruxarias e Químicas*).

GALILEU

360 Oh dor de vida assim em mim incrustada
Pior é saber pouco do que não saber nada
No penso que repenso eu gasto noite e dia
No pensamento denso da ciência da alquimia

O pó da terra as ervas e o murmúrio das catervas
Remexo na vida, balanço no mundo e fervo
no tacho

Tentando fazer das dominantes sombras
minhas servas

Eu busco e rebusco, cato e procuro e não acho

Experimentando misturas ao sabor da sorte
Para fugir do medo e descobrir a morte
Eu, se não sou outro... E se outro não for eu
Sou Galileu da Galileia ou somente Galileu

Por determinação dos azares da vida
Eu acabei por ser conhecido como mágico
Embora a ciência tenho sido a minha lida
O povo me crê diabólico cínico e trágico

Contra mim se volta a turba ignara e tagarela
Como se eu fosse o maior cão inimigo
Vejam quando eu abro minha janela
Que provo a vocês tudo que digo

Abre a janela e entra o vozerio; jogam coisas
como crucifixos, livros negros, pedras e papiros.
Fecha a janela, mas conserva a mão no trinco.

GALILEU

Dizem que eu emprenho mulher só no olhar
Dizem que tenho tratos com Belzebu
Dizem que por arte distante consigo matar
Dizem que voo à noite com asas de urubu
Mas este povo pracóvio fala por falar

Abre a janela e grita para fora:

GALILEU

E eu quero que eles vão tomar no seu cu!

Dito isso com as devidas reservas naturais
De um homem de aprimorada educação
Passo em seguida aos quadros fatais
Das cenas que formam esta representação

GALILEU

Teremos aqui nesta minha história
Amor, sexo, violência, intriga e miséria
Teremos também: ouro, fama, riso e glória
E tudo o que dá prazer à humana matéria

Teremos também combates com inimigos
Visíveis, invisíveis, concretos e imaginários
Passaremos por aventuras de mil perigos
Lutando contra: idiotas, santos, imbecis
e salafrários

E, antes que eu me torne em certeza
Ambiguidade, esperança ou dúvida sutil
Gostaria de mandar todos à puta que os pariu!

362

Não quero ser simpático
Nem que alguém torça por mim
Quero ser melodramático
Do princípio até o fim

CENA 3 PRIMEIRA VISITA DO DEMO

Muda-se o cenário para floresta. Entra o Narrador.

NARRADOR

Causo primeiro no qual iremos ver a sensação
De Galileu da Galileia usando sua alquimia
Botar fogo no rabo do diabo capeta do cão
Sendo que o demo vem disfarçado de Rosa Maria

Fazendo malemolência, debochando a decência,
puxando tesão
Por favor, notem o destino de cada
momento agora
Pois quem não pegar o começo, não tem
continuação

Entra Galileu na floresta com a mão na testa,
em atitude de pensador, muito ensimesmado.

GALILEU

Aqui estou eu, nos ermos desta floresta
Onde vim em busca de meditação serena
Para varrer da mente tudo que não presta
O que faz sofrer, morrer e enfim não vale a pena
Na pose de pensador, meditabundo,
mão na testa
Eu vou a fundo no enigma do problema
Que a minha alma invade, suja e infesta

363

Galileu senta-se numa pedra para pensar. Entra
no outro lado Rosa Maria tomada pelo cão,
muito safada.

ROSA MARIA

Oh estou perdida nestes ermos abandonada
Fugi de casa por medo de meu pecado
Estou sem pouso sem arrimo sem morada
Expulsa da casa paterna aqui me evado
E busco na solidão desesperada

Encosto amigo para o corpo cansado
Mas vejo que encontro aqui, "além-do-nada"
Um homem só em seu pensar assim fechado

Galileu fingindo que pensa:

GALILEU

Quem é que invade assim minha solidão
Sem nem convite nem pedido nem chamado
Siga seu caminho, tome sua direção
Não sou monge nem capado nem veado
Mas no momento me envolvo em meditação
Estou com o saco cheio de ser atrapalhado
Vai-te embora de repente oh terrível tentação

364

Rosa Maria choraminga:

ROSA MARIA

Não, não me desprezes oh viajante!
És minha única luz de esperança
Olha para mim que já de ti estou diante
Sou só mulher, sou só tristeza, sou criança

Galileu sente o aroma da perpétua:

GALILEU

Foda-se o mundo e o saber do universo
Foda-se a dúvida que maltrata o pensamento
Cresce em mim neste momento o ser perverso

Me sinto Adão vivendo o Velho Testamento
E da vontade de saber eu me disperso
E me concentro num tacanho sentimento

Galileu se volta para admirar Rosa Maria de
todos os ângulos.

ROSA MARIA

Se olhas assim para meu corpo eu tenho medo
Sou quase virgem minhas pernas tão fechadas
Do amor não sei senão sonho e segredo
Não tenho em mim ideias sujas e safadas

GALILEU

Minha querida, minhas intenções são puras
Pois todo homem que nasceu tem esta sina
Todas as mulheres aceitam tais loucuras
Aceita tu que não és velha nem menina

365

Dito isso, Galileu ataca mas logo sente que as
luzes tremem e que Rosa Maria está ficando
vermelha – percebe a manobra do demo. Rosa
Maria é tomada pelo Demo. Estertor.

ROSA MARIA

Vem que eu queimo tal qual uma tocha!
Vem para enfrentar do amor a luta!
Vem senão eu espalho que você é brocha!
Corno manso, veado e filho de uma puta!

GALILEU

Porra, que já estou desconfiado
Que esta mulher está tomada pelo cão
É ele que me quer bem agarrado
Nas malhas do pecado e tentação
Para então amargar a minha alma de pecado
E me fazer entrar na eterna danação
Mas tenho pra o cão calmante pra tarado

Galileu faz um gesto e tira dois paus do bolso,
arma uma cruz e Rosa Maria se embola no chão
gritando. Daí, ele faz um círculo em torno dela
com uma fita vermelha e preta e azul e branca –
Dali não pode sair.

366

ROSA MARIA

Pare com isso, pare com isso Galileu
Você leva tudo a sério eu só brincava
Confesse que eu quase te enganava
Que minha fala até te comoveu

GALILEU

A tua fala eu conheço e te esconjuro!
Bicho das trevas, agora eu te peguei!
Trata de abandonar este corpo puro!
Antes que te faça cagar fogo pelo rabo!
Vai embora eu te expulso e te esconjuro!
Antes que eu te enfie no rabo até o cabo
Um cabo de enxada feito de pau duro!

ROSA MARIA

Rio de ti, oh pobre mortal
Não tens poder de lutar contra mim
Só a ela, a este corpo podes fazer mal
Lutarei com você até o fim

GALILEU

Oh criatura que emporca e atenta
Tenho mais armas para lutar nossa guerra
Vamos ver quem é que mais aguenta
Pois quem cansar primeiro come terra
E trago no bolso água-benta
Benzida pelo Bispo da Inglaterra

Galileu esparge água-benta e Rosa Maria sofre muito.

367

ROSA MARIA

Não faça isso, olhe como ela sofre e chora
Não queime assim corpo tão lindo
Tira estas fitas e me deixe ir embora
Que eu aqui nem devia ter vindo

GALILEU

Então oh capeta que estás neste corpo de mulher
Escuta bem o que eu te digo e vamos fazer
um trato
Se eu te solto vais fazer tudo o que eu quiser
Vais ser meu escravo, meu capacho meu sapato!
Vais lavar roupa cozinhar me dar de comer
de colher!

Além de tudo vais ser meu ajudante
Nas magias negras que eu fizer

ROSA MARIA

Desculpe muito mas não posso não
Tenho um só chefe e só a ele obedeço
É bode macho o anjo negro o grande cão
Porque se de seu mando eu me esqueço
Ele bota a mim pra sofrer na danação

GALILEU

Ele não precisa saber do nosso trato
Virás me ver só quando eu mandar chamar
Te solto agora se assinas um contrato
Aceitando tudo e se botando a me ajudar
Mas se recusas a fazer o combinado
Um banho de água-benta vou te dar
E vais ficar portanto bem lavado

368

ROSA MARIA

Não faças isso, eu aceito
Serei teu escravo Galileu
De medos de tais banhos tão fofos
Clama por mim que virei e com respeito
E atenderei a três dos teus pedidos

GALILEU

Então some daqui volta às profundas
Que este corpo volte a sua dona
Me debes três pedidos não confundas!

Quando eu te mandar chamar à tona
Retiro a magia que te cerca
Podes ir lamber de fogo as tristes bundas
Dos pecadores da inférnea triste zona

Rosa Maria gira e cai. Galileu vai a ela.

ROSA MARIA

Onde estou? Que aconteceu?
Quem é você que vejo a meu lado
A mim um sonho tudo pareceu
E sinto agora, só o corpo tão cansado

GALILEU

Foi sonho sim, você aqui adormeceu
Mas não sou sonho sou até um bom rapaz
Me apresento, o meu nome é Galileu
E pergunto o que é que aqui te traz?
Se te traz aqui o mesmo que quero eu
Saiu de dentro Satanás e agora entra Galileu

369

Galileu ataca. Luz apaga.

CENA 4 DESCOBERTA DO REBOLADO DOS ASTROS

NARRADOR

Galileu e Rosa Maria
Tiveram que dar a mão
Ele precisava dela
Pra receber o cão

Se juntaram de repente
Na cozinha mesa e cama
E na frente de toda a gente
Eram cavalheiro e dama

Só não foram ao casamento
Porque Rosa não podia
Receber num tal momento
O capeta em qualquer dia

Sem a santa bênção
Viveram juntos
Um tempão
Trepavam juntos
Um tempão
Foram felizes
Um tempão
Até que um dia
Galileu precisou do cão

370

Casa de Galileu – Laboratório e cozinha tudo
misturado – Rosa Maria faz comida e ele faz suas
alquimias – Rosa Maria, contente, canta.

ROSA MARIA

Raio de lua, coração saudade
Tanta alegria amor felicidade
Contar estrelas meu sonho
Tanta esperança risonho

GALILEU

Vamos parar com a cantoria porra!
Quem que pode ser cientista!
Eu quero que você morra!
Com essa mania de artista!

Preciso das matemáticas ir à forra
Mas tenho em casa a concertista
Cantando na cozinha o tempo inteiro
Vamos parar com a cantoria porra

ROSA MARIA

Estúpido cavalo cretino burro!
Metido a merda, metido a besta, metido a prosa!
Só me calas quando me ameaça de murro!
Eu aqui... Eu aqui Rosa Maria!

371

GALILEU

Não encha o saco, estou pensando
Em algo que abalará toda a humanidade
Eu pensei desde muito; estou cismando
Que esbarrei no encontro de uma verdade
O Sol não rodeia a Terra circulando
É a Terra quem o rodeia com humildade
O Sol é o centro e a Terra em torno vai rodando

ROSA MARIA

Não digas isso Galileu por nosso bem
Se o Papa ouve te manda pra fogueira
Eu faço de conta que não ouvi também
Tal blasfêmia tal mentira tal besteira

GALILEU

Um momento... Siga mexendo a panela
Daquele seu jeito despudorado
Observem amigos a bunda dela
Pois nos movimentos existe um recado
Como é linda a ciência... Oh, como é bela
Por isso eu sou por ela tão apaixonado
Mexe mais Rosa Maria, mexe mais nessa panela!

Notem só como ela mexe quente e macio
A bunda roda de leste para oeste
Percebam a verdade que anuncio
Vejam que a colher vai de leste para oeste
E roda e rebola esta bunda sol de luz sem fim
E eu planeta louco em curva disparada à
volta da panela
Tolo seria pensar que ela gira em torno de mim
Quando sou eu que giro em torno dela

ROSA MARIA

Galileu quanta poesia você diz agora
Que mulher tal cantada aguentaria
Larga o almoço e vem me leva embora
Para a cama fria de lençóis cheirosos

GALILEU

Vamos Rosa Maria você é o Sol e eu sou planeta
Em roda de ti sempre buscando o calor de teu amor
E antes que me perca em rimas loucas e outra treta
Vamos meu sol em busca de calor

Preciso aprofundar a descoberta
Que fiz agora neste instante
Foi por amor que entrevi a porta aberta
Do segredo do Universo num instante

Mas antes de me perder na ciência incerta
De saber dos astros e de seus caminhos
Vamos ao que é maior que a ciência certa
Aos transportes do gozo do amor e do carinho

Narrador entra de mansinho.

NARRADOR

Devo entreter vocês com um pouco de papo
Porque lá dentro na alcova está a açaõ
Este jogo que jogam lá dentro não requer sapo
E como dizia o grande rei da Bíblia Salomão
A sua mão esquerda debaixo da minha cabeça
E a sua mão direita abraçando a situação
E tudo mais que o peru louco e a pomba travessa
Tenham fervido no pensamento e na imaginação
Ouçam um pouco que a parede não é tão espessa

373

Ruídos de Galileu e Rosa Maria, murmúrios de
amor, etc.

NARRADOR

Esta é a mais estranha humana competição
Que vem do início do mundo até Galileu e
Maria Rosa

Nesta luta toda mulher sai sempre vitoriosa
E todo homem é vencedor e campeão
É uma guerra, uma luta de quatro costados
E quando acaba a batalha e acalma o coração
Sobra um para cada lado ganhadores
e derrotados

Vem Galileu fumando depois... Depois de uma
pausa:

GALILEU

Agora toca a pensar
No mistério do Universo
E chega de verso
Maria Rosa... eu estou com fome

374

Rosa Maria entrando dengosa:

ROSA MARIA

Já vou indo Galileu meu bem
Estou feliz e você está feliz também

GALILEU

Vejam o que é a vida surpreendente
Já não sinto mais calor nem frio
Tudo tão morno, nem gelado, nem mais quente
E tudo é tão sutil fino como um fio
O que separa o gente bicho do bicho gente
Conforme esteja o saco cheio ou já vazio

Batem à porta.

ROSA MARIA

Ouçã Galileu, batem à porta
Atende tu que não estou vestida!

GALILEU

Ora, porra, que hora mais torta
para uma visita intrometida
Vai já pra dentro Maria Rosa
Que eu atendo quem veio em busca de prosa

CENA 5 INTRODUÇÃO À LUNETTA

Galileu abre a porta. Entra o estudante Vicente,
traz esquadro e compassos e régua.

GALILEU

Entra, bisonha e inesperada figura
Com seus compassos, régua e esquadros
Pena que já não trago armada e dura
A coisa medir em centímetros bem contados
Mas passemos a coisas mais práticas
Quem és tu oh inesperado inoportuno?!

VICENTE

Oh Galileu, vim para ser um seu aluno
Quero saber os segredos das matemáticas
E já que sois nisso o mestre, o mestre sumo
Quero tomar contigo as aulas práticas
E das teorias mais certas tomar o rumo
Entrar por dentro das estratégias e táticas

GALILEU

Mas que bela cara redonda de paspalho
Eu te asseguro que sou caro pra caralho
Fuçando em busca de sublime conhecimento
Que nas ciências queres fazer carreira
Vá logo sabendo que vou te esvaziar a carteira

Maria Rosa venha cá um momento

Me traz um cinzeiro o fósforo e o baralho
Que eu e o meu aluno só por divertimento
Vamos jogar uma partida de brincadeira
E fique sabendo que é uma bela aula prática
De combinações arranjos e outras sacanagens
Que servem de base à ciência matemática
Que vieste buscar comigo por estas paragens

376

Rosa Maria vem de dentro com o baralho, o fósforo, etc. Vê o estudante Vicente e tem um arrepio de emoção.

ROSA MARIA

Ah... Deus meu que belo tipo faceiro
Tem os olhos morteiros nos quais me amarro
Parece gentil, sacana e muito do maneiro
E é lindo como um anúncio de cigarro

Galileu vendo os instrumentos matemáticos, entre eles uma luneta:

GALILEU

Como é seu nome, decente?

VICENTE

Meu nome é Vicente

GALILEU

Desculpe a pergunta mas o que é esse rolo?

VICENTE

É uma novidade, na verdade um objeto meio tolo

GALILEU

E pra que serve tal mercadoria?

Vamos diz logo a serventia

377

VICENTE

É um presente que eu comprei pra minha tia

Numa viagem que fiz a Alexandria

GALILEU

Deixa ver este cano, mas que uso tem esta bosta?

VICENTE

Venha à janela olhe por ele e tenha a resposta

Galileu vai à janela. Vicente olha Rosa Maria que olha para ele.

ROSA MARIA

Quer mais café, seu Vicente?

VICENTE

Não me chame de “seu” Dona... Como é seu nome?

ROSA MARIA

Maria Rosa ou Rosa Maria é indiferente

GALILEU

Incrível, fantástico, extraordinário

Esta merda aproxima qualquer distância

Vou pedir isto emprestado a esse otário

Pois tenho pra isto trabalho de importância

ROSA MARIA

Quanto anos você tem na verdade?

378 VICENTE

Vinte e dois, estou na flor da mocidade

ROSA MARIA

Não quer saber qual é a minha idade?

VICENTE

Mulher não diz os anos por ter muita vaidade

ROSA MARIA

Tenho mais de vinte menos de trinta, pela metade

GALILEU

Olha aqui meu querido aprendiz

Vou tomar a tua geringonça emprestada

Tenho uma vizinha que se chama Beatriz

Que tem o costume de dançar pelada
Vou espiar esta noite sua janela
Depois te conto como é a bunda dela

VICENTE

Com todo o prazer mestre eu empresto
Pode ficar com quanto quiser

GALILEU

Meus parabéns foi um bonito gesto
Agradou seu mestre e também sua mulher
Por hoje a aula está acabada
Pode ir pra casa meu bom aluno
Volte com hora marcada
Vais ter aula com o Ari, o Jó e o Bruno
Diga a tua tia que fique descansada
Vou te deixar sábio serás o suco e o sumo

379

VICENTE

Boa-noite mestre, boa-noite senhora

ROSA MARIA

Venha sempre será bem-vindo a qualquer hora

Vicente sai. Galileu leva o óculo até à janela.
Olha o céu.

GALILEU

Vamos olhar o céu, olhos no infinito
Vamos trabalhar no silêncio noturno

Olhar o espaço para espantar o mito
Interrogar a Lua e investigar Saturno

ROSA MARIA

Anda Galileu, vem para a cama
É tarde estou tão cansada

GALILEU

Vai dormir, cara madame

Vou olhar o céu e mais nada

CENA 6 O CARDEAL CONHECE A LUNETTA

380

Cardeal sentado na sala. Maria Rosa serve uma
bacia de pipoca e café.

ROSA MARIA

Pronto seu Cardeal, aí estão café e mais pipoca
Espero que vossa reverendíssima goste
Vou lá tirar Galileu da sua toca
Dizer que tem visita do senhor preboste

CARDEAL

Vá chamar Galileu da Galileia
Diga que venha imediatamente
Preciso dele e de sua ideia
Porque o rei precisa urgentemente
De um invento para pôr na exposição
Que inaugura logo no mês vindouro

E Galileu recebe paga do Estado
Deve fazer algo em troca do ouro

Rosa Maria vai.

CARDEAL

Café com pipoca, que delícia
Me faz lembrar a infância distante
Que passei no país da Galícia

Vem Galileu, vestindo calção, ajoelha-se e beija
a mão do Cardeal.

GALILEU

Bom-dia Vossa Eminência
Desculpe o atraso
E a minha pouca decência
Mas esta noite criei um caso
Não consegui dormir direito
Dormi aos poucos dormi a prazo
E acordei meio mal sem jeito

CARDEAL

Precisa dormir cedinho Galileu
E acordar cedo que é bom preceito
Para ser saudável e forte como eu
Que mesmo assim ando com dor no peito

GALILEU

Sabe Cardeal, eu descobri que a Terra
Não é o centro do Universo

CARDEAL

Galileu cala, sua boca quer a guerra
Nunca ouvi dito mais perverso
Como sou teu amigo finjo que não ouvi
Pensamento assim tão adverso

GALILEU

Mas eu descobri, por amor e olhando céu
Que o Sol é o centro do sistema eu juro
É preciso descobrir da verdade o negro véu
E dar saber aos homens deste momento puro
É Deus quem dá rumo a quem andava ao léu
E faz diferente o caminho do grande futuro

CARDEAL

382 Cala sua boca, ingênuo, ignorante e incrúo
No que você fala existe um grande furo
Leia um pouco dos livros sagrados
E vais ver que existe desde sempre um grande muro
Entre o que dizes e os profetas iluminados
E mudando de assunto
O Rei quer um invento
Funcione o bestunto

GALILEU

Então o Rei quer uma invenção
Pois muito bem, eu inventei a luneta
Está aqui Cardeal a nova sensação
É um invento moderno e porreta
Que vai tomar toda a nação

CARDEAL

E para que serve esta treta?

É para usar no pé ou usar na mão?

GALILEU

É para trazer perto a lonjura

Para aproximar grandes distâncias

Olhe lá na janela aquela criatura

O Cardeal se assusta.

CARDEAL

Oh Deus mas que circunstâncias!

Este aparelho merece até censura

O que vejo nele me dá nojo e ânsias

383

GALILEU

Olhe para o céu e verá até os anjos

Olhe para o mar e verá os navios inimigos

Verá até a cara dos marmanjos

E isso diminuirá da guerra os perigos!

CARDEAL

O Rei vai gostar disso, ora se vai

É uma grande invenção Galileu!

O Rei vai gostar, ora se vai

GALILEU

E o que ganho a mais eu?

Estou quase passando fome Cardeal

CARDEAL

Não seja materialista, parece um ateu
A nossa alma e não o corpo é o principal

GALILEU

Fala com o Rei, fala com o Papa
Eu quero um aumento de salário

NARRADOR

Galileu se passou por inventor das lunetas
Porque precisava ganhar a vida para estudar
Seguiu observando no céu estrelas e planetas
Vendo que tudo aquilo dava muito o que pensar

384

Então Galileu traçou as linhas do seu teorema
E fez contas de regra de três e de multiplicar
E assim provou que o Sol é o centro do sistema
E que a Terra em volta dele está sempre a girar

Daí comprou uma esferográfica no empório
Mandou embrulhar uma resma de papel ofício
E se trancou no seu pobre escritório
Escrevendo dia e noite com muito sacrifício

Quem não gostava muito era Maria Rosa
Que acordava à noite com certas vontades
Mas Galileu imerso na escrita não dava prosa
E ela calava pra não dizer umas verdades

Galileu só parava de escrever quando tinha aluno
Aí dava suas aulas para ganhar um pouco mais

Mas quase sempre perdia o prumo
Por perceber que menos Vicente os outros
eram boçais

CENA 7 AULA: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL

Aula aos quatro alunos: Ari, Jó, Bruno e Vicente.
Galileu entra e demonstra sua teoria.

GALILEU

Hoje vou falar da minha nova teoria
E para começar faço uma boa pergunta
Para você Ari, você Jó, o Bruno e o Vicente
Pergunto a toda essa quadrilha junta
Se o Sol vem do nascente e morre no poente
Como é que ele se move em torno da Terra?

385

ARI

Eu penso que é porque assim mandou o Papa
A Terra fica parada e o Sol roda cercando

JÓ

É isso aí meu bom, meu caro chapa
Eu também estou concordando

BRUNO

Bateu e disse está na Bíblia ninguém escapa
A Terra amarrada no meio e o Sol se rebolando

GALILEU

Mas agora vejam, considerando
Este exemplo que eu vou dar
Deixe que eu pegue uma roupa qualquer

Galileu pega roupa em uma cesta.

GALILEU

Segure uma ponta Vicente e eu seguro também

A roupa é uma calcinha de Rosa Maria. Estudantes riem.

GALILEU

386 Digam aí suas formas de fazer burros
O que é que tem de engraçado na demonstração
Quietos. Senão para ensinar eu vou dar murros
Até amaciar as mentes que vivem em inanição

VICENTE

Mestre veja bem porque eles riem, na minha mão
Olhe a peça que me deu para exemplificar

GALILEU

Mas o que é isso, meu Deus que confusão
Como é que eu fui logo essa peça pegar

Entra Rosa Maria e puxa a peça da mão de Vicente, com raiva.

ROSA MARIA

Vejam só até onde vai a ciência
Um verdadeiro esculacho
Uma grande falta de decência
Usando minha íntima roupa de baixo

Estudantes riem. Galileu bronqueia.

GALILEU

Vamos seus caras de pau hoje acabou a lição
Vão para casa ou para o raio que os parta
Vão se mandando para não perder a condução
Vamos ver... Hoje é segunda, voltem na quarta
Estudem em casa para chegar a uma conclusão
Desenhem tudo, façam do céu a grande carta

387

Estudantes saem. Vicente olha Rosa Maria, que esconde as calcinhas atrás das costas, envergonhada.

ROSA MARIA

Bonito, seu sacana descarado
mostrando minhas calças para o povo

GALILEU

Eu peguei desavisado
Nunca faria isso de novo

ROSA MARIA

Vicente foi tão delicado
Ficou até sem jeito
com o rosto ruborizado

GALILEU

Eu acho ele meio suspeito
Será que ele não é veado?

ROSA MARIA

Só porque ele é um moço direito
Você fica assim desconfiado

GALILEU

Porque é que defende o sujeito
Já estou ficando invocado

ROSA MARIA

Ele sempre me teve respeito
Porque é muito bem-educado

388

GALILEU

Eu sei que ele é um Deus perfeito
E eu sou o demônio encarnado

ROSA MARIA

Você fala é por despeito
Porque ele é alinhado

GALILEU

Você me deixa muito insatisfeito
Será que ele já é seu namorado

ROSA MARIA

Galileu, essa não. Eu não aceito
Que pensamento mais sujo e malvado

GALILEU

Ah se eu te pego com aquele sujeito
Ele sai daqui de saco recortado

ROSA MARIA

Você fala assim tão contrafeito
Porque não dá mais conta do recado

GALILEU

Rosa isso não é direito
Eu ando é muito cansado

ROSA MARIA

Pois descanse esse é o jeito
Agora vou ao mercado

389

GALILEU

Me compra um remédio pro peito
Eu ando meio adoentado

ROSA MARIA

Você caiu muito no meu conceito
Vicente não é bicha nem veado

GALILEU

Saia logo eu vou ao leito
Vou descansar um bocado

Rosa Maria sai. Galileu pega as calcinhas dela.
Olha, acaricia, beija, cheira e chora:

GALILEU

Rosa ai Rosa Maria
Será que ela gosta do Vicente
Rosa ai Rosa Maria
Eu estou ficando doente
Deixa eu ver onde vai ela
Cadê a bosta do canudo

Galileu pega a luneta.

GALILEU

Vou olhar desta janela
Vou seguir ela por tudo
Ah lá vai a minha Rosa bela
Com sua saia de veludo
Esta merda não funciona
Quero ver mais distante
Quero vigiar a cafona
Antes que ela me espante
Preciso melhorar esta sanfona
Pra seguir a minha amante
Senão ela acaba na zona
E eu um corno ambulante

390

Galileu começa a tratar de desmontar a luneta.

CENA 8 FESTA DE INAUGURAÇÃO DA LUNETAS

Entra o Narrador.

NARRADOR

E Galileu foi levando a vida
Inventando o já inventado

Pra defender casa e comida
Enquanto escrevia seu tratado
Passava as noites maneando a pena
Filosofando e cortando um recortado
Provando que o Sol domina o sistema
Dando aos homens um novo recado
Mas o Rei estava cagando pra tanta filosofia
Inventos para a guerra e pra vender é o
que ele queria
Por isso mandou fazer uma grande festa
em certo dia
Chamou o fogueteiro Raimundo e a banda
do Romeu
Chamou todos na praça, o povo todo e até eu
E pra festejar a luneta fez uma homenagem
a Galileu

391

REI

Com esta nobre douda e bela invenção
Será mais fácil combater os inimigos
Que vierem atacar nossa nação
Meus parabéns Galileu oh cientista
Porque descobriste um invento caralhal
Deus proteja sua alma de artista
E vamos brindar este invento imortal

GALILEU

Sua majestade eu agradeço
As belas palavras que me dedicou
Esse dia eu juro que jamais esqueço
Porque pra mim muito representou

CARDEAL

E agora que toque a banda do Romeu
Em homenagem à inauguração desta luneta
A Igreja te agradece Galileu
Vamos Romeu, toca a trombeta

A banda toca.

CENA 9 ROSA MARIA CONHECE A LUNETTA

NARRADOR

Mas enquanto Galileu recebia
Em meio a toda aquela gente
A mais excelsa honraria
Na sua casa o estudante Vicente
Em companhia de sua mulher Rosa Maria
Ali os dois sós e frente a frente
Tramando com toda a ousadia
O de sempre nem igual nem diferente
Que fazem a qualquer tempo noite e dia
O que ensinou a Adão e Eva a serpente
Vicente suava e Rosa respondia

VICENTE

Se Galileu descobre me corta o saco
Eu sei que ele te ama demais

ROSA MARIA

Galileu anda ficando fraco
E eu te amo como a ninguém amei jamais
Vamos fugir juntos e vivermos no sossego

VICENTE

E aí que eu paro, breco e empaco
Ainda vivo a custo de meus pais
Eu nem ao menos tenho um emprego

ROSA MARIA

Então vamos nos encontrar aqui em casa
Quando não estiver por perto o cientista

VICENTE

E logo que eu puder a gente se casa
Fugimos juntos damos o fora fazemos a pista

NARRADOR

E Vicente e Rosa por baixo do pano
Fizeram muita da sem-vergonhice
E Galileu entrou pelo cano
E a vizinhança no disse me disse

393

Galileu estava muito satisfeito com a homenagem
Isso garantia seu emprego por mais um ano
Por isso, resolveu beber só por sacanagem
Foi no botequim do Zé Germano
E mandou vir toda a beberagem
Logo ficou como o diabo gosta
Falando mais que uma vitrola

CENA 10 BOTEQUIM, ONDE SE FALA DEMAIS

Botequim

GALILEU

Enche o copo Zé Germano
Hoje eu vou beber de graça

Estou feliz a todo o pano
Por causa da festa na praça

ZÉ GERMANO

Aqui ninguém me dá o cano
Vais pagar tua cachaça

GALILEU

Mais respeito carcamano
Vamos enche a minha taça
Que beber por um ano
Quero lotar a carcaça

ZÉ GERMANO

Mas o que foi que vendeu ao Rei
Eu não entendi aquele assunto

394

GALILEU

Foi um belo invento que bolei
Me dá um sanduíche de presunto
Mas importante é que eu achei
No Universo um novo assunto
Que envolve toda a Humanidade
Zé Germano capricha no presunto
Sabe eu descobri uma verdade
Que vai mudar o rumo do planeta
Isso sim é que é felicidade
Não esta bosta de luneta
Isso sim é que é verdade
Não esta bosta de luneta

Amigos da nossa cidade
O mundo novo vive o mundo velho morre
Sou eu Galileu da Galileia quem jura
Não pensem que eu estou de porre
Eu mudei a vida de toda criatura
Descobri que o Sol é o verdadeiro centro
De tudo que existe lá no firmamento
A Terra em roda dele rebola a cintura
O Sol é o centro este é meu juramento
Vou mudar até a Santa Escritura

CAGUETA

Meu caro cientista um momento
Eu estou muito interessado
Traz mais um copo Zé Germano
Quero beber junto com tal talento
E ouvir dele seu novo tratado
Que contraria a voz do Vaticano
Sua ideia vem como um pé de vento
Mexer com tudo que estava parado
Fala mais oh meu portento...

GALILEU

É isso mesmo meu prezado amigo
A Terra é uma bostinha à toa
Escuta bem porque sou eu que te digo
Estamos todos na mesma canoa
Canoa que em círculos navega
Em torno do Sol brilhante
Pode deixar eu estou numa boa

Quero ver quem é que nega
Esta ideia nova fulminante

CAGUETA

Como é seu nome meu gênio galante
E o teu endereço eu quero anotar
Vou te mandar um bom vinho frisante
Para sua ideia eu homenagear

GALILEU

Meu nome é Galileu da Galileia
Moro na Rua Mondolfo de Arruda Marinho
Se te faz bem eu aprovo a ideia
Manda pra lá uma caixa do seu vinho...

396

CAGUETA

Me dá a conta seu Zé Germano
Eu pago tudo o que ele bebeu
E vou mandar vinho do Vaticano
Para o grande sábio Galileu

NARRADOR

E Galileu bebeu bebeu caiu e dormiu
Sonhando com seu livro e a glória
O homem do vinho de manso saiu
E foi ao Papa caguetar a história
Depois Galileu voltou pra Rosa Maria
Carregado e bêbado pra danar
Dormiu a noite e mais todo um dia
Acordou e foi trabalhar

CENA 11 PRISÃO DE GALILEU

GALILEU

Rosa Maria me dá café
Estou com um gosto ruim na boca
Nunca mais bebo, não dá pé
Não sei porque a bebedeira louca
Preciso meu livro escrever
Um cientista não dorme de touca
Minha teoria o mundo há de conhecer

Batem à porta.

ROSA MARIA

Quem será a esta hora?

397

Rosa Maria abre a porta e entram os monges.

MONGE

Sou eu minha senhora
Está em casa Galileu?

GALILEU

Pode entrar, aqui estou eu
Não deixa a visita fora

MONGE

Não toque em nada
Fique aí parado
Viemos dar uma espiada

Neste seu trabalho
Não fique espantado
Aqui está um mandado
Uma carta assinada
Pelo maior prelado
Da religião sagrada
Você foi apontado
Por um camarada
Como herege revoltado
Vamos dar uma olhada
No que você tem anotado

GALILEU

Mas seu monge isso é invasão
Eu tenho que me queixar ao Rei que é meu
amigo
Tenho direito a minha solidão
E nesta casa da lei estou ao abrigo

MONGE

Você está criando confusão
Venha Galileu, venha comigo
Estou te dando voz de prisão
És da Igreja um grande inimigo
Pegue só umas roupas e um calção
Esses seus escritos vão comigo

ROSA MARIA

Meu Deus que triste situação
Não vou deixar levar o meu amigo

GALILEU

Rosa, não faça isso não
Eu vou e volto pra ficar contigo

CENA 12 INQUISIÇÃO SANTA

NARRADOR

Por ter falado mais do que devia
Galileu acaba entrando pelo cano
E na tarde infausta de um maldito dia
Dum século negro de um triste ano
É convidado a deitar falação
Para os sábios lá do Vaticano
Donos das leis e do poder humano
Representantes da Inquisição
Agora é a hora da onça beber água
E de Galileu cortar o recortado
São gente dura que não arrefece
Não vale choro reza pena ou mágoa
E Galileu tem que ter cuidado
Porque essa turma é do dá ou desce

399

INQUIRIDOR

Galileu da Galileia
Nos responda por favor
De onde tirou essa ideia
de ofender Nosso Senhor

CORO

Galileu da Galileia
Nos responda por favor

De onde tirou essa ideia
de ofender Nosso Senhor

GALILEU

Se ofendi Nosso Senhor
Eu não sei nem tou lembrado
Me responda meu senhor
Do que sou acusado

INQUIRIDOR

Te acusamos de heresia
De porca literatura
De falsa sabedoria
Contra a Santa Escritura

400

CORO

Te acusamos de heresia
De porca literatura
De falsa sabedoria
Contra a Santa Escritura

GALILEU

O que eu disse está falado
Já provei em prosa e verso
Que o Sol brilha plantado
Lá no centro do Universo
E Terra é pequenininha
E nós somos pigmeus
A façanha não é minha
É milagre do meu Deus

INQUISIDOR

Escutaram meus irmãos
A palavra da anarquia
Galileu eu lavo as mãos
E te acuso de heresia
A resposta já foi dada
E a nós já satisfaz
Sua ideia está marcada
Pela mão do Satanás

CORO

Escutaram meus irmãos
A palavra da anarquia
Galileu eu lavo as mãos
E te acuso de heresia
A resposta já foi dada
E nos já satisfaz
Sua ideia está marcada
Pela mão do Satanás

401

GALILEU

Deus na sua divindade
Grande limpa eterna e pura
Nos ensina que a verdade
É mais sagrada que a Escritura

INQUISIDOR

A Sagrada Escritura
É a verdade que Deus nos deu
Abram a sala de tortura
Pra mostrar a Galileu

CENA 13 TORTURA

A sala de tortura.

NARRADOR

Galileu foi muito macho
Não foi fraco fresco e frouxo
Não nasceu pra ser capacho
Um homem do saco roxo
Vamos ver o seguimento
Desta bela aventura
Que tem seu prosseguimento
Numa sala de tortura
Ai ai ui ui...

402

Torturador mostra os aparelhos a Galileu:

TORTURADOR

Bem-vindo ao meu humilde laboratório
Sei que é um homem de ciência e eu também
Já o conheço de fama e do falatório
Estou bem certo que vamos nos dar bem
Como vê por meus aparelhos livros e mapas
Pode entender que passo a vida estudando
Não é fácil saber os segredos da dor
Estudo psicologia, física e anatomia
Pois só assim posso exercer com eficiência
Minha profissão que é de grande valia
Para que no mundo reine a decência
Pois Deus e sua Escritura são nosso guia

Como vê aqui temos de tudo
Estamos perfeitamente aparelhados
Para dobrar a espinha de um homem de estudo
E para fazer ver a verdade um pobre coitado
É curioso mas às vezes uma ferramenta como esta
Observe como é bruta, feia assustadora
É uma coroa que esmaga a testa
A cada volta que damos neste parafuso
É curioso como uma pessoa modesta
Resiste a tudo em seu mais forte uso
E um homem de espírito ao primeiro aperto
Mistura ideias fica tão confuso

TORTURADOR

Mas se resiste eu encontro o ponto fraco
E mudo o jogo. Veja esta ferramenta
É um punho de ferro para apertar o saco
Esta experiência quase ninguém aguenta
Mas o meu segredo consiste em ir aos poucos
Sem pressa alguma devagar em forma lenta
Se tiver pressa deixo os clientes loucos
Se ficam loucos não podem mudar a razão
O que acha da minha opinião

403

GALILEU

Não sei o que quer dizer com isso
Mas adivinho toda sua intenção
É seu trabalho, seu triste serviço
Eu tenho nojo da sua profissão

TORTURADOR

Eu também, eu também Galileu
Confesso eu queria plantar rosas
Ninguém tem mais nojo disto do que eu
A vida tem coisas mais gostosas
Mas é o destino que Deus me deu
Alguém tem que exercer a missão santa
De fazer cumprir a lei da salvação eterna
Alguém tem que criar o medo que o
pecado espanta
Para que reine na Terra a paz e não baderna
E você Galileu trocou o Sol pela Terra
Lançou nos livros esta ideia tão moderna
Talvez sem saber o mal que ela encerra

404

GALILEU

Não acredita que isso possa ser verdade?
Não aceita duvidar de toda a história
Que a nova ideia possa dar à Humanidade
Novos caminhos para Deus e sua glória
Deus deu ao homem a graça da liberdade
Para ter sobre a natureza sua vitória

TORTURADOR

Vamos Galileu chega de brincadeira
Se eu duvidasse não estaria neste emprego
la plantar couves pra vender na feira
Já te mostrei o que era pra ver
Mas falta uma coisa: a fogueira
Vem Galileu, vem conhecer

Torturador leva Galileu até a fogueira armada.

GALILEU

Já vi muita gente ser queimada
Vocês fazem isso a toda hora

TORTURADOR

Galileu você não sabe de nada
A fogueira é outra coisa de dentro para fora
Vamos, entra aí dentro só para sentir
A sensação de ser sacrificado
E imagina:
Milhares de pessoas a assistir
O seu corpo ser assado
E cada um deles sentindo contigo
Queimar dentro de si cada pecado
A fogueira mais que castigo
Serve de exemplo ao povo assustado
São lições assim que desde o tempo mais antigo
Aos homens todos do mundo mais comoveu
Se for queimado diante de toda a população
Podes ter certeza puedes mesmo Galileu
Será queimada em cada um a ideia de revolução

405

GALILEU

A fogueira não destruirá a minha razão

TORTURADOR

A razão Galileu para o povo
É a palavra de Deus e o pão
E agora fique à vontade de novo
Vou dar muito tempo para meditação
Espero que encontre logo a verdade
Me chame quando encontrar uma boa razão

CENA 14 A SEGUNDA VISITA DO DEMO

A visita de Rosa Maria e o segundo pedido ao Diabo.

NARRADOR

Três dias e três noites
Galileu ficou na masmorra
Ouvindo os gemidos e açoitos
Foi aí que recebeu a visita
De Maria Rosa sua mulher

ROSA MARIA

406

Galileu que saudade
Te fizeram mal, conta tudo
Falam de você em toda a cidade
Dizem que foi muito peitudo

GALILEU

Você trouxe o jornal?
Quero saber o que dizem

ROSA MARIA

Não deixaram trazer jornal
Só cigarros e bolinho de batata
Que eu sei que você gosta mais

GALILEU

Eu preferia carne com quiabo
Mas já que você está aqui
Eu vou cobrar o que me deve o diabo

ROSA MARIA

O seu segundo pedido
O diabo tem que atender
Senão você está fodido

GALILEU

Eu ordeno cão capeta das profundas
Que venha e tome o corpo desta mulher
Venha cumprir o trato

Rosa Maria fica tomada pelo diabo. Ri:

ROSA MARIA

Então seu grande veado
Precisa de mim pela segunda vez
Logo pedirá o terceiro
E levarei sua alma de vez

407

GALILEU

Cala essa boca, demônio cornudo
E vê se me atende o segundo pedido
Me tira desta enrascada
Senão eu estou frito e comido

ROSA MARIA

Você quer se livrar da fogueira
Seu cu está fechando de medo
Mas eu sei bem qual a maneira
Eu posso te dar o segredo

GALILEU

Fala de uma vez e cumpre o trato
E depois some para o fogo do inferno

ROSA MARIA

Está bem eu cumpro o contrato
Escuta bem o meu conselho
Só tem um jeito e uma só maneira
De você se livrar da fogueira
Vai lá nos homens e diz que era brincadeira
Que você só tinha falado e escrito besteira

GALILEU

408

Não posso mudar a minha heroica conduta
Arranja outro jeito seu filho da puta

ROSA MARIA

Você me faz rir cada vez que me xinga
Tenho pena de você pobre mortal
Mas se quer tirar o cu da seringa
Vai lá nos homens e abre o missal
Desmente as potocas dementes
Põe tudo no velho lugar
Aí eles ficam contentes
E podem até te libertar

GALILEU

E se eu não aceitar isso?

ROSA MARIA

Vais virar chouriço
Ser moído de porrada
Nunca mais terás serviço
Vais dar aulas nas calçadas

GALILEU

Eu tinha tanto compromisso
Tanto dever, hora marcada

ROSA MARIA

Lembra bem só tens mais um pedido
Se quiser gastar agora é só mandar

GALILEU

Não, seu dever por ora está cumprido
Pode ir diabo espero não mais te encontrar

409

Rosa ri.

ROSA MARIA

Que é isso Galileu
Vamos nos ver um dia
Quem te diz sou eu
Achas que eu te mentiria

GALILEU

Não suporto esse cheiro de breu
Suma daqui figura sombria

ROSA MARIA
Até à vista Galileu
Até mais ver até um dia...

Rosa Maria volta a si.

ROSA MARIA
O que foi que aconteceu
minha pele se arrepia

GALILEU
Não foi nada, aqui estou eu
Olha aí vem o vigia...

ROSA MARIA
Então, o que vai fazer da vida

410

GALILEU
Defender minha ideia proibida

VIGIA
A hora da visita está vencida
Sua mulher tem que ir embora

ROSA MARIA
O que é que eu vou fazer agora

GALILEU
Rosa Maria não chora

VIGIA
Vamos acabou a sua hora

Vigia leva Rosa Maria e Galileu fica ali desanimado.
Vem o torturador.

TORTURADOR

Eu sinto tanta pena Galileu
Gostaria de te mandar pra fora
Mas parece que você não se convenceu
De que suas ideias são erradas
Que solidão deve sentir sua esposa
Que falta ela sente de você Galileu
Em casa pelas horas tão paradas
Não sei o que te dizer agora
Senão que seu único amigo sou eu
Te peço, amigo, desiste da jogada

411

GALILEU

Vai daqui você não presta
Está querendo me enfraquecer
Saiba que tenho uma mulher honesta
Ela saberá bem sobreviver

TORTURADOR

Mas para que deixar ela sofrer
Bem, vou diminuir a tua solidão
Vou te dar um bom companheiro
Ele já vem e vai te conhecer
Não é um sábio, é um pobre bruto
Fica com ele neste meu viveiro
Vai ser bom, vai se entreter

CENA 15 NO DOS OUTROS NÃO DÓI

Entram os guardas e trazem um homem de calção. Ele anda como se tivesse as pernas grudadas, passos muito lentos e curtos, e sofre muito.

GALILEU

Como vai meu camarada
Eu sou Galileu o cientista
Vamos dividir esta cela
Como vê não é lugar de luxo

Bruxo geme:

BRUXO

412

Eu já o conheço de vista
Eu sou acusado de ser bruxo
Porque curei alguém de erisipela

GALILEU

Mas me diga por que está sofrendo
É fome não te deram um pouco de comida?

BRUXO

Não é nada, senhor, o que está doendo
Eu tenho no corpo uma atroz ferida

GALILEU

Estás pálido com o corpo tremendo
Em que parte está essa coisa dolorida

BRUXO

Senhor eu morreria envergonhado
Está em uma parte tão escondida

GALILEU

Você me deixa preocupado
Vamos conta sou teu camarada

BRUXO

Eu fui muito maltratado
Mas não quero dizer mais nada

GALILEU

Se quer assim eu fico calado
Mas onde estará essa dor danada

413

BRUXO

Deixe que a dor seja só minha
Esta dor tão desesperada

GALILEU

Estás branco feito farinha
Essa dor tem que ser curada

BRUXO

Conhece a tortura do pé de galinha
Foi essa que me foi aplicada

GALILEU

Tortura do pé de galinha
Disso eu nunca ouvi falar

BRUXO

Pois então vê se adivinha
Um pé de galinha onde pode entrar

GALILEU

Bem eu acho que um pé de galinha
Não.. não consigo imaginar

BRUXO

Ah céus. Oh Deus oh vida minha
Não serei eu quem te vai contar

GALILEU

414

Meu Deus eu li na entrelinha
Acho que sei qual é o seu sofrer
Cruel tortura da mente tão mesquinha
Destes tiranos loucos do poder
Sei onde está o pé de galinha
Você não pode tanto assim sofrer

BRUXO

Mas nada podes fazer
Onde entrou fechado só aberto será tirado

GALILEU

Meu Deus como vai doer
Como sofre este coitado

BRUXO

Se fico quieto dói adoidado
Se tento tirar dói dobrado

GALILEU

Não pode ficar sofrendo

Vamos eu te ajudo puxo com jeito

BRUXO

Não aguento mais estou morrendo

Tenta, mas faz o trabalho direito

GALILEU

Deita aqui, vou fazer a operação

BRUXO

Na tua mão a minha salvação

GALILEU

Vamos baixa o teu calção

415

BRUXO

Meu Deus que grande humilhação

GALILEU

Quieto o orgulho agora não conta

Não se mexa que eu vou te curar

Agora já peguei à unha a ponta

Se segura que eu vou puxar...

Galileu puxa. O bruxo dá um grito lancinante.

Galileu levanta com pé de galinha ensanguentado na mão.

GALILEU

Cabeças doentes malditas
Inventores de martírios
O que será nessas almas habita
Que demônios que delírios
Está melhor meu camarada?

BRUXO

A dor está aliviada...

GALILEU

Vou pedir uma pomada...

Entra Torturador. Vem com uma latinha de pomada.

416

TORTURADOR

Eu sabia que você era um bom rapaz
Está aqui a pomada para seu amigo

Torturador dá a pomada ao bruxo.

GALILEU

Você é o próprio Satanás
Não merece ser chamado de gente

TORTURADOR

Eu sabia que serias capaz
De tratar do amigo tão doente

Torturador pega o pé de galinha com muito nojo
e mostra para Galileu.

TORTURADOR

Você foi amigo e solidário
Eu fiquei muito admirado
Agora somente um comentário
Sobre este homem coitado
Um pobre bruxo, um otário
Que se voltou contra o sagrado
Um charlatão um salafário

GALILEU

Um ser humano humilhado
Um Cristo no seu Calvário

TORTURADOR

Galileu está emocionado?
Pois eu tenho uma proposta
Diga que está errado
Quero ouvir sua resposta

417

GALILEU

Nunca, seu celerado
O Sol é o centro do sistema
É o centro lá parado
A Terra é que se move no esquema

TORTURADOR

Chega, Galileu
Estás vendo o pé de galinha
Agora responde uma pergunta minha
Responde Galileu

Onde preferes isto?
No cu dele, ou no teu?
Num dos dois vai o ouriço
Responde Galileu
Onde vai isto
No dele ou no teu?

GALILEU

Pobre homem... pobre ateu
E você, triste serviço
Eu, Galileu como meu compromisso

TORTURADOR

418

Vamos sábio sai do enguiço
Fala logo, no dele ou no teu...
Se não mudares tua ideia cretina
Vou botar isso no teu
Sem dó nem vaselina...

GALILEU

E se falo eu
Perdoas ao pobre bruxo?

TORTURADOR

Já disse, é no dele ou no teu
Não me venhas com luxo
Guardas segurem Galileu

Guardas seguram Galileu.

TORTURADOR

Vamos lá grande Galileu
Isso vai no dele ou vai no teu?

GALILEU

No meu... No meu nãoooooooooo
Vai no cu do pobre bruxo ateu!

TORTURADOR

E agora me diga Galileu
Enquanto o pé de galinha se enterra
O que está no centro do Universo
O Sol ou a Terra?

GALILEU

É...

419

BRUXO

Nãoooooooooooooooooo
Não enterraaaaaaaaa!!!

GALILEU

É a Terraaaaaaaaaaaaa!!!

CENA 16 O SOL VOLTA A RODEAR A TERRA

NARRADOR

Ah tempos negros e sombrios
Onde só a semente do mal vinga
Galileu jogou fora seus brios

E tirou o seu cu da seringa
Daí foi levado de volta à Inquisição
E diante dos monges deitou falação.

INQUISIDOR

Galileu da Galileia
Me responda por favor
De onde surgiu essa ideia
De ofender Nosso Senhor

GALILEU

420 Eu estava assombrado
Encantado e enganado
Foi um erro um pecado
Pelo mal fui atentado

INQUISIDOR

Galileu em prosa ou verso
Me responda no momento
Se no meio do Universo
A Terra fica no centro

GALILEU

A Terra fica no meio
Como falam as Escrituras
O Sol se move de permeio
Dando luz às criaturas

INQUISIDOR

Galileu da Galileia
Escapou de ser queimado
Só porque mudou de ideia
Vai ser quase perdoado
Vai ficar preso em casa
Pra pensar no seu pecado
Pra nunca mais criar asa
Para merecer a graça
Vai fazer uma conferência
Para o povo lá na praça
Desmentindo a indecência
Na frente de toda a massa

NARRADOR

E Galileu foi levado ao meio do povo
Para desdizer tudo o que tinha dito
E os que tinham pensamento novo
Deram vaia no maldito
Colombo ganhou no ovo
Galileu perdeu no grito

GALILEU

Por isso eu devo dizer que foi mentira
Que eu escrevi no meu livro safado
A Terra não se move é o Sol que gira
Conforme está escrito no livro tão sagrado

ESTUDANTES

Cala a boca covarde
Cala a boca veado

GALILEU

Pimenta no cu dos outros não arde
Queria ver vocês cortar um recortado...

ESTUDANTES

Cala a boca vendido
Cala a boca reacionário

GALILEU

Vendido, ora onde é que já se viu
E tem outra, reacionário é a puta que os pariu

Apedrejam Galileu.

NARRADOR

422 Galileu chora, se comove
E ninguém o escuta dizer:

GALILEU

Mas apesar de tudo
A Terra é que se move

CENA 17 AULA: COM A CIÊNCIA NA CABEÇA

NARRADOR

Depois ele voltou à prática
Na sua prisão domiciliar
Dando aulas de matemática
Pra poder se sustentar
Vejam que situação dramática
Que agora vai se passar

Galileu e seus quatro alunos. Maria Rosa serve café com bolinhos. Os alunos Vicente, Jó, Ari e Bruno trazem as cabeças com tampas falsas.

GALILEU

Bom hoje é dia de sabatina
Vamos saber das coisas e medir o prumo
Ver quem sabe o rumo das ciências puras
Vamos ver qual é o seu prumo
E o que tem dentro destas cabeças duras...

Vai até Ari

GALILEU

Meu bom aluno Ari, deixe ver seu coco

423

Abre a tampa e tira um bolo de barbante e cordas cheios de nós. Joga dentro de volta e ainda sobra muito para fora, como macarrão.

GALILEU

Estás com as ideias um pouco confusas
Mistura a paga e confundes o troco
Teu remédio aqui está meu oco
Usa isto no teu coco

Galileu joga uma tesoura dentro da cabeça e fecha a tampa. Vai para Jó.

GALILEU

Vamos agora ver meu caro Jó
O que temos nesta sinagoga

Abre, observa, cheira, põe o dedo e prova.

GALILEU

Não é possível, tenha dó
É pura merda esta droga

Galileu pega umas flores num vaso e planta na
cabeça dele.

GALILEU

424

Usa isto meu caro Jó
Aproveita o que te afoga

Galileu vai para Bruno. Abre a cabeça dele, pro-
cura com lente e não vê nada.

GALILEU

Meu caro Bruno
Que maçada
Aqui dentro não há nada
Limpo como alma de criança
Mas se não há nada
Ainda resta uma esperança

Fecha a cabeça de Bruno e vai ao seu favorito
Vicente.

GALILEU

Você meu bom Vicente
Não é qualquer bagulho
É o discípulo mais inteligente
De ti eu tenho muito orgulho

Abre a cabeça de Vicente... Assusta-se e tira algo,
devagar. É a calcinha de Rosa Maria.

GALILEU

Então é nisso que você tem pensado
Fora daqui seu sujo, porco, ingrato

VICENTE

Mestre, estou envergonhado
Eu sei que isso é muito chato
Mas eu estou apaixonado
Amar não é proibido

425

GALILEU

E você Rosa Maria dê o recado
Me diga se ele é correspondido

ROSA MARIA

Quando estavas na prisão
Ele ficou ao meu lado
Ganhou o meu coração
O nosso amor é sagrado

GALILEU

Fora daqui sua prostituta
E você também seu gabiru
Fora sua puta fajuta
Te dou um pé nesse cu

Vizinhos. Escândalo geral. Galileu quebra tudo.

CENA 18 GALILEU GIRA SOZINHO

NARRADOR

Galileu ficou sozinho mais sozinho do que era
Rosa Maria e Vicente mandaram pé neste mundo
Galileu não mais amou nem andou buscando
quimera

426

Escreveu e estudou levou sua teoria a fundo
Terminou seu livro e hoje está à espera
Do maior editor de todo o grande mundo
É um dia limpo e claro de uma primavera
Galileu espera aflito segundo após segundo

Galileu já bem velho, com seus originais:

GALILEU

Oh Deus meu eu estou nervoso
À espera desse homem importante
Mas como vai ser gostoso
Ver meu livro em cada estante
Eu vou ficar orgulhoso
E o mundo vai ir pra diante

Batem à porta. Galileu vai atender. Entra o Editor.

GALILEU

Entre meu amigo a casa é sua
Sou Galileu da Galileia em pessoa

EDITOR

Vamos logo, dê pra cá a obra sua
Posso ser preso e o tempo voa

GALILEU

Está aqui meu caro nesta embalagem
Para disfarçar e dar mais segurança
Eu sei que é preciso muita coragem
Para levar essa obra de esperança
Vai com cuidado ela está bem fechada
Dentro desta caixeta de goiabada

427

EDITOR

Óquei, óquei quanto a seus direitos autorais
Eu já vou dizendo que são só dez por cento
Eu vou ter gastos grandes monumentais
Para dar à luz este seu rebento

GALILEU

Será que não pode ser um pouco mais
Eu não posso viver de comer vento

EDITOR

Esses pedidos são imorais
Mas eu dou mais dois por cento

GALILEU

Agora está bom, está bom demais
Leva isto, terminou o meu tormento

O editor leva a caixeta de goiabada. Galileu toma
um trago e faz um brinde:

GALILEU

Doze por cento... Porra!
Vai dar pra pagar a senhoria
Vamos viver antes que eu morra
Ah se estivesse aqui Rosa Maria

CENA 19 NO FIM, GALILEU BUSCA ROSA MARIA

428

Fim da história de Galileu da Galileia

NARRADOR

A velhice foi chegando para o pobre Galileu
Ele foi sobrevivendo dando aula à juventude
Vivia na solidão de um quarto de pensão
Não mais viu Rosa Maria ela como que morreu
Andava mal e capengando tendo falta de saúde
Até que ficou sabendo que o amor de
seu coração
Trabalhava como puta num puteiro em Viamão
Galileu seguiu depressa no primeiro lotação
Ainda estava apaixonado por sua Rosa Maria
E a cena aqui começa na tarde daquele dia

Galileu chega ao puteiro, a mulherada numa mesa. O garçom bicha vem atender.

GARÇOM

Boa-tarde cavalheiro
O senhor chegou bem cedo
Mas toda hora é boa hora
Pra quem quer tirar um sarro
Mas diga logo o que quer
Cerveja, sanduíche ou cigarro
Se é comigo a sua simpatia
Já sabe que mais do que tenho
Infelizmente não posso dar
Mas no trabalho me abstenho
Por isso não queira me tentar

429

GARÇOM

Temos louras, morenas e mulatas
Temos ruivas, cafuzas, negrinhas
Todas elas muito safadas
E todas muito escoladinhas
Vê lá naquela mesa a mulherada
Pode escolher que eu levo o recado
E logo ela será apresentada
E depois de uma cerveja e do preço tratado
Pode levá-la ao quarto dezenove
E fazer com ela o que der na suja mente
O doze, o onze, o vinte e dois e o sessenta e nove
Na frente como Deus permite convenientemente
Atrás que a mim francamente mais comove
Vamos doutor diga logo por qual delas se decidiu

GALILEU

Vim até aqui em busca de Rosa Maria
A quem não vejo desde que partiu
Se ela não está eu volto noutro dia
Não a estou vendo parece que saiu

GARÇOM

Muito ao contrário, ela está por aqui mesmo
Está lá em cima atendendo a um bom freguês
Já já que ele acaba e goza
E ela vem atender ao marquês

GALILEU

430

Não sou marquês bicha louca
Eu sou um professor arruinado
Não aparece porque sobrou muito pouca
A dignidade que eu tenho como letrado

GARÇOM

Mas veja, é ela quem entra no salão
Rosa Maria, meu bem está aí um fã seu
Diz que é professor o paspalhão

ROSA MARIA

Meu Deus, é ele... É Galileu
Há quanto tempo eu não te via

GALILEU

Sim Rosa Maria sou eu
Há quanto tempo não te via

ROSA MARIA
Você foi um ingrato
Me abandonou na vida

GALILEU
Depois daquele feio ato
O que eu podia, querida

ROSA MARIA
Como você está velho Galileu
Muito mais velho do que eu

GALILEU
E seu grande amor, o Vicente
Parece que também te deixou

ROSA MARIA
Ele era um veado indecente
Foi ele que aqui me jogou

GALILEU
Pobre Rosa Maria eu tenho dó
Quanto deves ter sofrido

ROSA MARIA
Não precisa ter tanta dó
Você está ainda mais fodido

GALILEU
Lembra do pacto com o cão
Ainda me resta um terceiro pedido

ROSA MARIA

Não faço mais aquilo não
Nisso você não vai ser atendido

GALILEU

Se não faz isso faça comigo
O que faz sempre por dinheiro
Deixe que vá pra cama contigo
E eu te pago em muito bom dinheiro

ROSA MARIA

Cuidado que eu não sou de brincadeira
Se você está duro não vou te dar fiado
Vamos lá, abre e mostra dentro da carteira
Que eu quero ver a cor do seu trocado

432

GALILEU

Pois veja, Rosa Maria, aí está
Esta grana será toda sua
Vamos que eu quero te amar novamente
Quero te ter em meus braços toda nua

Rosa Maria levando Galileu pela mão:

ROSA MARIA

Fique sabendo velho muxibento
Que pra tirar a roupa inteira
Eu cobro taxa de mais cem por cento
E mais duzentos para virar a traseira

GALILEU

Eu pago tudo, amor da minha alma
Eu pago tudo e mais o que pedir
Mas vamos ter uma noite calma
Há tanto o que lembrar, tanto o que sentir

ROSA MARIA

Se você ficar a noite e a madrugada
Vou ter que te cobrar mais uma taxa
Mas vamos logo que eu estou cansada
De bater papo grátis, só na faixa

CENA 20 FINALMENTE, O TERCEIRO PEDIDO AO DEMO

O último pedido ao diabo.

433

NARRADOR

Galileu ali diante de sua Rosa Maria
Fica sem saber o que fazer com ela
Sua pica aposentada encolhida mole e fria
Ali na frente, ainda boa de comer e quase bela
A puta Rosa Maria lembrou sua tesão
E Galileu diante dela numa tal situação
Vejam agora meus amigos como foi que tem fim
A história de Galileu

ROSA MARIA

Vamos Galileu, seu velho broxa
Você nem parece mais aquele que eu vi

Você está mole, está um chato de galocha
Se não dá no couro, porque é que veio aqui...

GALILEU

Não me resta outra coisa senão pedir ajuda
Eu tenho um terceiro desejo a pedir ao Satanás
Fique quieta, cale a boca sua velha linguaruda
Eu invoco neste instante o cão negro,
o mau rapaz
Que te tome por inteira vindo aqui se apresentar
Temos trato tão antigo que talvez não vá lembrar

Rosa tem estertor. Numa gargalhada:

434

ROSA MARIA

Não tenha medo Galileu, eu nunca me esqueço
Eu lembro de tudo desde o começo da história
Eu tinha medo que não me desses o que
eu mereço
Podia ser que tivesses perdido a memória
Ah Galileu, eu te segui pela vida na minha
televisão
Eu vi como te foderam depois que saiu da prisão
Eu vi como teus seguidores te chamaram
de traidor
Só porque você teve medo de enfrentar
o torturador
E agora você me invoca para o último pedido
Vamos lá, eu estou aqui a seu inteiro dispor

GALILEU

Eu quero, demônio negro e fodido,
Apenas um minuto de amor

Luzes. Galileu volta à juventude. O diabo abandona Rosa Maria e eles se enlaçam no mais furioso amor.

CENA 21 ENFIM, O FIM

Cena Final.

NARRADOR

O Diabo deu até mais do que Galileu pediu
O amor durou três dias e três noites não dormiu
Era um fole resfolegando num forró desesperado
Era um ai, um ui, um nossa, um suspiro entrecortado
Mas até que enfim se deu o entrevero por acabado
Galileu e Rosa Maria desceram para o salão
Era noite saturnina de muita animação
As putas e os estudantes em alta comemoração

435

ESTUDANTE

Olha lá minha gente vocês veem como eu
Quem vem ali com madame depois de uma
boa foda
É o professor Galileu
Inventor até da roda
Como todos sabem, o Professor
Foi sempre um bom covarde

Foi canalha e delator
E muito reacionário

ESTUDANTE

Ele mesmo quis fazer uma grande revolução
Mas depois se cagou todo e se vendeu à reação
E agora que está velho vive de uma sinecura
Presente desta porca e suja situação
Diante dele qualquer puta é pura
O professor é lama, cancro e podridão
Eu peço a todos aqui presentes
Que ignorem este ser perverso

GALILEU

436

E quem é que provou matematicamente
Que o Sol era o centro do Universo?
Fui eu, Galileu da Galileia, porra
E quem é que inventou a luneta
Pra olhar de perto os astros em seu passeio
Fui eu que fiz o lindo, o belo, o horrível e o feio
Mas fui do meu tempo o mais inteligente
E que se fodam vocês todos e mais toda gente
Eu acabei de acabar... Eu acabei de acabar
É chegada a hora, é chegado o dia
A alma sai do corpo, a carcaça se esvazia
Oh Deus infinito
Ouça meu alto grito
Quero um lugar no Paraíso

Cessa todo meu juízo
Eu morro assim aflito

Sem mistério nem aviso
Estou na merda estou frito
Mas eu sei que é preciso
Me libertar de tal conflito

Se vou para o céu
Deixo minha alma voar
Mas se ela vai para o inferno
Então...
Então, preciso acender uma vela
Também para Satanás
Me dê mais um minuto seu puto
Dou em troca a luneta o compasso
A descoberta do Universo
Dou tudo isso por um minuto de amor
Oi vida
Melhor é saber nada
que saber pela metade

Galileu cai. Estudantes pegam copo, enquanto
Rosa Maria o abraça.

ESTUDANTES

Galileu é bom companheiro
Galileu é um sujeito batuta
Galileu é um bom companheiro
Galileu é um filho da puta

E vão seguindo, até que termine tudo.

Finis

Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
O Mais Menino de Nossos Irmãos Mais Velhos – Oswaldo Mendes	11
Introdução – Chico de Assis	17
O Testamento do Cangaceiro	21
As Aventuras de Ripió Lacreia	119
Farsa com Cangaceiro, Truco e Padre	247
Galileu da Galileia	353

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Maurício Arruda, José Roberto Torero, Mariana Veríssimo e Luiz Villaça

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Org. Luiz Antônio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Rubem Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sérgio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

***Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas
no Planalto***

Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito

Roteiro de José Mauro Brant e Antonio Gilberto

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

*O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia*

Alcides Nogueira

*O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro*

Ivam Cabral

*O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma*

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

*O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida*

Samir Yazbek

*Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena*

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arllete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

***Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movidada pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 460

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Teatro Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Editoração	Selma Brisolla Fátima Consales
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Assis, Chico

Chico de Assis : o teatro de cordel de Chico de Assis / Chico de Assis. - São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo , 2009.

460p. - (Coleção aplauso. Série teatro Brasil / coordenador geral Rubens Ewald Filho).

Conteúdo: O testamento do cangaceiro – Farsa com cangaceiro, truço e padre – Galileu da Galileia.

ISBN 978-85-7060-777-5

1. Crítica teatral 2. Peças de teatro 3. Teatro – História e crítica I. Ewald Filho, Rubens II.Título. III. Série.

CDD 809.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura : História e crítica 809.2

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2009

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

Como ator, escritor, professor, roteirista e dramaturgo, Francisco de Assis Pereira ou **Chico de Assis** tem sido uma das figuras mais importantes e admiradas da cultura paulistana. Fez parte da primeira geração do Teatro de Arena como ator e escritor enquanto aprendia televisão como câmera; e fez de tudo na pioneira do Brasil, a TV Tupi de São Paulo. Depois no Rio, fez parte do famoso Centro Popular de Cultura e foi um dos autores da proibida *Canção do Subdesenvolvido*.

Autor do texto da célebre *Missa Leiga*, dirigida por Ademar Guerra, também escreveu muitas novelas para a televisão (*Bicho do Mato*, *Ovelha Negra*, *Xeque-Mate*, *Cinderela 77*, *Salário Mínimo*), roteiros para cinema (*Na Estrada da Vida*, de Nelson Pereira dos Santos, *Fuscão Preto*).

Sempre se interessou pela Literatura de Cordel, desenvolvendo uma trilogia inspirada nela: *O Testamento do Cangaceiro*, *As Aventuras de Ripió Lacaia*, *Farsa com Cangaceiro*, *Truco e Padre*, além de *Galileu da Galileia*, peças que agora são editadas em livro pela primeira vez na **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, no seu trabalho de registro e preservação da memória cultural brasileira.

ISBN 978-85-7060-777-5



9 788570 607775